

---

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E  
TECNOLOGIAS**

---

**CAPOEIRAGEM E TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES CULTURAIS**

**ARTHUR BERNARDINO DOMENE SENA**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**Fevereiro - 2018**

ARTHUR BERNARDINO DOMENE SENA

CAPOEIRAGEM E TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES CULTURAIS.

Orientador: Afonso Antonio Machado

Dissertação apresentada para o Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**Fevereiro - 2018**

796.01 Sena, Arthur Bernardino Domene  
S474c Capoeiragem e tecnologias : possibilidades culturais /  
Arthur Bernardino Domene Sena. - Rio Claro, 2018  
107 f. : il., gráfs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Subjetividade. 3.  
Capoeira. 4. Tecnologias. 5. Psicologia. I. Título.

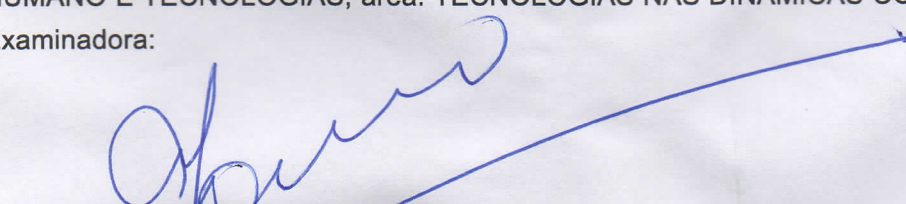
**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

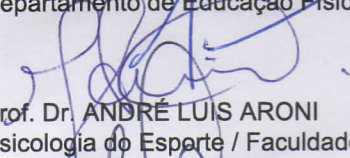
**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: CAPOEIRAGEM E TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES CULTURAIS**

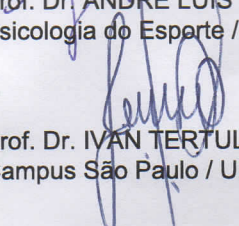
**AUTOR: ARTHUR BERNARDINO DOMENE SENA**

**ORIENTADOR: AFONSO ANTONIO MACHADO**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em DESENVOLVIMENTO HUMANO E TECNOLOGIAS, área: TECNOLOGIAS NAS DINÂMICAS CORPORAIS pela Comissão Examinadora:

  
Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO  
Departamento de Educação Física / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

  
Prof. Dr. ANDRÉ LUIS ARONI  
Psicologia do Esporte / Faculdade Metrocamp - Campinas - SP

  
Prof. Dr. IVAN TERTULIANO WALLAN  
Campus São Paulo / UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo - SP

Rio Claro, 19 de fevereiro de 2018

Dedico este trabalho aos meus amados pais, a minha tia madrinha e a minha namorada, pois sem o apoio emocional, o carinho de vocês certamente não teria chegado ao fim dessa jornada com êxito.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que me concedeu uma família unida e preocupada, um anjo da guarda, saúde física e mental para me manter firme até o fim da batalha pela conquista do título de mestrado.

Agradeço aos meu pais Gilberto Bernardino Sena e Mariângela Lunardelli Domene Sena pela minha vida como um todo, minha educação, os ensinamentos éticos, os valores familiares, por me darem suporte durante toda minha existência e, em especial, também por me apoiarem nessa caminhada para o término do mestrado.

Agradeço a minha tia madrinha Maria Lígia Lunardelli Domene, que está presente em minha vida de maneira ativa desde meu nascimento, pelo apoio em relação ao mestrado, pela motivação em me manter firme, pela gentileza e carinho de ceder espaço em sua casa, em sua rotina, permitindo que eu tivesse muito conforto e facilidades numa cidade inicialmente desconhecida.

Agradeço a minha namorada Juliana Medeiros Alves, pela escuta, pelo apoio emocional, pelas sugestões frente as dúvidas durante o mestrado. Sou grato ainda pelo sorriso, pelo carinho, pelas brincadeiras e toda descontração. Sou grato pelo amor que me dá, pois me faz querer ser uma pessoa melhor e grato pelo exemplo no dia a dia que me ensinou tornar a vida um momento especial, mais leve, de maneira simples.

Agradeço ao meu orientador e amigo prof. Dr. Afonso Antonio Machado, por ter me ajudado desenvolver como pessoa e como profissional. Pela generosidade de ter me acolhido e dado oportunidades sem praticamente me conhecer. Pelos conselhos e também muitas risadas.

Agradeço ao amigo Kauan G. Morão pela amizade, por me auxiliar nessa jornada com os trabalhos, explicando o funcionamento das atividades no laboratório, pela parceria, pela paciência e pelas risadas.

Agradeço aos amigos, Joacks de Paula Lemos Filho, Guilherme Bagni, pela parceria troca de experiências e pelos simples bons momentos como tomar um café, pois certamente tornaram mais leve o ambiente de trabalho.

Agradeço ao demais membros do LEPESPE como um todo, pois me mostraram a importância da diversidade dentro de um grupo com um mesmo

objetivo, a psicologia do esporte, pois os mais diferentes olhares podem se complementar, ou até mostrarem novas possibilidades de ação.

Agradeço aos professores Dr. Daniel Presoto e Dr. André Luis Aroni por fazerem parte da minha banca de qualificação e defesa, bem como por me auxiliarem a desenvolver um trabalho de qualidade e por serem exemplos de bons profissionais.

Agradeço ao prof. Dr. Ivan, pela amizade, pelos momentos de descontração, pela presteza em me receber em São Paulo cedendo um espaço em sua casa após as palestras, pelos ensinamentos e por ter aceito numa situação de emergência participar da minha banca de defesa.

Agradeço a todos meus professores da Universidade Federal de Mato Grosso, e em especial profa. Dra. Juliana Cristina Donadone, prof. Dr. Alcindo José Rosa e Fausto Calaça G. de Castro que me transformaram em um psicólogo preocupado de fato com a essência humana, buscando a compreensão e autonomia das pessoas.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao meu Mestre de Capoeira Salvador Alves de Souza, que me ensinou a arte da capoeiragem, a malícia da roda da vida, que me ensinou a me proteger e que foi como um pai dentro desse mundo tão rico em cultura, música, luta, cantos e danças chamado capoeira.

A incerteza é uma das características da nossa condição, quer gostemos de admitir isso ou não. Talvez valha a pena aceitar nossa realidade com mais docilidade e ver o que podemos extrair de positivo dela.

*(GIKOVATE, 2014, p.47)*



## **CAPOEIRAGEM E TECNOLOGIAS: POSSIBILIDADES CULTURAIS.**

### **RESUMO**

Atualmente a sociedade conta com diversos tipos de tecnologias (redes sociais; televisivas; filmográficas; smartphones, etc.) que fazem parte da realidade cotidiana da sociedade contemporânea. O acesso ou falta de acesso às mesmas pode gerar diversos tipos de influência na subjetividade humana (individual e/ou coletiva). Sendo assim, o objetivo do presente projeto foi investigar a influência da tecnologia sobre a subjetividade humana. Participaram do estudo 22 integrantes de diversos grupos de capoeira, de ambos os sexos, com no mínimo 4 anos de prática, contemplando todas as posições hierárquicas da capoeira. O tipo da pesquisa foi qualitativa, com entrevistas semi-estruturada (presencialmente) e netnográfica (via questionários online do Google Formulários) nos casos de impossibilidade de encontro para a coleta de dados. Os dados foram analisados à luz da pesquisa qualitativa e trabalhados segundo a análise de conteúdo proposta por Bardim (2011) e Richardson (2007). Os resultados mostraram que de fato as Tecnologias da Informação e Comunicação interferem na expressão da cultura e na subjetividade dos capoeiristas diariamente. Sendo assim, com as mudanças sociais e de postura dos capoeiristas entre si e também com os não praticantes da arte da capoeiragem, houve uma nova maneira de se entender essa luta. Logo, a capoeira sai da marginalidade e passa ser socialmente e artisticamente aceita, bem como retratada como algo belo, compreendida como um patrimônio cultural brasileiro e um bem imaterial da humanidade. Assim, mestres, contramestre, formados professores e alunos passam a valerem-se das redes sociais virtuais, das TIC como um todo para expressarem e incentivarem um estilo de vida, de modo a movimentar um mercado consumidor de filmes, música, história, ensino/aprendizagem. Enfim, de marginalizados e oprimidos, a subjetividade dos capoeiristas tornou-se empreendedora e internacional na busca de praticantes para as academias do Brasil e do mundo.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Capoeira; Tecnologias; Psicologia.

## **CAPOEIRAGEM AND TECHNOLOGIES: CULTURAL POSSIBILITIES.**

### **ABSTRACT**

Nowadays the society has several types of technologies (social networks, television, movies, smartphones, etc.) that are part of daily reality of contemporary society. Access or lack of access to them can generate different types of influence on human subjectivity (individual and / or collective). Thus, the objective of this project was to investigate the influence of technology on human subjectivity. Twenty-two members of various capoeira groups of both sexes participated in the study, with at least 4 years of practice, including all capoeira hierarchical positions. The type of research was qualitative, with semi-structured interviews (in person) and netnographic (via online questionnaires from Google Forms) when there was no chance of a meeting for data collection. The data were analyzed through a content analysis proposed by Bardim (2011) and Richardson (2007). The results shows that in fact the Information and Communication Technologies interferes in the culture expression and in the subjectivity of the capoeiristas daily life. Despite of the social and posture changes of the capoeiristas among themselves and also not practitioners of the art of capoeira, there was another way of understanding this fight. Therefore, capoeira left marginality and became socially and artistically accepted, as well as represented beautifully, understood as a Brazil's cultural heritage and world heritage. Thus, masters, contramestres, formados professores and alunos take advantage of virtual social networks, ICT in general to express and encourage a lifestyle, in order to move a consumer market, music, history, teaching / learning. Finally, from the marginalized and oppressed, the subjectivity of the capoeiristas had become entrepreneurial and international through the demand of looking for practitioners to the brazilian academies and around the world.

**Keywords:** Subjective; Capoeira; Technologies; Psychology.

.

## LISTA DE GRÁFICOS

|                                                                                       |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1.</b> Relato dos usos das redes sociais virtuais pelos capoeiristas ..... | 55 |
| <b>Gráfico 2.</b> Relato dos capoeiristas sobre os usos dos grupos de capoeira .....  | 56 |
| <b>Gráfico 3.</b> T.I.C. usadas pelos grupos de capoeira. ....                        | 57 |
| <b>Gráfico 4.</b> Principais buscas realizadas pelos capoeiristas na internet. ....   | 58 |
| <b>Gráfico 5.</b> Locais virtuais de expressão dos capoeiristas. ....                 | 59 |
| <b>Gráfico 6.</b> Onde os capoeiristas buscam material sobre a capoeira .....         | 60 |
| <b>Gráfico 7.</b> Funcionalidade das redes sociais relatadas pelos capoeiristas ..... | 61 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**AVA** - Ambiente Virtual de Aprendizagem

**EAC** - Ensino Assistido por Computador

**EAD** - Ensino a Distância

**EUA** - Estados Unidos da América

**CECA** - Centro Esportivo de Capoeira Angola

**PePSIC** - Periódicos Eletrônicos de Psicologia

**PPG-DEHUTE** - Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias

**ICANN** - Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (Corporação da Internet para Assinatura de Nomes e Números)

**IP** - Internet Protocol (Protocolo de Internet)

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural

**LEPESPE** - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte

**LILACS** - Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde

**SciELO** - Scientific Electronic Library Online (Biblioteca Científica Eletrônica Online)

**SPHAN** - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

**TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

**TIC** - Tecnologias da Informação e Comunicação

**UNESCO** - Organização das Nações Unidas, Ciência e a Cultura

**UNESP** - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

**WWW** - World Wide Web (vasta rede mundial)

## SUMÁRIO

|                                                                                                                                                                 |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                        | <b>12</b> |
| <b>2 OBJETIVO.....</b>                                                                                                                                          | <b>14</b> |
| 2.1 Objetivo geral .....                                                                                                                                        | 14        |
| 2.1 Objetivos específicos .....                                                                                                                                 | 14        |
| <b>3 HIPÓTESE.....</b>                                                                                                                                          | <b>15</b> |
| <b>4 JUSTIFICATIVA .....</b>                                                                                                                                    | <b>16</b> |
| <b>5 CORPO TEÓRICO.....</b>                                                                                                                                     | <b>18</b> |
| 5.1 Um pouco sobre tecnologia .....                                                                                                                             | 18        |
| 5.2 Redes sociais virtuais, contextualizando um novo modo de comunicação .....                                                                                  | 26        |
| 5.2.1 Regras de “etiqueta”, cuidados a serem tomados com as redes sociais virtuais ...                                                                          | 28        |
| 5.3 Sujeito, Subjetividade e Subjetivação .....                                                                                                                 | 30        |
| 5.3.1 Em que ou como a compreensão de subjetividade nos possibilita desenvolver como ser humano, como cidadão participante de um contexto sócio-cultural? ..... | 34        |
| 5.3.2 Por que a subjetividade é importante para este estudo? Qual contextualização? ..                                                                          | 35        |
| 5.4 Capoeiragem .....                                                                                                                                           | 37        |
| 5.4.1 Mudanças: De proibida, perseguida e marginalizada, a algo socialmente aceito e admirado no mundo! .....                                                   | 42        |
| 5.4.2 Subjetividade e Capoeira, subjetivação e capoeiragem .....                                                                                                | 45        |
| <b>6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>                                                                                                                       | <b>47</b> |
| 6.1 Tipo de Pesquisa .....                                                                                                                                      | 47        |
| 6.2 Participantes .....                                                                                                                                         | 48        |
| 6.3 Materiais e Instrumentos.....                                                                                                                               | 49        |
| 6.4 Procedimentos: Coleta de Dados e Aspectos Éticos.....                                                                                                       | 50        |
| 6.4.1 Etapa A.....                                                                                                                                              | 50        |
| 6.4.2 Etapa B.....                                                                                                                                              | 51        |
| 6.4.3 Etapa C .....                                                                                                                                             | 51        |
| <b>7 ANÁLISE DE DADOS .....</b>                                                                                                                                 | <b>53</b> |
| <b>8 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>                                                                                                                           | <b>54</b> |
| 8.1 Análise da produção cultural dos capoeiristas .....                                                                                                         | 54        |
| 8.2 O impacto e utilização das TIC nas práticas e tradições da capoeira.....                                                                                    | 57        |
| 8.3 Reflexão sobre a produção cultural e subjetividade .....                                                                                                    | 61        |
| <b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                                                                             | <b>65</b> |

|                                                                                 |           |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                        | <b>68</b> |
| <b>APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) .....</b> | <b>72</b> |
| <b>APÊNDICE 2 – Roteiro da Entrevista Semi Estruturada.....</b>                 | <b>75</b> |
| <b>APENDICE 3 - Transcrições das Entrevistas .....</b>                          | <b>77</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação foi inspirada num desejo de compreensão dos fenômenos ligados as relações entre subjetividade, capoeira e tecnologia. Ansiou-se compreender aspectos psicológicos e esportivos daqueles que de alguma maneira vivenciam o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) de modo a agregar algum valor a cultura/prática da capoeira. Logo, o objetivo foi entender se existia relação entre o uso das tecnologias e a cultura produzida pelos capoeiristas.

Por isso, levou-se em conta a situação social e cultural dos participantes, pois segundo Senna e Dessen (2012) há uma necessidade de se observar a vida identificando as semelhanças e as diferenças, pois embora possam ter alguns objetivos em comum, há também expectativas diferentes sobre a vida, afinal cada ser humano tem em sua realidade peculiaridades ligadas ao social vigente. As autoras, ainda salientam que cada pessoa percebe o mundo de acordo com sua ontogênese, filogênese e contexto cultural.

Tendo em vista o exposto acima, acreditou-se que seria mais rico realizar entrevistas com praticantes que de fato levavam a capoeira de maneira consistente, ou seja, considerando-a um compromisso, uma atividade importante para seu dia a dia. Assim, observou-se não apenas os alunos, mas também aqueles que vivenciam a arte marcial da maneira mais intensa, ou seja, aprendendo e ensinando, preocupados, dessa forma, de maneira mais abrangente com o mundo da capoeiragem, com o sucesso das aulas, e da transmissão da cultura da capoeira. Por essa razão, escolheu-se como público, além dos alunos com no mínimo 4 anos de atividade, os mestres de capoeira e os contramestres com, no mínimo, 5 anos de exercício da função.

Senna e Dessen (2012) mostram que os indivíduos adquirem significados próprios do contexto em que vivem, ou seja, as mudanças geográficas, históricas, políticas, culturais e ambientais irão moldar a maneira como a pessoa interage com o meio que o cerca; por isso, todas essas questões acima apontadas foram consideradas pelo pesquisador, que se embasou nestes estudos para dar cabo aos seus focos de investigação.

Em seguida, foi realizado uma compreensão e elucidação ampla, geral sobre o tema tecnologia. Por isso, houve a necessidade de se considerar a transdisciplinaridade nos âmbitos social, cultural e educacional que estão implícitas

ao tratar-se desse assunto. Assim, foi discutido o significado (tecnologia), para ser viabilizado uma compreensão não focada somente no aspecto digital, evitando um “reducionismo” temático.

Discutimos as possibilidades e/ou usos das tecnologias para a facilitação do aprender, do divulgar, do compartilhar a cultura da prática da capoeira, de modo a compreender a relação entre subjetivação e tecnologia entre os participantes de capoeira. Buscou-se compreender sobre a construção do sujeito, a maneira como, os fatores influenciam a forma de agir/interagir “no” e “com” o mundo, a sociedade que o cerca. As “vias de mão dupla” influenciando e sendo influenciado pelo meio.

Por isso, foram analisados capoeiristas de diversos grupos dentro e fora do campo universitário e os teóricos que explanam sobre subjetividade como Michel Foucault e Pedrinho Guareschi, autores que dissertam sobre as TIC e Educação, como Fernando Albuquerque Costa entre outros que serão percorridos pelos capítulos da dissertação.

Portanto, devido o formato de pesquisa pleiteada, optou-se por uma análise do tipo qualitativa, pois viabiliza perceber a problemática de modo amplo, geral, ou seja, compreendendo o contexto como um todo, considerando o sujeito e o objeto, a relação existente entre ele, Rampazzo (2013) e para o tratamento dos resultados, obtidos por meio das entrevistas presenciais e dos questionários online, foi decidido pela Análise de Conteúdo segundo Bardin (2011).



## **2 OBJETIVO**

### **2.1 Objetivo geral**

Analisar a produção cultural dos capoeiristas nas redes sociais virtuais.

### **2.1 Objetivos específicos**

- Compreender o impacto das TIC nas práticas e tradições da capoeira.
- Buscar a relação entre produção cultural e subjetividade.

### **3 HIPÓTESE**

As TIC influenciam na expressão da subjetividade dos capoeiristas entre si e/ou entre terceiros (pessoas não praticantes de capoeira). Desse modo, os capoeiristas, valendo-se das TIC tentam passar uma imagem positiva (sem rugas do preconceito histórico) da capoeira enquanto luta, dança, expressão corporal e esporte.

#### 4 JUSTIFICATIVA

Tal pesquisa foi motivada pelo desejo de descobrir a possível relação entre a construção de subjetividade (dos capoeiristas), ou seja, aquilo denominado por Foucault (1984) de subjetivação e o uso de tecnologias informação e comunicação (internet, smartphones, FaceBook, YouTube, WhatsApp, etc.). Compreender se a hipótese “As TIC influenciam na expressão da subjetividade dos capoeiristas entre si e/ou entre terceiros” devia ser refutada ou aceita, bem como entender as razões para tal repúdio ou aceitação.

Foi uma oportunidade de contribuir para com a comunidade científica acadêmica sobre um tema tão amplo, que certamente poderá ser desdobrado para outras áreas afins, ou vertentes de estudos que se interessem sobre como o sujeito se percebe, se compreende no meio em que vive e como sua realidade social compõe a sua compreensão de si (seu Eu, sua função nas diversas instituições como família, Estado, igreja, escola, acadêmica, entre outros).

Outra motivação foi valorizar a capoeira, por ser uma cultura genuinamente brasileira de origem africana, registrada desde o ano 2008 como um Bem Cultural, ou seja, patrimônio cultural brasileiro, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural Nacional (IPHAN), e intitulada pela Organização das Nações Unidas, Ciência e a Cultura (UNESCO) no dia 26 de novembro de 2014 como Patrimônio Imaterial da Humanidade.

Desse modo, realizou-se uma associação entre os temas subjetividade, tecnologia e produção cultural, tendo em vista sempre a relevância social do desenvolvimento da pesquisa científica e da tecnologia que, segundo Carvalho (2003), estão ligados ao cotidiano do ser humano contemporâneo, de modo a facilitar a vida daqueles que têm acesso as mesmas. Afinal,

[...] não faz sentido pensar a vida contemporânea sem esses produtos, nem há qualquer sociedade nacional que possa hoje em dia prescindir deles. Embora os produtos da ciência e tecnologia sejam elaborados em todos os cantos do planeta e possam ser rapidamente adquiridos, não parece boa estratégia prescindir de pesquisá-los [...] não apenas porque é útil, facilita a vida, aumenta o tempo de lazer, diminui as distâncias sociais, mas porque atende ao imperativo moral de dar ao mundo uma face humana [...] (CARVALHO, 2003, p.189).

Logo, de acordo com o autor acima citado, percebemos que nossos estudos ao envolverem ciência, no caso a psicologia, e tecnologia, como redes sociais on-line (Facebook; YouTube; WhatsApp; Instagram, etc.), e smartphones, teve relevância social. Afinal, ao colocar como centro da atenção as inúmeras possibilidades de expressão do comportamento humano durante a interação do sujeito com as tecnologias, conseguiu-se observar diferentes fenômenos sociais como: acesso à cultura (músicas de capoeira, tutoriais de feitura de instrumentos para a modalidade, vídeo aulas, vídeos motivacionais realizados por praticantes dessa arte marcial, entre outros); angariamento de alunos (propaganda de locais de aulas); expressão de ideais (divulgação de jogos de capoeira em movimentos socioculturais como consciência negra) e participação de um grupo (fazer parte de uma identidade coletiva).

Portanto, o social foi presente em toda a pesquisa ao se observar as diferentes formas de expressão pela prática da capoeira em si, uma arte cujo origem tem um ideal libertador contra a escravidão e nos dias de hoje apresenta-se como mais uma chance de interação social entre diferentes classes econômicas (praticantes com diversos graus de poder aquisitivo num mesmo grupo), como de integração social devido pessoas poderem exercer uma profissão (mestre; contramestre; aluno formado professor de capoeira) e crescer dentro do grupo tanto no âmbito nacional como internacional, resultando num vínculo empregatício, numa fonte de renda.

Gohn (2011) aponta que os movimentos sociais são recursos para se gerar e inovar os saberes. O autor ainda afirma ser interessante buscar as redes de articulações pelas quais os movimentos se valem para o estabelecimento da prática cotidiana e apurar sobre a conjuntura política, econômica e sociocultural do país no momento em que elas acontecem. Tais redes, segundo afirma o mesmo autor, são de vital importância para compreender os fatores que produzem o aprendizado e os valores políticos-culturais durante o processo de interação das articulações. Por isso, tal processo não pode ser entendido como isolado, pois caracteriza-se de maneira política e social.

Por essa razão acima citada, a prática da arte da capoeira, bem como as diferentes manifestações dessa arte por meio das tecnologias utilizada pelos seus praticantes e/ou admiradores é uma explícita manifestação sociocultural.

## 5 CORPO TEÓRICO

O presente trabalho tem seu corpo teórico dividido em três momentos, de modo que atenta a uma passagem teórica e contextualizada, favorecendo a compreensão do mundo esportivo e midiático a que se presta estudar.

### 5.1 UM POUCO SOBRE TECNOLOGIA

Muito se ouve falar no cotidiano a palavra “tecnologia”. Esse termo é encontrado facilmente em jornais, revistas, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, entre inúmeros outros meios de comunicação. Desse modo, o termo acaba por ser de comum uso em várias áreas do conhecimento.

A popularização da terminologia também está presente no senso comum, porém essa acaba por tornar-se errada, ou incompleta. Muitos acabam associando a ideia de tecnologia ou tecnológico apenas ao que é novo, ou digital e eletrônico. Logo, é muito comum se atribuir a ferramentas digitais como *smartphones*, *tablets*, computadores, automóveis (por exemplo, carros de última geração), o status de tecnológico. Nessa linha de raciocínio, Knoll e Brito (2014) salientam ser comum “coisificar”, transformar em “objeto” as chamadas tecnologias, porém isso é apenas uma parte de um todo que tem um significado muito mais abrangente.

[...] tecnologia, é fruto de nossa história de vida, do contexto cultural, social e econômico que habitamos e, principalmente, de nossa formação profissional. [...] podem ser organizadoras também, como é o caso das formas como nos relacionamos com o mundo e como os diversos sistemas produtivos estão organizados: nas escolas os projetos políticos pedagógicos e nas instituições através de planejamento estratégico. E poderão ser ainda simbólicas, como as tecnologias relacionadas à forma de comunicação entre as pessoas, desde o modo como estão estruturados os idiomas escritos e falados até como as pessoas se comunicam – como as inscrições nos blocos de argila das primeiras formas de escrita da humanidade. (KNOLL; BRITO, 2014. Não paginado).

No Dicionário Michaelis (2017) define-se:

Tec.no.lo.gi.a, *sf*  
(**tecno+logo<sup>2</sup>+ia<sup>4</sup>**) 1 Tratado das artes em geral. 2 Conjunto dos processos especiais relativos a uma determinada arte ou indústria. 3 Linguagem peculiar a um ramo determinado do conhecimento, teórico ou prático. 4 Aplicação dos conhecimentos científicos à produção em geral: **Nossa era é a da grande tecnologia. T. de montagem de superfície, Inform:** método de fabricação de placas de circuito, no

qual os componentes eletrônicos são soldados diretamente sobre a superfície da placa, e não inseridos em orifícios e soldados no local. **T. social, Sociol:** conjunto de artes e técnicas sociais aplicadas para fundamentar o trabalho social, a planificação e a engenharia, como formas de controle. **De alta tecnologia, Eletrôn e Inform:** tecnologicamente avançado: **Vendemos computadores e vídeos de alta tecnologia. Sin: high-tech.**

Esse tema, portanto, abarca muito mais significados e não deve ser restringido apenas ao espaço eletrônico ou digital. Corroborando com essa ideia, Bourdieu (1992) apud Sterne (2003) nos aponta ser interessante nunca utilizar a palavra “digital” como sinônimo, ou substitutiva de “tecnologia”, pois, ao seguir essa lógica, há uma descaracterização, ou simplificação exacerbada de um termo muito mais complexo.

Afinal, “digital” está englobado dentro das “novas tecnologias”, assim, é apenas uma parte de um grande conjunto. Por isso, é de suma importância que se rompa com senso comum para se adotar uma postura epistemológica e sociológica presentes nessa terminologia. Portanto, é interessante adotar um olhar amplo, considerar o contemporâneo juntamente com o antigo, pois a saber a raiz (da onde surgiu o que temos no dias atuais) no possibilita compreender a lógica do desenvolvimento das ferramentas atuais, nos permite compreender a base do funcionamento das novas tecnologias e seus conceitos de uso.

A exemplo disso, se o sujeito tem um smartphone e tira fotos digitais para postar nas redes sociais, com toda certeza é válido conhecer conceitos primordiais (primeiros) da pintura e da fotografia analógica (realizada com filme), pois compreenderá a maneira adequada o conceito de enquadramento, luz, sombra, tempo de exposição da imagem, direitos autorais, entre outros que trarão qualidade muito maior para as capturas de imagens feitas, mesmo que sejam um “passa tempo”, ou hobby.

Outra possível comparação, é o domínio de conceitos clássicos de entrevistas, ao conhecer os procedimentos metodológicos da coleta de dados, como formular questionários mais imparciais possíveis, como elaborar perguntas que não tenham respostas implícitas na estrutura, conseqüentemente haverá um melhor uso de ferramentas contemporâneas para coleta de dados como *Google Formulários*, *Survio*, entre outros válidos para pesquisas na área acadêmica, organizacional, etc.

As tecnologias, segundo Bourdieu (1992, apud STERNE, 2003), adquirem significado social de acordo com suas funções, domínios, definições e usos, ou seja,

ela não surge “tampando um buraco pré-existencial funcional”, mas sim nasce a partir das necessidades de seus criadores/fabricantes e usuários. Por isso, sua função muda conforme o tempo em que se insere o grupo de pessoas que a utilizam, logo sua serventia não é estática.

Então, segundo este autor, é interessante ao invés de simplesmente substancializar os tipos de tecnologia como algo único e estanque, se ter um olhar para o termo de acordo com a especificidade da matéria estudada para lembrar e considerar todas as possíveis pluralidades do termo.

Com todas essas informações e definições postas pelos autores e pelo dicionário, consegue-se observar as inúmeras possibilidades das mais diferentes formas de tecnologia no cotidiano, variando em diversos campos como saúde, informática, comunicação, internet, guerras, políticas, culturas, ensino, entre outros. Logo, é um tema que transpassa por diversos campos do saber.

Ao aprofundarmos no tema, consegue-se perceber as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como possível ferramenta para a prática educacional. Segundo Costa (2012) são:

[...] um instrumento para expressar o pensamento, buscar, organizar e compartilhar informações, e, sobretudo, criar formas mais abertas, solidárias e dinâmicas de produção de conhecimentos, considerado riqueza simbólica na formação do cidadão e na construção da sua identidade. [...] os jovens, adolescentes e crianças do século XXI voam num limite improvável, superando as barreiras espaciotemporais através de uma interação frenética nas redes suportadas pela Internet, que estruturam os seus modos de aceder à informação, estabelecer relações, pensar, agir, aprender e comunicar! (COSTA, 2012, p.8-9).

Entretanto, toda essa dinâmica dos dias atuais era diferente no início da criação das tecnologias digitais e da implementação de novas tecnologias para a área da educação.

Costa (2012) mostra que desde 1920 o filme tornou-se meio de expressão para transmitir informações sobre a realidade. No mesmo processo, a área da educação buscou valer-se de tal recurso, porém para fins educacionais. O autor cita o trabalho iniciado por Skinner em 1950 ao utilizar as “máquinas de ensinar” para um ensino rigorosamente programado que oferecia informação imediata ao estudante. Nesse sentido, em 1972 a *Association for Educational Communications and Technology* (Associação para Comunicações Educacional e Tecnologia) define

*Educational Technology* (Tecnologia Educacional) como uma divisão de estudo com objetivo de promover desenvolvimento/organização dos recursos de aprendizagem de forma sistematizada.

Portanto, todo esse desenvolvimento tecnológico começou a migrar para a esfera escolar, e assim se dava início ao incremento das competências elementares por meio de exercícios de repetição-prática e tutoriais, aproveitando-se do Ensino Assistido por Computador (EAC) que fez da década de 1980 rica em inovação dentro do campo de ensino por meio da união da psicologia às teorias de aprendizagem (COSTA, 2012). Em 1990, segundo mesmo autor, o poder tecnológico aumentou, e novas formas de organização, representação da realidade, bem como novas maneiras de apresentar as informações surgem para serem colocadas em uso, como, por exemplo, o hipertexto que possibilitava ao sujeito literalmente escolher o rumo de seu estudo por meio dos links que abriam os conteúdos selecionados.

Dessa maneira, com o passar do tempo houve a popularização da internet com a sua *World Web Wide* (vasta rede mundial, conhecida como www) que se tornou mais acessível devido à redução dos custos (Idem, 2012). Portanto, as pessoas começaram a vivenciar com maior intensidade as tecnologias e vislumbrar novas possibilidades nos seus respectivos cotidianos.

Costa (2012) aponta as TIC como ferramentas de desenvolvimento transdisciplinar que capacitam tanto em relação as competências digitais, como em relação ao mercado de trabalho de maneira generalizada, pois o domínio dessas ferramentas (computadores, internet, *smartphones*, entre outros) pode aumentar habilidades como: capacidade de atuar/agir com as tecnologias; habilidades para pesquisa (procurar e tratar informações de acordo com os objetivos); incremento da comunicação (comunicar-se em rede, estratégias individuais e/ou em grupo de aprendizagem); expressar-se (com diferentes tipos de linguagem); ética (utilizar os recursos digitais para aproveitar o máximo das possibilidades do aprender, respeitando as normas da ética e cidadania como, por exemplo, respeito aos direitos do autor), entre outros.

Percebe-se, então, que o educar e o aprender transcendem as salas de aula, pois trata-se de um processo contínuo, não tendo a necessidade de ocorrer apenas na sala de aula tradicional com alunos sentados em carteiras enfileiradas e com o professor em frente a lousa. Assim, no ambiente de trabalho, dentro de casa, dentro



de clubes, num passeio, por meio da internet é possível educar, bem como ser educado, produzir e garimpar conhecimento.

Obviamente é necessário cuidar de diversos aspectos para que a educação fora da sala de aula tradicional, possibilitada pelo ambiente virtual, seja eficiente. Segundo Paulo Blinkstein, brasileiro referência internacional em tecnologias aplicadas à educação e professor da Universidade de Stanford nos Estados Unidos em entrevista para Righetti (2016) da Folha de São Paulo, o Brasil enfrenta problemas ligados a qualidade de ensino, pois existem basicamente três eixos a serem melhorados: a capacitação dos professores para “redesenharem” um novo tipo de aula, dominando as ferramentas disponibilizadas nas plataformas de ensino virtual; a qualidade de vida dos alunos, no sentido de que a situação financeira, o apoio familiar precários podem acarretar em problemas na autonomia do estudo; e a mesclagem das tecnologias virtuais com o “ensino tradicional” (lápiz e papel) devidos ambos serem importantes e poderem se complementar.

Dentre as inúmeras possibilidades de aprendizagem no cotidiano, focaremos agora no Ensino a Distância (EAD), possibilitado também por meio da internet, transformando o local de aprendizagem num Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA). O AVA é um local de ensino imaterial, não físico. Comumente é produzido por empresas privadas e instituições acadêmicas que têm como objetivo dar suporte aos estudantes, professores, visitantes e outros participantes das instituições de ensino a distância (EAD).

Para o funcionamento eficiente desse ambiente, com estudantes à distância tendo um ensino de qualidade, precisa haver diversas ferramentas de suporte aos usuários; por exemplo, possibilidade de tirar dúvidas on-line; compartilhar e armazenar materiais produzidos; feedback dos professores aos estudantes quanto as atividades propostas; envio de trabalhos; realizar enquetes sobre o ensino, diminuindo, de certo modo, e ainda que virtualmente, as barreiras da distância entre docentes e discentes (RIBEIRO; MENDONÇA; MENDONÇA, 2007).

O ensino a distância, portanto, é um tipo de educação em que o aprendizado se arranja frente à distância física e temporal, e é administrado por alguma espécie de tecnologia que viabiliza a interação dos participantes por não estarem pessoalmente em algum lugar físico como uma sala de aula, por exemplo.

Vale salientar que a cultura do ensino a distância no Brasil teve início no século XIX, sendo essa iniciada por “correspondência; passamos pela transmissão

radiofônica e, depois, televisiva; utilizamos a informática até os atuais processos de utilização conjugada de meios - a telemática e a multimídia.” (SARAIVA, 1996, p.19). Portanto, as Tecnologias de Comunicação (TIC) se desenvolveram numa marcha ao universo digital, ou seja, houve/há um aprimoramento de dispositivos com acesso à internet, aumentando as possibilidades de interação na rede on-line tanto para o ambiente acadêmico, quanto organizacional, e/ou cultural pelo intermédio de computadores/notebooks, tablets, smartphones, câmeras fotográficas digitais, por exemplo, que interligadas com as redes sociais virtuais, ou plataformas de ensino virtuais, ou sistemas on-line das empresas e corporações facilitaram e popularizaram a disseminação do material e do ensino a distância presentes nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem pelo país.

Ainda que os AVAs estejam fortemente associados ao ensino à distância, vale ser lembrado que são uma ferramenta de ensino válida para os mais diversos ambientes de educação, ou seja, instituições de ensino presenciais como universidades, escolas de línguas estrangeiras, escolas de informática, escolas de ensino fundamental/médio/colegial, empresas privadas utilizam desse instrumento para dinamizar e modernizar o próprio sistema educacional, fato que possibilita ao quadro de funcionários ou estudantes terem acesso dinâmico ao ensino.

Deste modo, percebe-se que os AVAs são parte de uma cibercultura dentro de um ciberespaço definidas respectivamente por Levy (1999) como um agrupamento de técnicas tanto intelectuais quanto materiais de modos de pensamentos, valores, práticas entre outros que se desenvolvem junto com o *ciberespaço*, determinado como uma “rede” de comunicação a partir da intercomunicação de computadores realizada mundialmente.

Cabe, neste momento, uma explanação mais detalhada sobre cibercultura e ciberespaço. Tem-se que a cibercultura é um meio de comunicação a partir da interconexão mundial dos computadores, uma infraestrutura material da comunicação digital, contendo inumeráveis informações. Ela define o grupo de técnicas materiais e intelectuais, práticas, atitudes, valores e pensamentos que se desenvolvem junto com o ciberespaço, assim, está relacionada ao virtual (Idem, 1999).

Indo ao encontro dessa ideia, Zanetti (2013) afirma que cibercultura pode ser definida como um resultado sociocultural de troca entre diversas sociedades, tecnologias e suas expressões culturais de base micro-eletrônica surgida nos anos

de 1970, devido as tendências das telecomunicações juntamente com a informática. Tal tipo de cultura relaciona-se com política, economia, filosofia, daqueles que estão conectados à rede, transformando-se em agenciador social das comunidades presentes no espaço eletrônico.

Por isso, a cibercultura é contemporânea e se relaciona com as novas configurações surgidas desde a década de 1960. Elas vêm marcadas pelas tecnologias digitais e expressa-se no cotidiano pelo voto eletrônico, *palms pagers*, *home banking*. Dessa forma, as pessoas com seus *notebooks*, *smartphones*, *tablets*, entre outros aparatos tecnológicos, podem realizar inscrições pela internet, regularizar o imposto de renda, participar de enquetes, etc. Lemos (2004, apud Zanetti, 2013) ainda aponta que a cibercultura também é expressada no “mundo real” por meio das festas *raves*, dos *otakus* (fãs extremos conhecedores de animês e/ou mangás que são respectivamente desenhos animados e revistas em quadrinhos japoneses), pelos *Hackers*, além de coisas como o compartilhamento de informações via internet. Assim:

[...] a cibercultura surge como os impactos socioculturais da microinformática. Mais do que uma questão tecnológica, o que vai marcar a cibercultura não é somente o potencial das novas tecnologias, mas uma atitude que, no meio dos anos 70, influenciada pela contracultura americana, acena contra o poder tecnocrático. [...] A cibercultura tem origem nesse mundo hiperquantificado, hiper-racionalista, que tenta integrar, ou melhor, traduzir, e não mais representar a natureza através das tecnologias digitais. (LEMONS, 2010, p.101).

Diante do exposto, a civilização atual está envolvida e conectada por meio das tecnologias da informação; isto se passa também com a capoeira, atividade cujos participantes são membros de uma sociedade informatizada e conectada com seus pares. Exemplo disto é a utilização de câmeras digitais para elaboração de vídeos/fotos de eventos capoeira; feitura/compartilhamento de tutorias de movimentação (golpes), ou de como tocar instrumentos; criação de grupos nas redes sociais virtuais para comunicação interna dos membros (comunicar dias de aula, marcar ponto de encontro, viajar para competições/apresentações em equipe); ou até postagem de documentos históricos sobre a arte marcial e biografias dos mestres.

Já o ciberespaço é um local de comunicação pela interconexão mundial dos computadores, onde se realizam o transmitir de informações de fontes digitais, ou

que serão digitalizadas. Tal comunicação tem como características ser modelável, fluida, calculável com precisão, além de poder ser tratada em tempo real, com um enorme potencial de memória de informações digitais/digitalizadas, conforme Levy (1999).

Zanetti (2013) comenta que o ciberespaço é um espaço utilizado no mundo da comunicação onde não é necessário a presença física do ser humano para ser constituída a comunicação como meio de relacionamento, intensificando, desse modo, o imaginar, necessário para a criação de uma imagem anônima, que terá união com os demais. Um espaço virtual que viabiliza a comunicação por intermédio da tecnologia, não somente pela internet tradicional (acessada por meio dos computadores), mas também por tecnologias como celulares e radioamadores.

Então, dando ênfase às informações acima citadas, Lemos (2010) aponta que o termo ciberespaço foi inventado pelo escritor *cyberpunk* de ficção científica chamado William Gibson em 1984. Segundo esse autor de ficção, o ciberespaço é um espaço não físico composto por um grupo de redes de computadores por meio dos quais todas as informações, com suas mais diferentes formas, circulam.

Tal espaço é um local comum, ou seja, uma co-propriedade, um co-domínio, por meio da utilização das técnicas de comunhão eletrônica de pessoas do mundo todo. Nesse campo utiliza-se todo o potencial da telemática para se reunir por interesses que estão em sintonia, como bater papo, troca de arquivos, fotos, músicas, correspondências, trocas de informações como, por exemplo, e-mails e chats (LEMOS, 2010). Atualmente é muito comum as redes sociais virtuais serem utilizadas para compartilhamento de dados, assim, matérias de mídias on-line, pensamentos, desabafos, filmes, músicas, fotos, ensinamentos, entre inúmeros outros tipos de dados/informações são divulgados e comentados entre as mais diferentes comunidades. Por essas, razões o autor aponta o ciberespaço como um fenômeno social.

Com o ciberespaço, as pessoas podem formar coletivos mesmo vivendo em cidades e culturas bem diferentes. Criam-se assim territorialidades simbólicas. Nesse sentido, as comunidades formadas a partir das redes telemáticas mostram como as novas tecnologias podem atuar não apenas como vetores de alienação e de desagregação, mas também como máquinas de comunhão, de compartilhamento de ideias e sentimentos, de forma comunitária (Ibid., p.139).

A interação, portanto, se torna cada vez mais dinâmica e participativa, e a mídia de maneira geral (televisiva, radiofônica, *online*) ao tratar dos mais variados assuntos como saúde, política, religião, entre outros, dão/recebem um *feedback* para/da população em tempo real, de modo universal (no sentido de que as informações colocadas na rede on-line podem ser acessadas internacionalmente).

Por fim, nota-se cada vez mais pessoas participando de páginas em redes sociais virtuais como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Linkedin*, *YouTube*, utilizando aplicativos como *WhatsApp*, *Snapchat*, de forma a expor as próprias opiniões, compartilhar fotos e vídeos, colaborar e agregar conhecimentos/opiniões e ideologias na rede on-line. Tal construção do conhecer, algo editável (acrescentar/corriger informações) pelos usuários dos sites, o caráter colaborativo é denominado como *wiki* (RODRIGUES, 2017). Desse modo, são percebidas as inúmeras possibilidades de interação (usuários/instituições) pelo uso das tecnologias virtuais, o ensino por meio do ambiente virtual.

## **5.2 Redes sociais virtuais, contextualizando um novo modo de comunicação**

Ao abordar o assunto “tecnologias”, discutir sobre cibercultura, ciberespaço, é importante ter esclarecimento sobre os “locais” utilizados para serem expressadas, socializadas, compartilhadas e manifestadas as mais variadas informações, opiniões. Por isso, urge elucidar o que são e como funcionam as redes sociais virtuais, lugares não convencionais, no sentido de não serem físicos, concretos, palpáveis.

Definidas como locais virtuais onde são colocadas informações pessoais para desenvolver seus perfis, por exemplo nome e idade, Zywica e Danowski (2008) e Moiola (2013) apontam as redes sociais virtuais como sites utilizados para a exposição das formações profissionais, acadêmicas, preferências musicais, “encontrar” amigos, trocar informações, postar vídeos, marcar colegas em fotos, entre inúmeras outras atividades sociais apresentadas no ambiente virtual.

Outro tópico apontado por Baldanza (2006), mostra que o desenvolvimento das tecnologias virtuais e da internet viabilizou uma sociabilidade virtual, pessoas conseguem, a partir desse ponto, comunicarem-se concomitantemente sem a presença física do outro no mesmo ambiente, ou seja, pessoas

independentemente da distância geográfica, do fuso horário, são capazes de conversarem entre si, se verem, ouvirem-se, rompendo, até certo ponto, as barreiras físicas e temporais por meio das tecnologias.

Nesse sentido, as tecnologias virtuais mediadas pela internet viabilizam o “convívio” por meio das redes sociais virtuais. Desta forma:

[...] tecnologias comunicacionais podem estar transformando a experiência de corpo como o sentido da presença, a definição do próximo e do longínquo no espaço e no tempo, bem como a distinção entre real e imaginário. [...] tecnologias comunicacionais podem estar transformando a experiência de corpo como o sentido da presença, a definição do próximo e do longínquo no espaço e no tempo, bem como a distinção entre real e imaginário. [...] quando falamos de sociabilidade virtual temos que ter em mente que há ausência do corpo no ciberespaço, mas que os corpos reais existem (BALDANZA, 2006. Não paginado).

Logo, a comunicação ser virtual não implica necessariamente em ser algo falso, ou imaginário, pois é realizada por pessoas reais, seres humanos com sentimentos, sonhos, desejos, objetivos de vida, interagindo do outro lado da tela, seja dos computadores, *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, etc. Ou seja, o virtual, em se falando de comunicação, não necessariamente é algo mentiroso, mas pode ser algo sincero e válido tanto quanto a comunicação presencial. Isso quer dizer que a sociabilidade, embora ocorra num espaço virtualizado, de acordo com Baldanza (2006), pode ser constituído de realidade, preenchido com sentimentos humanos.

O expressar-se em redes sociais virtuais trata-se, então, de uma ressignificação dos espaços sociais físicos, por exemplo as cidades, por meio do uso das tecnologias virtuais. Tal fenômeno (ressignificar) amplia a dinâmica dos modos de comunicação e possibilita a convivência sem o contato físico direto, pois ocorre a

[...] territorialização (mapeamento, controle, máquinas de busca, agentes, vigilância) mas também de reterritorialização (blogs, chats, P2P, tecnologias móveis). O desencaixe sócio-cultural e a compressão espaço-tempo criam um misto de desmaterialização e descontinuidade. (LEMOS, 2006, p.15).

Por isso, o ser humano acaba por precisar aprender a lidar, a conviver, a se expressar num novo tipo de “lugar”, ou “não lugar”, onde ocorrem o trânsito de informações e comunicações, um ambiente ciber, um mundo virtual. As pessoas podem, nessa nova realidade, se expressar por meio de opiniões, fotos,

exposição da vida pessoal, compartilhamento de dados, de reportagens, sentimentos, entre inúmeros outros que ganham “corpo” de diversas maneiras de acordo com o padrão proposto nas diferentes redes sociais virtuais. Varia-se o jeito artístico ao mostrar fotos (como no Facebook, Instagram), outros mais profissionais para o âmbito organizacional (a exemplo *LikedIn*), outras mais acadêmicas (Plataforma *Lattes*), diversos estilos de vídeos como política, comédia, tutoriais e moda (expostos no *YouTube*, *Snapchat*).

### **5.2.1 Regras de “etiqueta”, cuidados a serem tomados com as redes sociais virtuais**

No dia a dia seja em família, entre amigos, na rua, no âmbito acadêmico, ou organizacional, existem “normas de etiqueta”, regras, leis, que devem ser seguidas para um convívio harmonioso e amistoso. Essas leis, ou regras irão variar de acordo com o lugar onde as pessoas se encontram, tanto de forma macro, quanto micro, ou seja, existem normas que regem o país, outras apenas os Estados, outras os municípios, as comunidades, as instituições (religiosas, acadêmicas, familiares, etc.) de modo a nortear os sujeitos até onde podem/devem agir frente as mais diferentes situações do cotidiano, os direitos e deveres de cada pessoa e das esferas sociais.

O quadro acima exposto é um panorama do cotidiano no mundo físico. Entretanto, no mundo virtual também existe uma dinâmica do “bom convívio”, do “bom uso” da internet, com leis e instituições que regem o mundo virtual, de modo a tentar prevenir/combater atividades criminosas pelo monitoramento e registro das máquinas que acessam a rede virtual.

Uma das mais conhecidas instituições é a *Internet Corporation for Assigned Names and Numbers* (ICANN). Trata-se de uma corporação internacional sem fins lucrativos, fundada em 1998 nos EUA, comandada pelo governo Norte Americano com objetivo de registrar e designar número de Protocolo de Internet (IP), controlar os nomes de domínios e de países, de maneira a exercer o cargo de administração central da rede de servidores. Trata-se de:

[...] uma sociedade de capital misto, a ICANN se dedica à manutenção da estabilidade operacional da Internet, à promoção da concorrência, a obter uma ampla representação das comunidades globais congregadas na Internet e ao desenvolvimento de uma política adequada à sua missão, com processos consensuais, implantados através da abordagem “bottom-up”(de baixo para cima) (ICANN, 2017. Não paginado).

Já em relação ao Brasil existe uma associação civil sem fins lucrativos, nem vínculos partidários políticos, nomeada *SaferNet Brasil*, composta por cientistas da computação, bacharéis em Direito, pesquisadores e professores, fundada no ano de 2005 para combater crimes e abusos realizados no ambiente virtual contra os Direitos Humanos compreendidos como neonazismo, pedofilia, difusão de imagens relacionadas a abuso sexual, homofobia, maus tratos contra animais, entre outros.

O desenvolvimento dessa associação e suas ações transformaram-na em referência nacional e, por isso, recebeu apoio de instituições governamentais e não governamentais como Ministério Público Federal, Congresso Nacional e da Autoridades Policiais, Indústria da Internet, Governo Federal, entre outras (SAFERNET, 2008).

Desse modo, a ideologia central da *SaferNet Brasil* como associação é “transformar a Internet em um ambiente ético e responsável, que permita às crianças, jovens e adultos criarem, desenvolverem e ampliarem relações sociais, conhecimentos e exercerem a plena cidadania com segurança e tranquilidade” (SAFERNET, 2008. Não paginado).

Com esse panorama acima, percebe-se que o mundo virtual não se trata de algo fantasioso, muito menos de uma brincadeira, mas sim de um ambiente que deve ser levado a sério, onde também há consequências nas ações realizadas dentro dele, e pode ser permeado por inúmeros tipos de crimes específicos como roubos de senhas (bancárias, e-mails), cyberbullying (bullying em meio virtual); fakes (perfis identidades falsas na internet); cyberstalking (perseguição por meio das TIC, por exemplo Internet); cyberhooligans (violência das torcidas organizadas nas redes sociais virtuais); crimes relacionados a sexting (conteúdos eróticos expostos de maneira explícita nas redes virtuais de modo a prejudicar moral e psicologicamente um terceiro); (REBUSTINI, 2012; BAGNI, 2016; MORÃO, 2017).

Portanto, cabe não somente às autoridades, mas aos usuários em geral prestarem atenção e assistência, ou seja, zelarem, de acordo com as necessidades, pelo que acontece no mundo virtual, pois embora tudo que ocorra lá pareça ser “paralelo”, ou a parte do mundo físico, os resultados certamente podem acarretar em ônus, ou bônus no cotidiano daqueles que sofrem algum tipo de injúria, ou bem



feitoria. Nesse sentido, o mundo virtual pode ser entendido como “extensão” do mundo real.

Afinal, tanto as pessoas, como as instituições podem ser desfalcadas, ou promovidas de acordo com as atitudes realizadas no ambiente virtual (a exemplo, nas redes sociais virtuais), pois a reputação delas pode ser colocada, exposta de maneira internacional, ter opiniões, notícias compartilhadas, replicadas, e até alteradas (para o bem, ou mal) muito rapidamente por infinitos usuários com diversos objetivos. Daí a importância de se ter o cuidado extremo, ao se postar algum conteúdo seja foto, vídeo, ou texto nas redes sociais virtuais, e o zelo de saber com quem se compartilha tais informações.

### **5.3 SUJEITO, SUBJETIVIDADE E SUBJETIVAÇÃO**

Muito se ouve falar sobre subjetividade e suas variações, porém o termo muitas vezes é utilizado como sinônimo de individualidade pelo senso comum. Do mesmo modo, sujeito é compreendido por muitos como indivíduo. Entretanto, tais usos, podem ser considerados errôneos, por serem muito pobres e perderem grande parte dos ricos significados contidos em subjetividade por tratar das relações humanas e suas sociedades de maneira inexata, ou rasa.

A profundidade do tema é facilmente percebida ao se atentar para a etimologia da palavra “sujeito”. Provindo de “subjectum”, aquilo que está por baixo, ou seja, o fundamento, o suporte onde será amarrado algo. Por essa razão, quando se diz que “alguém é legal” estamos enlaçando no verbo “é” um predicado, no caso, “legal”, Pedrinho Guareschi (2008).

Existem diversos paradigmas que tratam sobre os mais variados aspectos dos significados da existência humana, compreendendo o mundo através de diferentes prismas. O paradigma Comunitário Solidário, em especial, segundo Guareschi (2008), entende o ser humano como relação, ou seja, como pessoa. Segundo o autor acima citado, um filósofo cartaginês vindo do norte da África, chamado Agostinho, conceitua “ser humano”, “pessoa” sendo igual a “relação”, e indivíduo como aquele que é apenas um, não tendo nada a ver com os que estão ao seu redor. Na mesma linha de pensamento, é explicado que pessoa é aquele que é um, porém carece do outro para poder ser, assim dá-se o que nomeamos de “relação”, ou seja, “[...] aquilo pelo qual uma coisa não pode ser, sem outra. Nós somos seres

singulares, sim. Agora, a minha subjetividade, aquilo que me constitui, é o mundo todo, são todos os outros.” (GUARESCHI, 2008, p. 31).

Para compreender esse paradoxo (subjetividade ser singular/única e também plural/de todos), podemos utilizar a metáfora da colcha de retalhos. “Singularidade” e “subjetividade” constituem uma colcha de retalhos, ou seja, tratam de uma mesma realidade com vários aspectos interligados. Desse modo, singularidade ocupa-se daquilo que torna o ser humano uno, único, irrepetível, dando ênfase, assim, à unicidade, já a subjetividade trata das matérias, assuntos que compõem o ser, logo é o conjunto total das relações, é o mundo e os outros.

Assim, Pedrinho Guareschi (2008) explica que as questões cotidianas se coincidem (cuidar da família, do trabalho, do namoro, dos filhos, contas a pagar, etc.) portanto são como os retalhos de tecido comum a toda colcha, logo são as partes da subjetividade plural/comum a todos (respeitando obviamente as devidas proporções), porém a prioridade, a importância e a maneira de se resolver as questões/relacionamentos cotidianos, são compreendidos como o modo de cada um “costurar os retalhos”, e é esse jeito de “alinhar os pedaços” que é único.

Logo, a formação da grande colcha é composta por infinitas relações comuns, porém vivenciadas e percebidas de modo único e essas situações, formam uma “grande colcha de retalhos” com a qual se edifica própria subjetividade.

Desse modo, a subjetividade é composta pelas matérias, assuntos, conteúdos que compõem o ser, logo, é o conjunto total das relações, é o mundo, é os outros. Por essa razão, dá-se destaque a constituição do ser, por isso, somos os outros, embora sejamos singulares, afinal realizamos diferentes recortes das relações, (Ibid., 2008).

Corroborando com essa ideia temos

[...]o homem, para Sartre, é um ser que se constitui ao mesmo tempo como corpo e consciência, em que esta só pode ser compreendida como sendo relação a<sup>1</sup> alguma coisa. Por isso sua teoria indica que toda consciência é consciência de alguma coisa, sendo desprovida de todo e qualquer conteúdo. Ela é somente “relação”, não tendo interior nem conteúdo, revelando-se, então, como a dimensão subjetiva do sujeito, compreendida como a negação do absoluto de objetividade. [...]

Compreendendo a consciência como, simplesmente, relação ao objeto, ela se faz sempre consciência daquilo que ela não é, como relação efetiva a esse objeto. Os objetos/coisas, como sendo a própria objetividade, Sartre os chamou de ser em-si, ou seja, o ser que é em-si mesmo sua existência, pois não está em “relação a...”.

Por outro lado, a consciência, como a própria subjetividade, só existindo em “relação a...”, Sartre a chamou de ser para-si. (MAHEIRIE, 2002, p.32-33).

Maheirie (2002), ao citar Sartre, nos aponta a subjetividade e os significados da existência dos seres humanos, um existir reflexivo, que pensa sobre si e em seu próprio lugar, sua representação/função na sociedade em relação a tudo que o rodeia, a objetividade, o “ser em-si” e a subjetividade, o “ser para-si” que existe sempre em “relação a ...”.

Zorzim (2013) ao dissertar sobre subjetividade nos aponta uma psicologia soviética, baseada nos pressupostos de Vygotsky, de modo a ilustrar o sujeito e a subjetividade ligados ao social. Ressalta a conexão entre o controle mútuo da natureza e do comportamento humano, e os relacionamentos interpessoais.

O processo de internalização para Vygotsky (1998, p. 75) consiste na compreensão de que o processo é inicialmente interpessoal, pois requer a mediação do outro no momento da ação da criança no mundo, passando para intrapessoal; por último, que a transformação de um processo interpessoal para intrapessoal é o resultado de uma série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento humano. (ZORZIM, 2013, p.44-45)

Ela enfatiza o olhar sobre o sujeito como um ser social, não isolado, que convive, por ser capaz de tomar posse dos contextos e a partir daí inventar significados. Entende que os humanos se percebem como sujeitos, compreendem a própria constituição subjetiva na medida em que se emocionam, desejam, cogitam, buscam a satisfação das necessidades.

Assim, para Zorzim (2013) subjetividade tem afinidade com o modo que as vivências são compreendidas e organizadas, tornando a realidade uma experiência subjetiva, pois “sujeito é um construto de um contexto que se constitui de partes de vários grupos sócio históricos e culturais, como a família, a escola, igreja e amigos.” (Ibid., p.10)

Percebe-se, então, uma ligação vital entre o psicológico e o social, tanto que a Psicologia Sócio-Histórica, segundo Bock (2004), relaciona a subjetividade do ser humano com o local onde ele vive, desse modo, relaciona o subjetivo com o objetivo. Compreende que o entendimento do “mundo interno” necessita da compreensão do “mundo externo”, devido ao fato de serem aspectos, embora diferentes, do mesmo movimento no qual a figura humana modifica/constrói o mundo que, por sua vez,

reciprocamente modifica a constituição daquela pessoa de modo a alterar o psicológico da mesma. Por esse motivo, a autora acima citada, aponta as aptidões, as capacidades humanas como algo surgido a partir de transformações qualitativas provindas de um processo histórico, não natural, e criadora de novas condições para novas transformações.

Bock (2004) ainda salienta ser interessante entender o fenômeno psicológico como uma constituição no nível individual do simbólico que é social, pois a subjetividade pode ser compreendida como aquilo que se fundamenta na relação do social com o mundo material, sendo esse possibilitado pela atividade humana. Portanto, o individual e o subjetivo afetam o social, e o social afeta o individual e o subjetivo concomitantemente.

Tendo em vista toda a permeabilidade do tema subjetividade (sentimentos, significados, relações interpessoais, social/individual, entre inúmeros outros) consegue-se entender que o subjetivo não é simplesmente o antônimo de objetivo, nem deve ser tratado de maneira dicotômica, pois são assuntos complementares, que se abrangem de maneira, inclusive, a viabilizar a existência um do outro de maneira mediada. Afinal, o tópico subjetividade e sua formação somente será compreendido de maneira ampla ao serem consideradas as relações das partes, mesmo que elas sejam diferentes e/ou divergentes, Ozella e Aguiar (2013).

Com tudo isso acima posto, podemos compreender subjetividade como a compreensão humana de si mesmo como sujeito, e também como o “cuidado de si”, segundo Foucault (1982). O autor ainda traz, que as relações humanas, a vivência do dia a dia, o aprendizado, os valores éticos e morais, a compreensão/experienciação das mais diversas instituições, família, Estado, igrejas, escolas, etc. constroem, bem como desconstroem os sujeitos, alterando, modificando as crenças, as compreensões, as ideologias, os psicológicos, a subjetividade.

A esse processo pelo qual o ser humano se torna sujeito, a essa construção da subjetividade, Foucault (1984) nomeia como subjetivação. Por isso, o aprender, o ensinar, o viver, o observar, a moral, a ética, a filosofia, a psicologia, as matérias de exatas, o agir são subjetivos e simultaneamente edificam a subjetividade, pois alteram a maneira como as pessoas agem perante a vida, perante os problemas e como conseguem resolvê-los, altera a maneira como o ser humano entende a si e o mundo que o rodeia.

### **5.3.1 Em que ou como a compreensão de subjetividade nos possibilita desenvolver como ser humano, como cidadão participante de um contexto sócio-cultural?**

Colocada toda as contextualizações e a importância do estudo (compreensão dos funcionamentos da subjetividade) ressaltaremos aspectos de como a subjetividade desenvolve o cidadão, entendido, segundo dicionário Michaelis, como aquela pessoa em pleno deleite/respeito de seus direitos civis e políticos assegurados e conferidos pelo governo.

Tendo em vista as considerações de Charlot (2000), é possível perceber o ser humano como sujeito em sintonia com o mundo que o rodeia, pois transpassa os tempos alterando-se em seus valores. Afinal, as pessoas, segundo o autor, não se reduzem a um ponto no tempo, “ao aqui” e “ao agora”, devido serem sociáveis, crescerem em instituições como a família, ou algo que supra a mesma, cumprirem alguma função social, participarem de algum tipo de hierarquia (seja em qualquer âmbito), aprenderem, interpretarem o mundo de modo a valorizar/significar as ocorrências diárias.

Essa interação única e ao mesmo tempo social pode ser compreendida como subjetividade, pois é a “[...] possibilidade humana de organizar experiências convertidas em sentidos. É uma dimensão da realidade que podemos denominar dimensão subjetiva da realidade objetiva.” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p.305)

Os autores, nos aludem aos movimentos da humanidade, o agir sobre o mundo, a necessidade de aprender, de ensinar, de produzir e ser produzido em suas vivências. Charlot (2000), Aguiar e Ozella (2013) esclarecem que os humanos têm desejos, são movidos por eles, tudo de maneira interativa, ou seja, permeando e sendo permeado pelas relações vivenciadas.

Por isso, quando se busca de fato entender a subjetividade humana acaba-se por precisar de ampliar a visão de maneira global, abranger o ser humano e a cultura circundada a ele, pois

[...] relações sociais é a chave para compreender a gênese dos complexos sistemas subjetivos humanos [...] A compreensão da subjetividade como uma nova qualidade de processos humanos configurado dentro da existência humana simbólica que têm sido historicamente localizado dentro sociocultural sistemas de quebra a representação de realidade social como um ambiente externo dado. (REY, 2016, p.7).

Nesse sentido o estudo da subjetividade, a compreensão da subjetivação nos auxilia compreender as diferentes gerações humanas sejam elas anteriores, ou contemporâneas a nossa, entender as mudanças culturais e comportamentais, visto que a por meio da subjetividade é possível ser reconhecido as várias facetas do sistema cultura-pessoa algo que, nos dizeres de Rey (2016), é composto por partes tanto dinâmicas, quanto permanentes.

Vale salientar que a cultura tem caráter subjetivo, porquanto traz em si formações, instituições, mitos, emoções e símbolos. Então, de acordo com o paradigma da Psicologia-histórico-cultural, é necessário ter cuidado com as visões dicotômicas do tipo “natural-individual”, “natural-social” e “objetividade-subjetividade”, pois nenhuma teoria, ou abordagem é completa, no sentido de conseguir responder a todos os questionamentos, ou seja, precisam ser complementadas com novos temas, novas propostas para o avanço do assunto subjetividade com viés histórico-cultural, (Ibid., 2016).

Daí a importância do estudo da subjetividade, pois compreender-se-á os processos de subjetivação, Foucault (1984), que torna possível, viável, às pessoas tornarem-se cidadãos. Esse construir-se, destruir-se, ser construído e ser destruído possibilita por meio das experiências, pelo aprendizado dos valores éticos, morais, religiosos, acadêmicos, filosóficos, serem participantes de um contexto social e cultural. Cada qual a sua maneira, cada um com suas possibilidades de vivência, ou convivência fará parte de modo ativo e/ou passivo (em diferentes momentos da vida) de um papel, uma função, uma representação na sociedade, na comunidade, sejam esses grupos macro, ou micro.

### **5.3.2 Por que a subjetividade é importante para este estudo? Qual contextualização?**

A compreensão de subjetividade, mesmo algo mínimo, é algo de suma importância para todas as áreas de trabalhos e estudos, afinal nossa sociedade funciona no coletivo, todos colaboram de uma forma ou de outra, uns com mais, outros com menos expressão (no sentido de serem valorizadas, terem mais prestígio social), variando conforme as respectivas funções no cotidiano. Entretanto, para aquelas que trabalham diretamente com seres humanos, ou que têm um foco maior

nas interações humanas como psicólogos, pedagogos, médicos, professores, assistentes sociais, profissionais de educação física, filósofos entre inúmeros outros, a compreensão da subjetividade, bem como seu funcionamento, é vital para se ter eficiência em acolhimentos, uma compreensão daqueles que de alguma maneira receberão algum tipo de assistência.

Em específico para essa pesquisa, a compreensão da subjetividade ajudou na compreensão global das relações humanas entre si e das relações humanas com as tecnologias, portanto, ajudou no entendimento das relações mediadas pelas tecnologias (smartphones, tablets, câmeras, redes sociais virtuais – Facebook, WhatsApp, YouTube, entre outras).

Portanto, o contexto do estudo foi transdisciplinar, por buscar a coerência, a conexão do conhecer científico junto a outras formas de produção do conhecimento formados de maneira social, cultural, religiosa, artística, entre outras, por reconhecer a

[...] importância da subjetividade humana na produção do conhecimento. Como o prefixo trans indica, transdisciplinaridade diz respeito ao que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das disciplinas e além de toda disciplina. Sua finalidade é a compreensão do mundo atual, e um dos imperativos para isso é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 2005, apud FERIOTTI, 2009, p.186).

Então, a transdisciplinaridade nessa pesquisa envolveu psicologia, tecnologias, expressões culturais/corporais e arte marcial (capoeira). Tal realidade se deu justamente pelo fato do programa de pós-graduação também não ser apenas disciplinar, ser sim plural, não linear, onde várias faculdades (lê-se áreas do saber) dialogam entre si sobre o desenvolvimento humano e as tecnologias, de modo a compreender as diversas possibilidades de comunicação e/ou usos entre o ser humano e as infinitas tecnologias.

Isso fica ainda mais evidenciado ao percebermos que diversos laboratórios abrigam diversos tipos de profissionais (psicólogos, educadores físicos, gerontólogos, pedagogos, fisioterapeutas, entre outros) que convergem/divergem em caminhos caóticos e convergentes, entretanto com algum objetivo em comum.

Em relação ao contexto social da pesquisa, devido a capoeira conseguir permear pelos mais distintos ambientes, foi uma realidade de diversidade etária (jovens e adultos) e diversidade cultural, pois embora todos fossem praticantes de

capoeira, uns participavam do âmbito universitários, outros já estavam no mercado de trabalho, cada qual com suas possibilidades culturais, sociais, políticas, financeiras. Portanto, de modo geral, o contexto pesquisado foi de pluralidade sociocultural, científico e acadêmica, dando ênfase ao bom entendimento do “outro”, independentemente do viés teórico, do grau de escolaridade, ou posição social.

Ao perceber a possibilidade de trabalhar com características tão belas e ricas do ponto de vista sociocultural e subjetivo (pessoas de diferentes idades, praticantes oriundos de diversificadas realidades sociais, acadêmicas e culturais), o pesquisador viu ser possível seu estudo contemplar adequadamente os dizeres de Rey (2016) ao tratar do “subjetivo” como

[...] processos simbólicos, por sua plasticidade e sua inseparável integração com emoções humanas, permitir a integração da multiplicidade das emoções e dos desdobramentos simbólico de uma experiência em uma unidade. A definição desta unidade é a base da nossa proposta de subjetividade. Os processos subjetivos humanos nunca são movidos por uma causa final e não representam conteúdo estável; fluem em tempo, integrar e desdobram-se em diferentes formas durante a mesma experiência. (REY, 2016, p.7)

Portanto, o pesquisador acreditou e concordou com a visão de Rey (2016) quando idealizou um estudo integrado da subjetividade (bem como sua constituição, ou seja, a subjetivação), capoeira e tecnologias percebendo ser importante a

[...] consideração da relevância dos processos simbólicos e realidades como essenciais do ponto de vista histórico-cultural. Apenas os processos simbólicos, por sua plasticidade e sua inseparável integração com emoções humanas, permitem a integração da multiplicidade das emoções e dos desdobramentos simbólico de uma experiência em uma unidade. A definição desta unidade é a base da nossa proposta de subjetividade. Os processos subjetivos humanos nunca são movidos por uma causa final e não representam um conteúdo estável; fluem em tempo, integram e desdobram-se em diferentes formas durante a mesma experiência. (REY, 2016, p.7).

## 5.4 CAPOEIRAGEM

O que é capoeira? Dança, luta, jogo, cultura, arte-marcial? Qual a origem? Existem várias considerações sobre essa prática e sua genealogia. Muitos acreditam se tratar apenas de uma dança, há os que afirmam ser um jogo, uma brincadeira,



pois dizem que os praticantes nem realizam contato, outros afirmam ser apenas uma luta de rua trazida da África, porém não uma arte marcial.

Ao se entrar no mundo da capoeira, praticá-la, conhecer sua história, ler artigos científicos, documentos oficiais, perceber seus mais variados contextos sociais, consegue-se compreender que se trata de algo muito maior, muito mais valioso que críticas e/ou fundamentos racistas são incapazes de definir.

Cabe ao momento ressaltar que, por motivos ideológicos, ou filosóficos, a capoeira foi tratada como um todo, ou seja, considerando-a de maneira ampla, sem dar ênfase para nenhum dos estilos principais, Capoeira Angola e Capoeira Regional. Evitou-se, dessa maneira, uma interpretação errônea de engrandecimento de uma arte sobre a outra. Pois, tanto a prática “primitiva”, no sentido de primeiro, de raiz, origem, quanto a mais “contemporânea”, no sentido de ser mais nova, podem ser compreendidas de maneira complementar, por tratarem-se de um mesmo assunto com um mesmo ideal central, a “sobrevivência”.

A palavra “capoeira” vem do tupi-guarani, significa “mato ralo”. Em se tratando da luta, “diz respeito ao mito do escravo fugitivo que surpreenderia seus algozes na capoeira, local da cilada.” (BARBOSA, 2007, p.12). Existem, segundo o mesmo autor, três origens míticas básicas sobre a origem da prática da capoeira: Vinda da África Central por africanos que foram escravizados; criada pelos índios; criada nos quilombos por escravos no Brasil.

Embora se tenha dificuldade em definir um ponto de origem fixo, Barbosa (2007) descarta a origem africana e nos revela que a arte da capoeira é uma prática criada no Brasil, ou seja, embora tenha ligação com culturas ancestrais africanas, não existia registros de nenhum exercício corporal semelhante na África anterior aos que foram registrados inicialmente no Brasil, ou seja, não tinha nenhuma luta com presença de musicalidade como acontece na prática da capoeira.

Outro ponto ressaltado pelo mesmo autor acima, que elimina a suposição tanto de ser uma prática indígena quanto de ter surgido nos quilombos, é sobre a capoeira ser uma prática urbana, em específico das cidades portuárias como, por exemplo, o Rio de Janeiro - RJ, Salvador - BA e Recife – PE, locais recebedores de escravos por meio dos navios negreiros.

Por fim, apresenta-se o mais antigo dos registros que, assim como no anterior, também reforça dialética da prática ser originada nos centros urbanos, datado de 1789 referente a prisão de um escravo chamado Adão

“[...] nas ruas do Rio de Janeiro devido à prática da capoeiragem, o que mostra que a repressão acontecia antes mesmo da criminalização da capoeira, em 1890, durante o governo provisório do Marechal Deodoro da Fonseca.” (BARBOSA, 2007, p.14)

Dessa forma, percebe-se que a arte da capoeiragem, (termo utilizado pelos capoeiristas para se referirem ao exercício da prática capoeira) estava muito atrelada as realidades das cidades, locais repletos de questões sociais, morais, culturais, políticas e midiáticas, ou seja, desde sua natividade foi cercada de juízos de valores de diversas classes sociais com seus mais variados aspectos hierárquicos, filosóficos e morais.

A capoeira era odiada e adora, bem-vinda e enxovalhada de maneira concomitante, sua existência foi um paradoxo imenso, pois se por um lado era dura e ferozmente perseguida pelas forças policiais, registrada pelos jornais como fator causador de incidentes letais (brigas com a polícia, assassinatos, etc.), tanto em São Paulo como apontado por Lilia Schwarcz (2001 apud Oliveira; Leal, 2009), quanto

No Rio de Janeiro, a capoeira foi duramente perseguida, seus praticantes eram conhecidos por desafiar a ordem policial, hostilizarem a população, provocarem brigas e correrias, marcadas por cabeçadas, rasteiras e navalhadas. Muitos dos confrontos aconteciam entre as temidas maltas, as quais demarcavam seus territórios através das freguesias – como eram conhecidos os bairros delimitados pela localização das igrejas católicas. (BARBOSA, 2007, p.15)

Por outro lado, era tida como fator revolucionário, de resistência, praticada não apenas por negros escravos, mas sim por pessoas de diversas realidades sociais e jurídicas como: homens livres e pobres, membros da aristocracia, homens letrados, e inclusive por militares, Barbosa (2007). A exemplo disso, são as figuras de renome como Barão do Rio Branco (diplomata, advogado, historiador), durante sua mocidade, e Floriano Peixoto (militar e governador do Brasil), registrados como praticantes da arte da capoeiragem.

Logo, compreende-se uma forte ligação entre a capoeira e a política. As maltas (grupos organizados de capoeiristas, compostos de três até cem integrantes) dominavam as ruas, os bairros das cidades cariocas, baianas, paulistanas, capoeiristas de renomes eram utilizados como ferramentas de manobra política para angariar votos (muitas vezes de maneira coercitiva sobre a população civil), ou até

para atrapalhar shows comícios de candidatos da oposição, por meio da incitação às brigas generalizadas. Um famoso exemplo desses foi Manduca da Praia, temido capoeirista que serviu como capanga, ou segurança pessoal de diversos políticos (BARBOSA, 2007; CAPOEIRA, 2015).

Posto esses argumentos acima, compreendemos que a prática da capoeira é uma ação cultural, política e social desde sua nascença. Agora cabe ao momento responder as famosas perguntas:

- Capoeira é arte marcial?
- Capoeira é dança, ou é luta?
- Capoeira é uma brincadeira, ou é de verdade (uma luta)?

Ao estudarmos a origem do termo “arte marcial”, segundo Áries (1998, apud Lacrose; Nunes, 2015), temos que Marte é o deus romano da guerra (ou para a mitologia grega Ares deus da guerra), logo arte marcial é a arte da guerra, ou seja, as artes militares ensinadas pelos deuses aos seres humanos. Assim, são métodos de defesa pessoal e técnicas militares a serviço da defesa do país, bem como sua população, seus bens e seus territórios. Os autores ainda salientam não ser suficiente a luta ser praticada apenas em academias, ou campeonatos, para serem consideradas uma arte marcial, pois tal arte se caracteriza por ter sido usada na história como ferramenta de defesa de uma pátria, nação ou comunidade.

Se juntarmos essas informações com três fatos históricos acontecidos no Brasil subsequentemente, no caso, a valorização da capoeira devido sua utilização na Guerra do Paraguai, Barbosa (2007), a formação da “Guarda Negra”, uma milícia, idealizada por José do Patrocínio, formada principalmente por negros libertos ex-combatentes do exército em favor da Monarquia e da libertação dos escravos e protetores da princesa Isabel (lembrar da Lei Áurea), atacando os republicanos (compostos por Barões do Café escravocratas), e a criação do “Partido Capoeira” fundado pela mesma “Guarda” em prol da extinção definitiva da escravidão. Temos, então, o contexto histórico de guerras, da utilização da capoeira para proteger a soberania de uma nação (a brasileira na Guerra do Paraguai); depois como guarda pessoal da rainha (devido a previsão de abolição da escravatura); de proteção das comunidades, no caso, composta por negros ex-escravos (ou negros libertos), na luta abolicionista contra a escravatura.

Portanto, todos esses fatos históricos (Guerra do Paraguai; guarda pessoal da rainha, partido político e defesa das comunidades negras) definem

incontestavelmente, a capoeira como uma arte marcial, por se enquadrar perfeitamente como uma luta que foi utilizada/ensinada em contexto de guerras (OLIVEIRA; LEAL, 2009).

Entretanto, existe ainda uma confusão quanto a capoeira ser uma dança, ou brincadeira. Essa confusão se deu e se dá propositalmente, pois na sua origem a arte da capoeiragem era completamente proibida, devido ao fato de ser uma resistência a realidade escravagista, por isso os capoeiristas (ou capoeiras) valiam-se de instrumentos de percussão (atabaques, berimbaus), palmas e da própria ginga (cadência da luta), além das cantigas, para disfarçar o treino da luta como se fosse uma dança, uma brincadeira para descontração pós-serviço.

No “Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil” é mostrado que antes de sua legalização, escolarização e profissionalização a capoeira era

[...] considerada uma prática marginal, e os seus participantes apresentados como delinquentes que a sociedade devia vigiar, controlar e punir. Como não havia academia organizada, a reunião dos capoeiras se dava em torno dos acontecimentos festivos ou nos ambientes de trabalho, durante as horas de descanso, assim como nas ruas, botequins e quitandas.

Esta característica informal e não-profissionalizante dos capoeiras desta época vai marcar profundamente o modo como as práticas de aprendizado foram concebidas. Perseguidos pela sociedade oficial e legal, sua organização era móvel e dinâmica, dissimulada e malandra.

A capoeira era aprendida e desenvolvida no dia-a-dia do trabalho, festas e disputas. Carregando seus instrumentos e armas, caso fosse preciso usá-las, os capoeiras se dirigiam para a rua, onde praticavam sua arte e desenvolviam suas habilidades. Como não havia um lugar específico para o treino e o jogo da capoeira, o ensino e a transmissão das tradições desta arte giravam em torno de espaços abertos e públicos. (BARBOSA, 2007, p.52).

Portanto, os recursos (musicalidade, ginga, cantorias) eram utilizados de maneira a disfarçar a capoeira, para tornar o treino algo possível de ser realizado. Desse modo, tais recursos acabaram por ser incorporados à luta, ou seja, a capoeira é uma luta e nela existe uma forte musicalidade (expressada por meio de palmas, cantigas, gingas e instrumentos).

Os fatores acima citados, influenciaram a capoeira se tornar uma prática lúdica, com um tom de brincadeira, de lazer, com uma metodologia de ensino passada em forma de jogo (palavra muito utilizada pelos capoeiristas para se

referirem a prática da capoeiragem), mas, ainda assim, importa ressaltar, sua utilidade primeira é a autodefesa daqueles que a praticam.

#### **5.4.1 Mudanças: De proibida, perseguida e marginalizada, a algo socialmente aceito e admirado no mundo!**

Nos primórdios, como apontado pelos autores supracitados até o momento, a capoeiragem era tida como uma ação rebelde, uma arte marginalizada, praticadas por maus elementos. Inclusive, durante muitos anos foi promulgada na constituição do código penal como algo ilícito, pelo então governador Marechal Deodoro da Fonseca em 1890.

A seguir alguns recortes da constituição do código penal de 1890 com a grafia da época.

#### **Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil** Capítulo XIII - Dos vadios e capoeiras

Art. 402. Fazer nas ruas e praças publicas exercicios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena - de prisão cellular por dous a seis mezes.

Paragrapho unico. E' considerado circumstancia agravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada ao capoeira, no gráo maximo, a pena do art. 400.

Paragrapho unico. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a ordem, a tranquillidade ou segurança publica, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas comminadas para taes crimes. (BRASIL. Decreto-lei no 847, 1890).

Entretanto, com o passar do tempo, as mudanças sociais e culturais começam a aparecer, quarenta e seis anos depois do decreto número 847 de 1890, ou seja, em 1936 Mario de Andrade fez um anteprojeto do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN, depois nomeado IPHAN) para transformar a capoeira em Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, entretanto tal registro permaneceu “na gaveta”.

Porém, a capoeiragem (prática da arte da capoeira) ainda não era considerada um elemento de identidade do povo brasileiro, por isso, seria contraditório retirá-la do registro de crimes e transformá-la imediatamente em Patrimônio Cultural. Afinal, o patrimônio era compreendido como belo, excepcional, exemplar, pois representava a nação e na época, diferentemente dos dias atuais, a capoeira ainda era vista de maneira discriminativa, Oliveira e Leal (2009).

Oliveira e Leal (2009) ao citarem Silvia Helena Zanirato e Wagner Costa Ribeiro, apontam que quando houve o entendimento de que o padrão estético do patrimônio histórico e artístico nacional não deveria ser apenas ocidental, mas sim ser considerado também outros padrões, por exemplo do oriente (como países da África), ampliou-se a dimensão de patrimônio e, dessa maneira, a capoeira aumentou as possibilidades de ser compreendida como tal.

Outro fator importante de ser observado é que tanto os valores da sociedade em relação a capoeira mudaram, como os valores da capoeira em relação ao social foram alterados. Logo, houve cada vez mais um fortalecimento da movimentação da comunidade praticante de capoeira em transformá-la em algo socialmente aceito.

Nesse sentido, Barbosa (2007), tornar-se algo lícito, na década de 1930 nasce a Capoeira Regional, criada por Manuel dos Reis Machado, conhecido no mundo da capoeira como Mestre Bimba e, logo em seguida, em resposta ao movimento da Regional, surge a Capoeira Angola, cujo patrono/criador era Vicente Ferreira Pastinha, popularmente conhecido no mundo da capoeira como Mestre Pastinha.

Tais acontecimentos levaram o referencial, o foco da arte marcial para a Bahia e assim começou o período conhecido como “escolarização da capoeira”. Criam-se academias oficiais e institucionalizadas

[...] mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado), em 1932, na cidade de Salvador – BA, no Engenho Velho de Brotas. Por volta de 1937, consegue o primeiro registro oficial do governo para sua academia. A Secretaria da Educação, Saúde e Assistência Pública registra sua academia como uma escola de educação física, com o nome de Centro de Cultura Física e Capoeira Regional, destacando o papel desportivo e marcial da arte. (BARBOSA, 2007, p.56).

Por meio do caminho aberto pelo Mestre Bimba, em 1941 Mestre Pastinha funda o Centro Esportivo de Capoeira Angola (CECA) na cidade de Salvador – BA (Ibid., 2007).

Junto de toda essa movimentação de escolarização da capoeira, ainda houve durante o governo populista, “Era Vargas”, a autorização da prática da capoeira pelo presidente Getúlio Vargas. A partir daí, podia-se aprender capoeira desde que a mesma estivesse a ser monitorada, vigiada em locais fechados (academias), bem como se estivessem em devidas conformidades com o alvará de autorização da polícia. Em seguida, Bimba encontra-se com o inspetor técnico de Ensino Secundário profissional e recebe registro do título de diretor do curso de Educação Física pelo seu método/serviço de ensino da capoeiragem.

Portanto, Manoel dos Reis Machado durante sua prática formatou a capoeira numa luta de ataque e defesa, por meio de uma inovadora metodologia própria de ensino com cerimônias probatórias e nomenclaturas similares aos do mundo social e acadêmico como: Batizado; Formatura e Especialização dos alunos praticantes de capoeira.

Devido ao êxito, Mestre Bimba em 1953 realizou uma apresentação para o presidente Getúlio Vargas que, por sua vez, afirmou ser a capoeira o “único esporte verdadeiramente nacional” (Ibid., 2009). Desse modo, com a “escolarização” da capoeiragem iniciada por Manuel dos Reis Machados, bem como sua metodologia de ensino ser reconhecida pela transformação da capoeira em uma luta legalizada, mais o fato da capoeira de angola, por meio do Mestre Pastinha, se tornar visível e adentrar em locais onde antes nunca havia penetrado (tornando seu modelo de capoeira soberano dentro do estilo Angola, inclusive ultrapassando outros mestres da mesma modalidade). A arte da capoeira transforma-se em algo respeitado pela sociedade e, por isso, intelectuais, artistas e políticos da época legitimam Bimba e Pastinha (e automaticamente a luta da capoeira) como porta vozes da cultura popular e da arte da capoeiragem, Barbosa (2007).

Em 18 de agosto de 2004 a percepção da internacionalidade da capoeira é aludida pela fala do então Ministro da Cultura Gilberto Gil

Nas Américas, no Japão, na China, em Israel, na Coreia, na Austrália, na África e em praticamente toda a Europa. A capoeira disseminou-se pelo mundo com entusiasmo. Mesmo sem falar português, um chinês, um árabe, um judeu ou um americano podem repetir o compasso da mesma música, a arte do mesmo passo e a ginga do mesmo toque. A diáspora da capoeira no mundo é uma realidade que já conta com o aval de instituições educacionais como o Unicef, que referenda trabalhos de iniciativa dos capoeiristas brasileiros em vários países. (GIL, 2004. Não paginado)

Então, com todos os acontecimentos acima citados, a arte marcial passa a ser disseminada pelas vastidões do território brasileiro e difundida nos países estrangeiros. Nesse novo contexto sociocultural, 72 anos após a primeira tentativa de Mario de Andrade em transformar a capoeira em Patrimônio Cultural do Brasil, segundo a Fundação Cultural Palmares, no dia 15 de julho de 2008 a capoeira foi registrada como Bem Cultural de Natureza Imaterial, sendo reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro.

Após essa conquista histórica, aconteceu outro evento de suma importância social e cultural. No dia 14 de novembro de 2014, de acordo com o Ministério da Cultura, a Roda de Capoeira recebeu o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) na sua sede em Paris. Assim, é registrada oficialmente a grandeza, riqueza e importância da arte da capoeiragem.

Segundo uma reportagem realizada em 2016 pela revista Exame, existem na pátria brasileira aproximadamente dez milhões de praticantes de capoeira. Outro fato importante, salientado pelo jornal da Bahia Online, é que existem 152 países pelo mundo onde a capoeira é ensinada e praticada, ou seja, essa arte marcial tornou-se uma prática internacional (RIBEIRO, 2016).

#### **5.4.2 Subjetividade e Capoeira, subjetivação e capoeiragem**

Finalizando o capítulo, ao se observar o contexto sócio-histórico é percebido uma mudança subjetiva da capoeira, bem como da subjetividade daqueles que a praticam. Se antes os capoeiristas eram vistos como “valentões”, “encrenqueiros”, “malandros”, “bambas”, “marginais”. Hoje são admirados por sua malícia, sua ginga, sua perspicácia (dentro do jogo da capoeira, e na vida), como mestres, professores, disseminadores de uma cultura histórica e viva.

Nessa linha de raciocínio, Dobal (2016) ao citar Nikki (2016) e Morin (2005) aponta que a subjetividade é constituída por duas facetas, identidade e vivências. Portanto, subjetividade é expressada no sujeito pelo modo de vida dele que, por sua vez, é derivado das possibilidades socioculturais vivenciadas por essas pessoas. Devido as possibilidades socioculturais serem “maleáveis”, mudarem conforme a história de vida do sujeito, o subjetivo também é alterado e/ou se altera.



Assim, aquela subjetividade expressada no modo de andar (o molejo/bamba), de se vestir (terno, chapéu, sapato), de agir (valentão; ágil; perigoso; temido), foi alterada e se alterou conforme as novas possibilidades e reconhecimentos sociais. Logo, o capoeirista passou a se compreender/ser compreendido como o Mestre respeitado, a capoeira legalizada, a cultura afro-brasileira. Mudou-se, portanto, a subjetividade que caracteriza a arte marcial brasileira e também daqueles que a praticam.

Portanto, não somente a sociedade civil, jurídica, mudou sua concepção sobre a arte marcial conhecida como capoeira, mas os próprios praticantes da arte da capoeiragem se imbuíram de uma nova postura, ou seja, assumiram um caráter de manifestação, porém não por meio da rebeldia, ou da revolta e da malandragem, afinal essas não cabem mais nos tempos contemporâneos, mas sim por meio da figura do professor, do aluno formado, dos mestres que querem angariar alunos e transmitir a todo o momento, em todos os lugares, esse aprendizado, essa matéria imaterial.

## 6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Calcada numa abordagem qualitativa, utilizando da observação e questionamentos para estruturar com adequação, esta pesquisa apresenta as características que são abaixo apresentadas.

### 6.1 Tipo de Pesquisa

A pesquisa teve cunho qualitativo e netnográfico. Rampazzo (2013) aponta que na pesquisa quali o ser humano não é definido antes da experiência (*a priori*), devido se encontrar no mundo mantendo relação com pessoas e objetos, compreendendo os fatos ocorridos e dando-lhes significados de acordo com sua própria existência. E embora essa existência tenha limitações espaciais e temporais, a compreensão da própria realidade, ou de outras, pode ter amplitude infinita, ultrapassar dimensões objetivas, indo além daquilo que é vivido num dado momento, num dado instante, tornando, dessa forma, seu existir algo com diversas possibilidades, algo completamente aberto.

Concordou-se com Rampazzo (2013) em relação à identificação e delimitação do problema, no sentido de ser necessário o pesquisador conhecer profundamente a vida, o contexto estudado, tanto no passado, quanto no presente, de maneira a compreender como as situações problemas chegaram ao ponto daquilo que está sendo estudado. Por esse motivo, as informações coletadas foram trabalhadas de maneira contextualizadas, sem serem isoladas, ou consideradas de modo estável, fixo, apenas para o momento observado, pois todos os fenômenos, os acontecimentos, são tidos como importantes e preciosos, seja a constância das ocorrências, ou suas baixas frequências, ou interrupção, a fala, ou o silêncio. Buscou-se entender a experiência de todos os sujeitos.

Por meio da pesquisa qualitativa, almejou-se a maior a descrição dos acontecimentos. Necessitou-se de ferramentas, ou técnicas para a interpretação que auxiliaram na descoberta dos fenômenos como: entrevista não diretivas participante e relatos de vida. Nesse sentido, considerou-se que a pesquisa mais adequada era do tipo quali, pelo detalhamento e minuciosidade da mesma (Ibid., 2013).

O tipo de observação feito foi participante, pois o pesquisador buscou se integrar ao grupo como um membro participante, realizou as atividades do mesmo

(RICHARDSON, 2007). Logo, o pesquisador almejou um clima de empatia e, para tanto, se identificou como capoeirista. Também participou das aulas e rodas de capoeira momentos antes, ou consecutivos às das entrevistas (variando conforme a disponibilidade dos mestres).

Cabe ao momento sublinhar as nuances dessa pesquisa. Para os casos que não foi possível ir pessoalmente devido ao distanciamento geográfico e visando evitar gastos financeiros exacerbados, a coleta de dados ocorreu pela netnografia, que etimologicamente, segundo Braga (2008), é a junção das palavras “net” (rede) e “ethnography” (etnografia), ou seja, trata-se de pesquisar etnográfico por meio mundo virtual on-line.

Embora esse tipo de estudo ocorra pela internet, é de suma importância lembrar que a netnografia também preza pela ética da pesquisa científica e, dessa forma, cumpre com o mesmo rigor da etnografia, linha a partir da qual se ramificou conforme a popularização/desenvolvimento da internet (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Finalizando essa sessão, Richardson (2007) afirma existirem três modos de estudos: com corte longitudinal, caracterizado pela análise de uma amostra durante um grande período temporal (vários anos) e, devido a esse fato, maior gasto; o com corte transversal, distinto por ser realizado em um curto período (semanas, meses), qualificado por um grupo recorte que representará uma população geral num determinado período; e por último, utilizado nessa pesquisa, denominado transversal com perspectiva longitudinal, logo foi realizado num dado instante, porém sempre a considerar as mudanças culturais relacionadas com o passar do tempo.

## **6.2 Participantes**

O n obtido foi de 22 pessoas, sendo 20 do gênero masculino e 2 do gênero feminino. Apenas 1 era estrangeiro, provindo da Alemanha. Todos eram integrantes de grupos de capoeira (regional e/ou angola). Alguns faziam parte do ambiente universitário, eram estudantes, outros faziam parte da comunidade externa. Portanto, uns estavam inseridos no mercado de trabalho como professores/mestres de capoeira, ou seja, principal meio de renda, outros levavam a arte marcial como uma atividade complementar de renda, paralelo a outra profissão principal, e, por

fim, aqueles que a consideravam como hobby, portanto a capoeira tinha função somente de lazer, saúde e autodefesa.

As formações escolar/acadêmica do público alvo obtidas pelos relatos foram: pós-graduação completa (5); pós-graduação incompleta (1); graduação completa (8); graduação incompleta (4); ensino médio completo (1); ensino médio incompleto (1); ensino fundamental completo (1); ensino fundamental incompleto (3).

Quanto as profissões do público estudado foram heterogêneas variando, segundo as declarações deles, dentro da áreas: saúde (1 medicina, 1 fisioterapia); exatas (1 engenharia civil, 3 analista de sistemas); humanas (1 publicidade e propaganda); operacionais (1 operador(a) de máquina, 1 técnico(a) refrigeração, 1 controlador(a) de acesso); segurança (1 guarda municipal); serviço público (1 servidor(a)); comercial (1 representante comercial); ensino (3 mestre(a) de capoeira; 4 professor(a) de capoeira; 2 profissional de educação física); estudante (2 pessoas); desempregado(a) (1 pessoa).

Cabe ao momento ressaltar que o número de profissões, bem como as formações não correspondem ao n de entrevistados, devido ao fato de algumas pessoas exercerem mais de uma atividade profissional e relatarem terem mais de uma formação acadêmica.

A hierarquia dos praticantes permeou todas as esferas da arte marcial, portanto, haviam alunos (9); formados professores (7); contramestres (3) e mestres (3). O tempo de prática variou entre 4 e 39 anos de prática ( $M = 17,35$ ;  $DP = 11,63$ ). Quanto aos grupos, houve participação de quatro escolas de capoeira, sendo todas de origem brasileira com filiais em países espalhados pelos cinco continentes (América; Europa; África; Ásia; Oceania).

### **6.3 Materiais e Instrumentos**

A pesquisa ocorreu de duas maneiras, por meio da netnografia e por entrevista presencial. Nas situações *in loco*, pesquisador na UNESP, ou nas academias de capoeira, as entrevistas foram realizadas com o auxílio de um roteiro e gravador de áudio, portanto houveram entrevistas semiestruturadas. Nos momentos sem a presença física do pesquisador, devido ao distanciamento geográfico, foram enviados questionários online com 16 perguntas do tipo abertas e fechadas. Vale ressaltar que antes das perguntas (entrevista, ou questionário) havia

leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E) para elucidar aos voluntários sobre “o que”, “como” e “o por quê” da pesquisa.

#### **6.4 Procedimentos: Coleta de Dados e Aspectos Éticos**

Para uma fluidez mais didática e clara, os procedimentos estão divididos em três etapas que informaram quanto aos aspectos da pesquisa e preparo do material para a coleta de dados, procedimentos éticos e o modo de coleta.

##### **6.4.1 Etapa A**

Inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica referente à formação de grupo, subjetividade, psicologia social comunitária, história da capoeira, trabalhos e dinâmicas de grupo, desenvolvimento humano e tecnologias em bancos de dados científicos como SciELO; Google Acadêmico; LILACS e PePSIC.

Em seguida, foi desenvolvida uma entrevista piloto na qual 10 pessoas aleatoriamente participaram para verificar se a proposta da pesquisa estava adequadamente encaminhada, ou seja, compreender se os voluntários responderiam as questões sem terem dificuldades ou dúvidas. Assim, viabilizou-se os devidos ajustes, portanto foram retiradas as questões ambíguas, ou que descobriam a mesma coisa. Tudo na busca de evitar a exaustão dos entrevistados, além de obter maior objetividade e assertividade dos instrumentos de coleta de dados.

Outra ferramenta desenvolvida foi um questionário online com 16 questões online por meio do *Google Formulários* presente na plataforma tecnológica **Google Drive**. Vale salientar que as perguntas do questionário foram exatamente as mesmas das entrevistas presenciais, mas evidentemente sofreram adaptações para a realidade de leitura e escrita no ambiente online (fizeram-se questões abertas e fechadas). Ambos inquéritos, questionário online e entrevista, verificaram a relação dos capoeiristas com as tecnologias virtuais, portanto, como se comunicavam a partir das tecnologias, quais tecnologias preferiam, quais tecnologias seus grupos utilizavam e para que as utilizavam.

### **6.4.2 Etapa B**

Acertados os pontos destoantes, a proposta de pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) foram apresentadas ao PPG-DEHUTE<sup>1</sup> e enviados à Plataforma Brasil para apreciação do Comitê de Ética da UNESP de Rio Claro.

Após ao parecer favorável desse comitê, CAAE: 55221016.7.0000.5465, a proposta da pesquisa foi divulgada na universidade, portanto, deu-se o início das entrevistas dentro das dependências da UNESP. Também houveram solicitações de autorização de visita aos mestres de capoeira para entrevistas nas academias dos grupos. Tais pedidos ocorreram pessoalmente, por telefone, smartphone e por intermédio da internet (redes sociais online).

### **6.4.3 Etapa C**

Após agendados os encontros, a realização das entrevistas, quando dentro da UNESP, se deram em uma sala com cadeiras disponíveis na instituição universitária. Já nas academias de capoeira buscou-se locais calmos dentro dos próprios estabelecimentos para a gravação das entrevistas. Quando as pessoas não podiam participar presencialmente, devido não terem tempo no momento das entrevistas presenciais, ou pela distância geográfica, por residirem em outra cidade, outro Estado, ou país, valeu-se dos recursos online (e-mail; Facebook; WhatsApp; Google Drive).

Nos momentos em que o pesquisador realizou as entrevistas pessoalmente, o T.C.L.E. foi lido pelo mesmo, tiradas as possíveis dúvidas e assinado pelos entrevistados. Tudo foi registrado por meio de um gravador de áudio. Nas situações online, o mesmo T.C.L.E. foi colocado no questionário junto com os contatos do pesquisador para elucidação de eventuais dúvidas quanto a pesquisa.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a pesquisa teve uma característica itinerante, ou seja, ocorreu em diversos locais físicos e não físicos (ambientes virtuais) e de maneira concomitante, devido a disponibilidade do pesquisador de locomoção e gerenciamento dos aparatos tecnológicos virtuais (redes sociais virtuais e o questionário online).

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano e Tecnologias (PPG-DEHUTE).

A título de melhor detalhamento, os locais físicos utilizados para as entrevistas pessoais, foram as dependências da Universidade Estadual Paulista, no campus de Rio Claro-SP, e as academias de capoeira estavam espalhadas por quatro cidades brasileiras, no caso, Campinas-SP; Rondonópolis-MT; Jundiaí-SP; Rio Claro-SP. Já em relação aos ambientes virtuais, navegou-se pelos e-mails; Facebook; WhatsApp; e Messenger.

É importante ressaltar que em alguns casos onde as pessoas não tinham tempo para realizar a entrevista pessoalmente, no momento em que o pesquisador estava presente fisicamente, às vezes os sujeitos se mostravam interessados em participar do estudo. Nesses casos, foi pedido um contato virtual online (e-mail; WhatsApp; Facebook) para dar andamento na pesquisa. Essa estratégia, também possibilitou aos sujeitos geograficamente mais distantes do pesquisador (Jundiaí-SP; Rondonópolis-MT e Alemanha) poderem colaborar com os estudos viabilizando mais agilidade na coleta de dados, mais tipos de coletas e um aumento no N de entrevistados. Por isso, foi enviado um *link* com a enquete nas Fanpages<sup>2</sup> de capoeira, nos e-mails e nos WhatsApp dos capoeiristas.

A pesquisa não apresentou riscos físicos ou psicológicos. Uma vez que foi respeitado o sigilo dos participantes, os riscos não foram maiores do que os do cotidiano presentes na realidade social brasileira.

Por intermédio da plataforma online, vale ressaltar, ocorreu a pesquisa netnográfica. Enquanto ferramenta, a netnografia possibilitou o compartilhamento de um questionário online, com sigilo garantido, pois segundo Kozinets (2014) o anonimato é essencial para a obtenção de respostas fidedignas, que acarretam numa pesquisa de boa qualidade.

Quanto a característica da entrevista, o mestrando optou pela semiestruturada. Logo, foi elaborado um roteiro com questões que nortearam o pesquisador durante as investigações e, ao mesmo tempo, permitiram levantar informações extras das práticas cotidianas dos entrevistados, pois de acordo com Manzini (2003) e Mattos (2005), a vantagem desse estilo de coleta de dados é justamente ser uma maneira diferenciada de diálogo entre as partes (entrevistador/entrevistando) que dá liberdade das respostas não ficarem

---

<sup>2</sup> Segundo matéria do site ALDABRA, fanpage é uma página online dentro do Facebook voltada para empresas, associações, marcas comerciais, associações, sindicatos, autônomos, qualquer

engessadas ao apenas ao perguntado e possibilitar levantar novas hipóteses e compreender o contexto.

## 7 ANÁLISE DE DADOS

Terminada a coleta de dados, houve o início dos trabalhos em cima dos dados brutos, começaram as transcrições das entrevistas para a viabilização da análise de conteúdo segundo modelo proposto por Bardin (2011). A partir desse ponto, seguindo os critérios da autora supracitada, se fez a leitura flutuante das transcrições; formularam-se as hipóteses e objetivos (mostrados anteriormente) para possibilitar as categorizações. Então, foi possível dimensionar e direcionar a análise. Tal processo entendido como pré-análise culminou na exploração do material.

Concluído o procedimento, a segunda etapa foi viabilizada, portanto iniciou-se o tratamento interpretativo dos resultados e as operações estatísticas. Desse modo, os discursos dos entrevistados foram analisados, transformados em categorias, colocados em tabelas. Em seguida, foram realizadas as inferências para comprovação, ou não das hipóteses (tecnologias influenciam na subjetividade dos capoeiristas). Por fim, ocorreu a análise de tais inferências afim de se pontuar os resultados (Ibid., 2011).

Nesse ponto do estudo (análise/classificação dos dados), ocorreu a diferenciação das informações obtidas. Logo, houve a seleção dos dados primários, aqueles, segundo Richardson (2007), diretamente ligados aos objetivos que foram pesquisados e dos dados secundários, ou seja, informações não necessariamente ligadas de modo contundente com o foco da pesquisa devido fugirem do arcabouço teórico, ou serem redundantes.

Pretendeu-se, desse modo, encontrar aquilo que é mais valioso para as pesquisas qualitativas, ou seja, o fator psicológico. Algo que não pode ser mensurado apenas quantitativamente, devido a necessidade de se abranger questões de comportamento, motivação, expectativas, entre outros (RICHARDSON, 2007; RAMPAZZO, 2013). Nesse sentido, a análise de dados acabou por se debruçar sobre os fenômenos sociais e seus agentes, no caso, os capoeiristas e o uso das tecnologias por eles realizados.



## **8 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Após a finalização da análise de conteúdo segundo modelo proposto por Bardin (2011), chegou-se aos resultados que expressam os usos das tecnologias e as influências das mesmas na cultura e subjetividade dos capoeiristas. Portanto, foi colocado nessa sessão os resultados com os gráficos de modo a responder os objetivos, bem como validar, ou refutar a hipótese elaborada nos primórdios da pesquisa. Tais resultados, foram obtidos por meio das afirmações dos entrevistados, portanto, houve a necessidade de se categorizar os dados colhidos pelos relatos/respostas da entrevista, do questionário online e somar as porcentagens conforme se enquadravam em cada categoria.

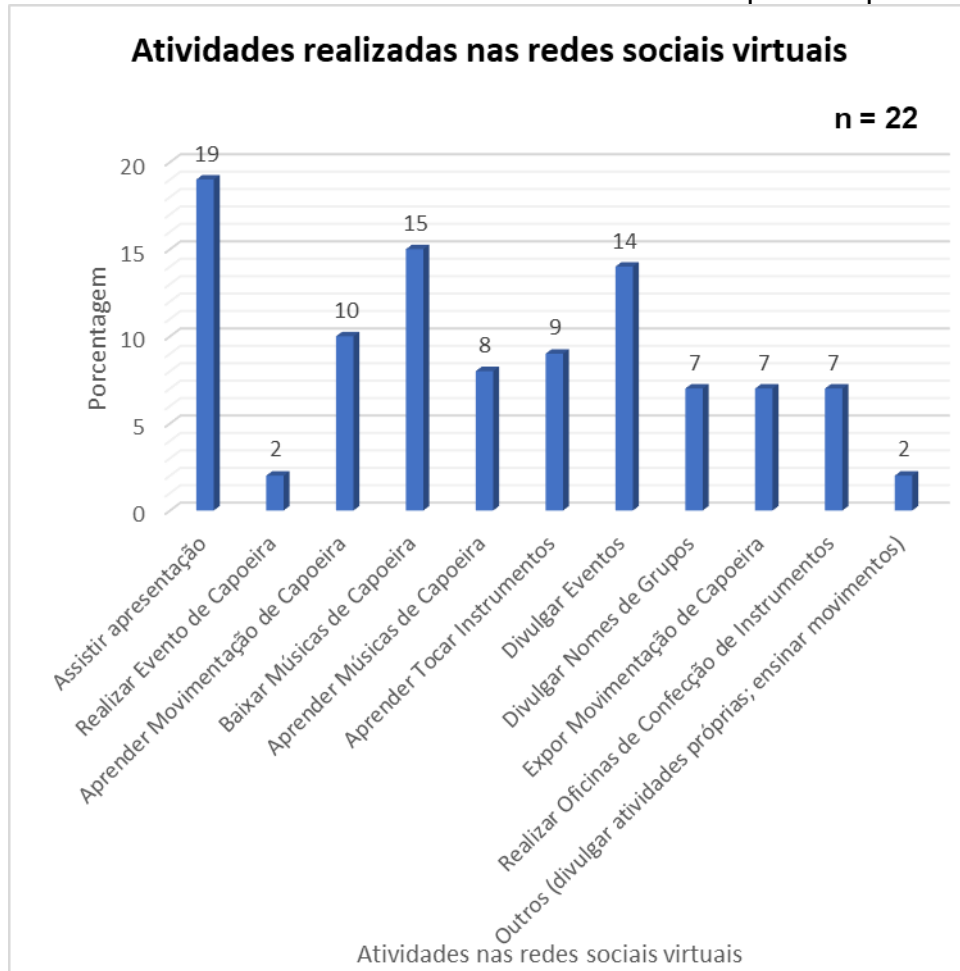
### **8.1 Análise da produção cultural dos capoeiristas**

Na busca pela compreensão da produção cultural dos capoeiristas por meio das tecnologias, foi perguntado aos mesmos qual tipo de atividades costumavam realizar nas mais variadas redes sociais virtuais. Assistir apresentações de capoeira correspondeu a 19% das respostas; baixar músicas de capoeira representou 15% dos relatos; seguido logo abaixo pela divulgação de eventos de capoeira com 14%.

Ao emparelhar tais afirmações notou-se, devido a semelhança, a possibilidade da obtenção da categoria “Lazer pelas Artes Marciais”, ao serem somadas tais afirmações é possível se afirmar que 34% buscam extrair lazer dessa arte marcial, pela obtenção de músicas via downloads, e/ou visualização de apresentações (jogos de capoeira). Por meio da soma das respostas aprender a tocar instrumentos, aprender músicas de capoeira e aprender movimentações de capoeira se fez a categoria “Aprendizagem e Aprimoramento” em que a somatória equivaleram a 27% das buscas por intermédio de aulas de movimentos (golpes, esquivas, fintas, etc.), aulas de instrumentos e cantigas. Em relação as afirmações divulgar eventos e divulgar nome de grupos, quando somados encontrou-se a categoria “Propaganda de Capoeira” que equivaleram a 21% das respostas.

A seguir, o gráfico 1 dando um panorama mais detalho da realidade acima descrita.

**Gráfico 1 – Relato dos usos das redes sociais virtuais pelos capoeiristas.**

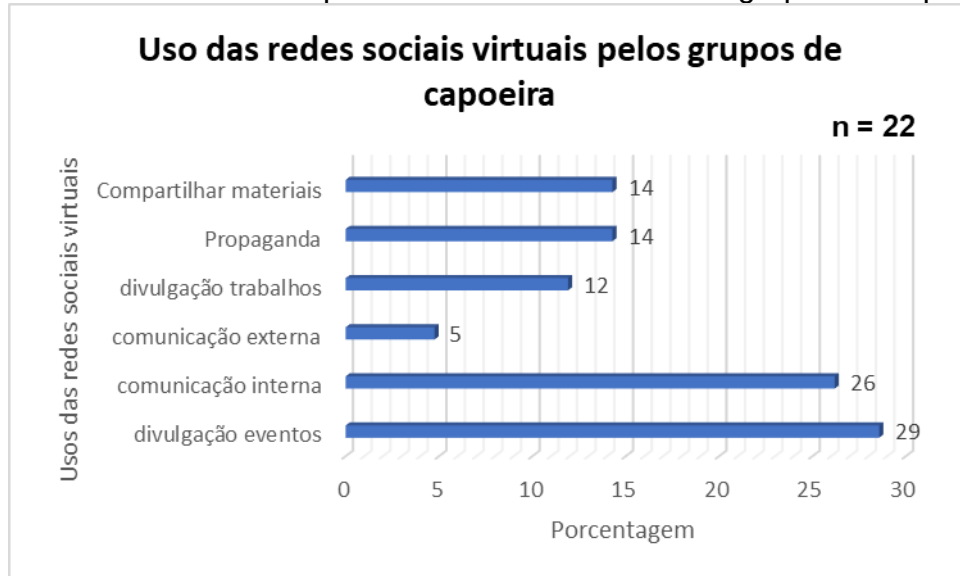


Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

Ao se expandir a visão dos sujeitos e focar nos grupos, é perceptível outras variáveis ligadas a produção cultural. Devido à proximidade das temáticas comunicação interna e divulgação de eventos foi possível ser obtida a categoria “Sucesso das Atividades Grupais”. Nesse sentido, a soma desses dados correspondeu a 55% das afirmações que apontam para a preocupação em executar com sucesso as atividades em grupo (maioria dos membros participar dos eventos/encontros). Assim, ocorre um diálogo interno com o(s) grupo(s) para saber de locais e horários de treinos, saídas em conjunto para eventos inclusive de outras academias. Ao juntar outras temáticas que continham semelhanças como

propaganda, divulgação de trabalhos e comunicação externa, pode-se dizer que 31% das repostas apontam para a preocupação dos grupos com “Publicidade”. Abaixo, o gráfico 2 traz o detalhamento de tal situação.

**Gráfico 2 - Relato dos capoeiristas sobre os usos dos grupos de capoeira.**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

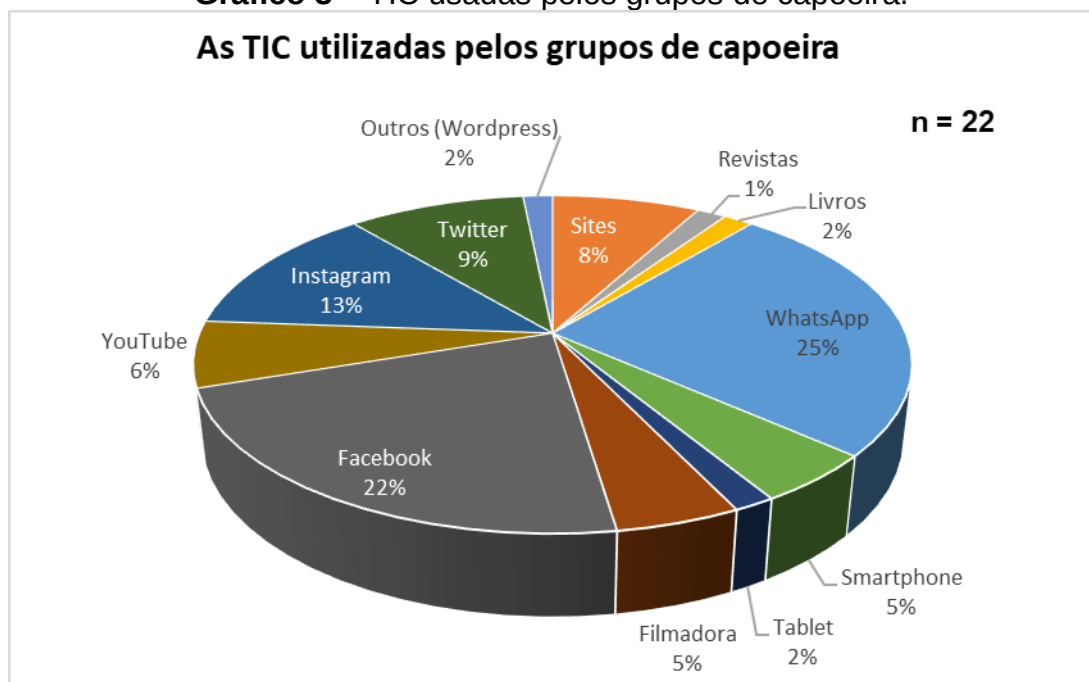
Na relação entre as Tecnologias da Informação e Comunicação e produção de cultura é possível notar que as principais mídias utilizadas foram WhatsApp com 25%, Facebook representando 22% e o Instagram em 13%. Porém não é prudente nos atermos apenas aos relatos como seccionados, pois há atualmente a possibilidade de uma tecnologia ser expressada por outra. A exemplo disso, um usuário do Facebook pode acessá-lo e/ou publicar material (vídeos, fotos, textos) nele por meio de smartphones, notebooks e/ou tablets. Isso sem contar as inúmeras possibilidades de variações de “Transmissões Cruzadas”, como tratar uma imagem, ou vídeos por outras tecnologias (máquinas fotográficas digitais, Photoshop) transmitir imediatamente e diretamente em outro espaço midiático. Ou até reproduzir coisas de um ambiente virtual em outro, como caso do compartilhamento de vídeos do YouTube em mensagens privadas do WhatsApp, ou Messenger.

Tudo isso acima exposto, mostra que os capoeiristas se encontram em atividade no ciberespaço e férteis na produção da cibercultura apontadas por Levy

(1999) Lemos (2010) e Zanetti (2013). Visto que se expressam dentro das redes de comunicações sociais virtuais, por meio da intercomunicação das TIC como smartphones, computadores, tablets. Além de se “encontrarem”, ou se reunirem nos “não lugares” por meio de grupos sociais online (Facebook; Fanpages; WhatsApp; Instagram) com interesses em comum, ou seja, a divulgação, o compartilhamento de informações e culturas da capoeira.

O gráfico 3 representa os relatos dos praticantes de capoeira em relação aos usos das TIC realizados pelos grupos deles, tanto as ferramentas físicas (livros, filmadoras, revistas), quanto as virtuais. Nesse sentido, a realidade “Transmissões Cruzadas” apontada no parágrafo acima é detalhada abaixo.

**Gráfico 3 – TIC usadas pelos grupos de capoeira.**



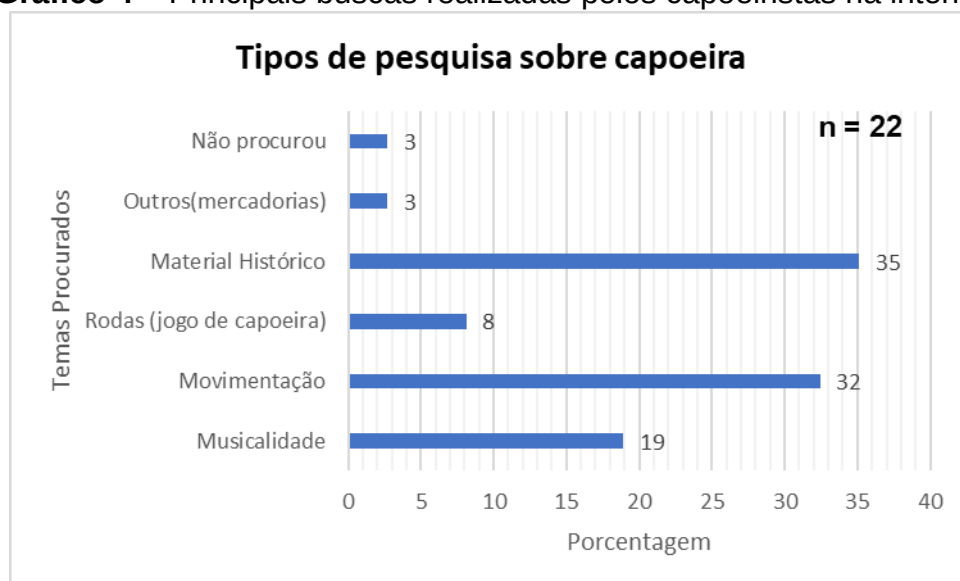
Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

## 8.2 O impacto e utilização das TIC nas práticas e tradições da capoeira

Com a intenção de compreender o tipo de impacto da utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação e nas tradições culturais da capoeira. É

percebido pelo gráfico 4 (abaixo) que os principais interesses estão em buscar materiais históricos sobre capoeira, 35% das respostas, seguido pelo empenho em aprender novas movimentações da luta, 32% dos relatos. Logo, tais dados foram compreendidos como categoria de “Raiz e Atualização”, pois é possível se inferir a existência de um anseio dos praticantes em adquirir fundamentos teóricos da prática marcial por meio da compreensão da origem (raiz) da capoeira, descobrir sobre a vida dos mestres, saber como e de onde se originou tal arte marcial, estudar as figuras lendárias da capoeira, além de aprender fundamentos práticos, aquelas habilidades cobradas de acordo com as graduações dentro dos grupos, saber cantar, tocar os instrumentos, diferenciar os toques e tipos de jogo, e fazer movimentação adequada. Existe então, uma preocupação dos capoeiristas em se atualizar, porém sem ignorar as questões sociais, históricas e culturais da arte da capoeiragem.

**Gráfico 4 – Principais buscas realizadas pelos capoeiristas na internet.**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

As TIC também podem utilizadas como ferramentas de expressão cultural. Cultura segundo dicionário Michaelis (2018) é

cul·tu·ra

sf

1 AGR Ato, processo ou efeito de trabalhar a terra, a fim de torná-la mais produtiva; cultivo, lavra.

(...)

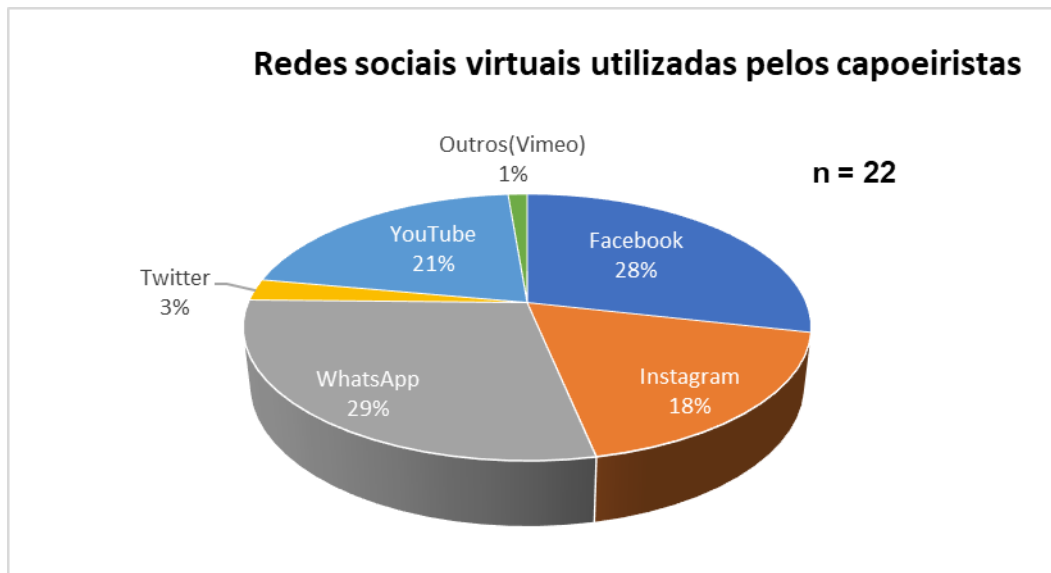
7 ANTROP Conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social.

8 Conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria.

9 Requite de hábitos e conduta, bem como apreciação crítica apurada. (MICHAELIS, 2018).

Se fizermos uma analogia metafórica entre o significado de “cultura” e produção do conhecimento sobre a realidade estudada nessa pesquisa. Veremos pelo gráfico 5 que o WhatsApp, o Facebook e o YouTube juntos são os “solos” mais procurados para a “plantação” da “semente” da capoeiragem, pois somados representam 78% das respostas e compõem dessa maneira a categoria “Solos mais Férteis”. Portanto, nesses sítios eletrônicos temos a identificação de onde se encontram o público estudado.

**Gráfico 5 – Locais virtuais de expressão dos capoeiristas.**

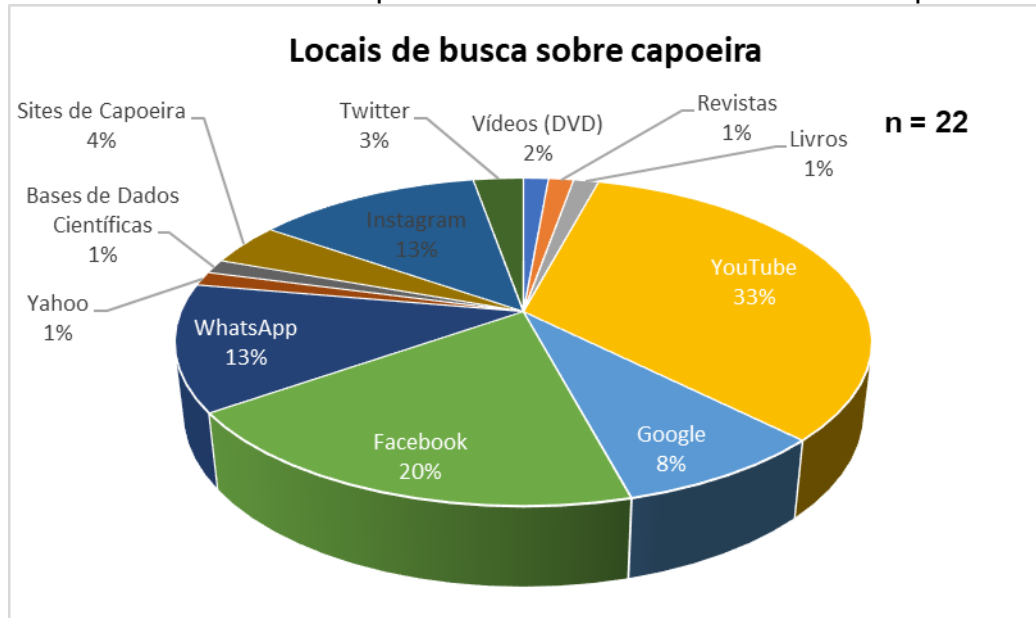


Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

Outro assunto que se aproxima da temática acima discutida (locais de expressão cultural), são os locais de pesquisa sobre a arte da capoeira. A seguir, com maior detalhamento no gráfico 6, pode-se dizer que a “Maior Vitrine”, local de

observação, de consumo do “produto” capoeira, segundo os relatos dos participantes, é o YouTube, pois 33% das respostas correspondem a essa mídia.

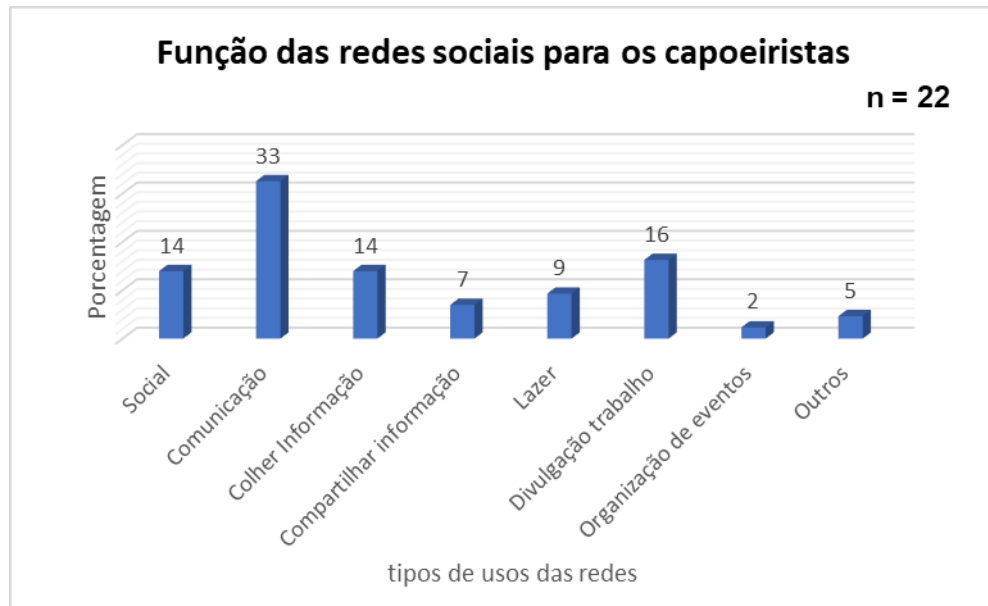
**Gráfico 6 – Onde os capoeiristas buscam material sobre a capoeira.**



Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

Ao se raciocinar sobre os locais de expressão cultural da capoeira, aos locais de busca sobre tal arte marcial, é importante compreender a função das TIC impactantes nas práticas e tradições dessa luta histórica. Abaixo, o gráfico 7 aponta que 33% responderam usar as tecnologias com a finalidade de comunicarem-se, 16% para anunciarem os próprios trabalhos (relacionados a capoeiragem) e 14% colherem informações sobre a luta. Se a capoeira for compreendida como um produto, ter-se-á a categoria “Lógica de Mercado, TIC facilitadora”. Portanto, ao ser usada a lógica da mercantilização cultural, pode ser subentendido que as Tecnologias da Informação e Comunicação funcionam como facilitadores da venda dessa arte marcial brasileira.

Nesse sentido, vemos ser reforçadas as palavras de Zywica e Danowski (2008) e Moioli (2013) quando afirmam que as redes sociais virtuais podem ser utilizadas para fins de desenvolvimento profissional seja para aumentar a quantidade de clientes, ou para aperfeiçoamento da própria prática, bem como comunicação, no caso, com colegas do grupo, além de permitir a exposição de conteúdos como fotos e vídeos da própria prática.

**Gráfico 7 – Funcionalidade das redes sociais relatadas pelos capoeiristas.**

Fonte: Elaborado pelo próprio autor (2018).

### 8.3 Reflexão sobre a produção cultural e subjetividade

Ao se deparar com os sete gráficos dessa sessão nota-se uma grande quantidade e variedade de ações, de comportamentos humanos a expressarem de diferentes maneiras a capoeiragem. A cultura da capoeira permeou entre o individual e o coletivo. Essas práticas humanas, expressões da subjetividade, tiveram possibilidade de registro e de manifestação por meio das Tecnologias da Comunicação e Informação.

Historicamente nota-se uma mudança na maneira de expressar a capoeira e uma modificação na subjetividade daqueles que a expressam. Barbosa (2007) traz toda a realidade de revolução dos movimentos de escravos e antiescravagistas em busca de liberdade, um período de marginalização, exclusão, repressão onde os capoeiristas eram considerados criminosos e todo esse ideal racista era divulgado, compartilhado pelas mídias da época como jornais e boletins policiais. Em seguida, aparece o panorama das pós-conquistas (fim da escravidão), a liberdade de expressão com a possibilidade praticar uma capoeira legalizada, sistematizada, escolarizada, dentro de academias fechadas, inclusive sendo ensinada para outros países do mundo.

Nessa segunda fase (capoeira legalizada) os capoeiristas desenvolveram uma outra compreensão de si, definida por Foucault (1982) como subjetividade.



Além disso, os praticantes da arte da capoeiragem começaram a se preocupar com a imagem da capoeira, no sentido de manterem-se respeitados, aceitos na sociedade e, inclusive, ter por meio dessa arte marcial uma fonte de renda.

Essa dinâmica social, delineada acima, pode ser compreendida através do prisma das palavras de Skinner (1953/1998) ao afirmar que a cultura onde o sujeito está inserido e as pessoas que o cercam, compõem as diversas variáveis que podem influenciar o comportamento do ser humano. Então, segundo esse autor, o contexto social é, até certo ponto, produto do grupo que por sua vez influenciará nos costumes, na ética das pessoas individualmente.

Então, todos os dados vistos acima apontam para uma situação multifatorial, ou seja, a cultura influencia (até certo ponto) o grupo, que influencia o sujeito. Por outro lado, as posturas daquele sujeito também irão repercutir em algo no grupo. No caso estudado, capoeira era proibida, o grupo se uniu para essa arte ser aceita. Após a cultura da capoeira ter sido aceita, os capoeiristas começaram a vislumbrar novas possibilidades de vida, ou seja, além de praticarem, começaram a se manter financeiramente por meio dela.

Com essas reestruturações sociais, os capoeiristas adotam uma nova postura, portanto de mestres que ensinam, tornaram-se baluartes de uma cultura viva. Isso refletiu em novas possibilidades de serem compreendidos pela mídia, pelas autoridades policiais e pela população civil em geral. Há nesse ponto uma reestruturação, ou reconstrução da subjetividade dos praticantes da arte da capoeiragem.

A capoeira pôde entrar nas escolas e universidades, as autoridades policiais não mais a impede nas praças, as produções cinematográficas representam o capoeirista como herói, por exemplo o filme *Esporte Sangrento* (1998) conta a história de um professor que ensina capoeira para uma comunidade carente numa periferia dos EUA; *Mestre Bimba – a capoeira iluminada* (2005), biografia do mestre Manuel do Reis Machado criador do estilo Capoeira Regional; ou *Besouro* (2009) herói negro que lutava contra a escravidão.

Mudou, portanto, não somente a subjetividade dos capoeiristas, mas daqueles que não a praticam. A concepção de capoeira é transformada em Patrimônio Cultural Brasileiro pelo IPHAN em 2008 e em Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2014. Assim, a capoeira passa a permear outras realidades sociais e adentrar em culturas estrangeiras, ser praticada em mais de 150

países do globo, espalhados por todos os continentes, como afirmado pelo, na época, ministro da cultura Gilberto Gil (2004) e por Ribeiro (2016).

Existe um anseio dos capoeiristas, vide dados coletados nesse estudo, em comunicarem-se com seus pares, em divulgarem o próprio trabalho, em agregarem valor ao grupo participando ativamente dele (aprendendo, ensinando, ajudando e comparecendo em eventos), no empenho em angariar alunos e no ensino seja presencial, seja a distância por meio das redes sociais virtuais.

Nesse sentido, se concretizam as palavras de Rey, Goulart e Bezerra (2016), ao afirmarem que subjetividade é inerente a comunicação, entre os mais variados contextos (profissional, social, pessoal) e afeta a forma como as pessoas individualmente ou em grupo irão reagir diante das necessidades do cotidiano.

Vale reforçar que a subjetividade humana é mutável, e transforma-se por meio da subjetivação, que segundo Michel Foucault (1982) é a produção de subjetividade, transmitida pelas diversas esferas sociais, ou seja, as ideologias e instituições, por intermédio das mudanças de valores culturais, sociais, políticos, econômicos, religiosos, filosóficos, científicos, acadêmicos, eruditos, populares, entre inúmeros outros influenciam a população que, por sua vez, agirá em resposta às ações de normas, costumes, ética e moral impostas, ou sugeridas, reciprocamente sobre as instituições (Estado, escola, igrejas, família, etc.).

Portanto,

[...] a subjetividade não representa uma estrutura intrapsíquica individual que determina o comportamento, mas representa uma qualidade que especifica os processos humanos nas condições da cultura. Um princípio essencial dessa formulação teórica é seu caráter gerador. A subjetividade é uma produção singular que caracteriza a experiência vivida. Nesse sentido, tanto indivíduos como grupos existem em redes relacionais vivas em cada um dos momentos concretos de uma ação, por meio da articulação de sentidos subjetivos e configurações subjetivas que se implicam estreitamente nesse momento. (REY; GOULART; BEZERRA, 2016, p.56).

Por fim, houve uma subjetivação no “ser capoeirista”, devido a transmissão de valores entre os mestres e discípulos, pela fala, pela luta, pelo jogo, pelas palmas, pelos ritmos, pelos instrumentos, pelas músicas, pelas cantigas, pela convivência diária nas rodas de capoeira, nas academias (tanto de capoeira, como acadêmicas) pelas tecnologias midiáticas (internet, televisão, jornais, cinema, fotografia, revista – acadêmicas, ou não). Uma subjetivação direta como praticante, ou indireta como

pesquisadores, acadêmicos, admiradores, espectadores, etc. que alterou o ser/existir daqueles que fazem/praticam e/ou admiram a cultura da capoeira.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo buscou compreender de maneira qualitativa as interações entre os capoeiristas e as Tecnologias da Informação e Comunicação de modo enxergar os impactos nas tradições da capoeira, portanto na produção cultural e na subjetividade dos capoeirista.

Por meio dessa pesquisa foi possível alcançar todos os objetivos propostos, visto que pelas entrevistas e questionários online os praticantes de capoeira expressaram sem dificuldades “o que” e “como” se expõem e/ou compartilham nas redes sociais virtuais. A análise feita de maneira cautelosa permitiu aferir o impacto das TIC nas práticas e tradições da capoeira, pois essa também está atrelada ao comportamento dos seus praticantes que, por sua vez, expressou a produção cultural e subjetiva dos capoeiristas.

A hipótese foi validada, ou seja, notou-se que as tecnologias da informação e comunicação influenciam na expressão da subjetividade dos capoeiristas entre si e também entre pessoas que não praticam essa arte marcial. Percebe-se que existe a preocupação em comunicar-se dentro e fora dos grupos, expressar-se corporalmente enquanto dança, luta, esporte com intuito de angariar alunos, ensinar movimentações, ou simplesmente expor vertentes da arte como músicas e instrumentos. Entretanto, não há uma preocupação central frente aos preconceitos de raízes históricas, pois o foco é a exposição da cultura da capoeira no cotidiano.

Notou-se que os praticantes da arte da capoeiragem relacionam-se intimamente com os aparatos tecnológicos, ou seja, manejam filmadoras, smartphones, câmeras fotográficas, de modo inter-relacionado. Assim, utilizam as mídias de maneira a permearem diversos ambientes virtuais simultaneamente. Nesse sentido, tiram fotos, ou filmam suas práticas “capoeirísticas” pessoais, ou de seus grupos e expõem (postam) em alguma rede social virtual, por exemplo, divulgam trabalhos no YouTube e a partir desse “lugar” compartilham em outro ambiente, como Instagram, ou Facebook.

Existem diferentes objetivos pessoais de acordo com cada tipo de relação entre os praticantes e a capoeira. Nesse sentido, alguns preocupam-se com a origem, com a histórica evolutiva dessa arte marcial brasileira; outros preocupam-se com aquisições materiais (roupas, instrumentos musicais); há os que aperfeiçoam suas técnicas pelos tutoriais online (aprender movimentação, música, fazer

instrumentos); têm aqueles que adquirem um estilo de vida e inclusive se mantêm financeiramente apenas com o ensino da luta; existem pessoas que ajudam nos objetivos do grupo, mesmo que não sejam mestres, tiram fotos, montam sites, administram Fanpages para o grupo manter-se unido, ativo e angariando mais alunos, outros se expressam pela escrita de livros, ou gravando músicas. São infinitas as possibilidades de relações humanas presentes nesse estudo, pois oscilam entre o individual (pessoal) e o coletivo.

Por isso, há impactos nas relações grupais, nas relações pessoais do capoeiristas entre si e entre a sociedade não praticante da arte marcial. Dessa forma, a cultura continua viva e evoluindo. As subjetividades mudam, tanto a subjetividade pessoal, quanto a do grupo. Por exemplo, de “baderneiros, revoltosos”, para mestres admirados e empreendedores por expressar uma cultura de modo a cativar alunos, sempre a administrar o grupo que são criadores, ou filiados. Dessa forma, as pessoas tornam-se mantenedoras de uma tradição viva e colaboram com o desenvolvimento dela.

Nesse sentido, a pesquisa contribuiu com as temáticas subjetividade, cultura, tecnologias e capoeira. Os achados, vão ao encontro das falas de filósofos e cientistas das mais variadas áreas humanas (psicologia, sociologia, história, políticas) como Michel Foucault (1982), B.F. Skinner (1998); Fernando Gomez Rey (2016); Barbosa (2007); Nestor Capoeira (2015), quando mostram que a cultura é composta de valores sociais, grupais e é algo mutável, quando afirmam que o ser humano é influenciado pelo meio e em contrapartida o influencia pela expressão de sua cultura.

Quanto às dificuldades do estudo, nem sempre foi encontrado algo sobre relações midiáticas e capoeira, muito menos quanto a capoeira e subjetividade, visto que a maioria dos artigos trazem questões históricas e sociais da prática da capoeira. Por esse motivo, houve a necessidade de analisar tais assuntos separadamente e relacioná-los. Algumas vezes o pesquisador foi surpreendido pelas entrevistas serem desmarcadas em cima da hora, ou por pessoas simplesmente preferirem não colaborarem com seus relatos. Outra dificuldade é que o estilo de pesquisa, no caso qualitativa (baseada em BARDIN, RAMPAZZO, RICHARDSON), por ser minuciosa, detalhista acabou por não desenvolver um “n” grande, devido a inexperiência do pesquisador e do universo cultural de dados coletados. Entretanto, vale ressaltar que “quantidade, não necessariamente é qualidade”, portanto dentro

do universo de 13 entrevistas presenciais e 9 participações via questionário online, obteve-se riqueza quanto ao viver dos voluntários entrevistados.

Tem-se a consciência que pesquisa não pode servir para total generalização, pois as limitações acima descritas representam uma pequena parte de um grande universo com tantas variações sociais, escolares/acadêmicas, geográficas, psicológicas e culturais.

Por fim, acredita-se ser válido mais estudos em cima da temática “capoeira” ligando-a ao ramo do ensino (seja presencial, ou a distância); ao da antropologia, devido a miscigenação cultural (como é a interação dos estrangeiros com a capoeira?; como é percebida e praticada fora do Brasil?); ramo mercadológico (pensar sobre o comércio de materiais de capoeira, o capoeirista enquanto empreendedor); área da psicologia (como se sentem os capoeiristas brasileiros fora do país?; como se sentem ao voltar?; o que pensam sobre a valorização dessa arte marcial brasileira?). Tudo de modo a agregar conhecimento científico e de modo a colaborar com o social externo aos portões das universidades.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W.M.J.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R.bras.Est.pedag.** Brasília, v.94, n.236, p.299-322, jan./abr. 2013.
- BALDANZA, R. F. A comunicação no ciberespaço: reflexões sobre a relação do corpo na interação e sociabilidade em espaço virtual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29. Brasília, 2006. **Anais...** São Paulo, 2006. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1012-1.pdf>>. Acesso em: 22 de jan. 2009.
- BARBOSA, F. R. M. Mestre Bimba: o fundador e rei da capoeira regional. **Revista Digital efdeportes**, Buenos Aires, v. 19, n.133, 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd133/mestre-bimba-o-fundador-e-rei-da-capoeira-regional.htm>>. Acesso em 21 nov. 2016.
- BARBOSA, W.D. **DOSSIÊ**: Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural Do Brasil. Brasília: Ministério da Cultura, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Decreto-lei no 847, de 11 de outubro de 1890. **Coleção de Leis do Brasil**. Brasília, DF, p. 2664 Vol. 10, 11 out. 1890.
- COSTA, F.R. (Coord.) **Repensar as TIC na Educação**: o professor como agente transformador. Portugal: Santillana, 2012.
- BOCK, A. M. B. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. **Psicologia para a América Latina**. 2004. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2004000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2004000100002)>. ISSN 1870-350X Acesso em: 30 set. 2016.
- BRAGA, A. Usos e consumos de meios digitais entre participantes de weblogs: uma proposta metodológica. In: XVI Encontro da Compós, 26. UTP - Curitiba, PR, 2007. **Anais...** Curitiba, 2007. Disponível em: <[http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_162.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_162.pdf)>. Acesso em 02 mar. 2008.
- BAGNI, G. **Cyberhooligans: A manifestação da violência nas redes sociais**. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2017.
- BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., Brasília, 2006. **Anais...** São Paulo, 2006. CD-ROM. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1012-1.pdf>>. Acesso em: 22 de jan. 2009.
- CAPOEIRA, N. Manduca da Praia. Capoeiristas Pulp fiction Tropical. **Portal Capoeira**. 2015. Disponível em:< <http://portalcapoeira.com/portal-capoeira/institucional/nestor-capoeira-capoeiristas-pulp-fiction-tropical>>. Acesso em: 20 de out. 2017.
- CARVALHO, J.M. Pesquisa Científica e Evolução Social. **Educação e Filosofia**. v.3, n.33, jan./jun. 2003, p.185-193.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

COSTA, F.R. (Coord.) **Repensar as TIC na Educação: o professor como agente transformador.** Portugal: Santillana, 2012.

DOBAL, S. Autoretratos: Transcendendo a Subjetividade. **Revista NUPEM.** Campo Mourão-PR, v.8, n.15, jul./dez. 2016

FERIOTTI, M.L. Equipe Multiprofissional, Transdisciplinaridade e Saúde: Desafios do Nosso Tempo. Vínculo: **Revista do NESME**, São Paulo, v. 2, n. 6, p. 113-219, 2009.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito.** Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 1a Ed. Martins Fontes - SP, (1982),2004.

\_\_\_\_\_. **Doença mental e psicologia.** Trad. Lilian Rose Shalders. Coleção Biblioteca Tempo Universitário. Vol. 11. 2.ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet.** 1ª Edição. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011.

GIL, G. **Ministro da Cultura, Gilberto Gil, na homenagem a Sergio Vieira de Mello.** Disponível: <<http://thacker.diraol.eng.br/mirrors/www.cultura.gov.br/site/2004/08/19/ministro-da-cultura-gilberto-gil-na-homenagem-a-sergio-vieira-de-mello/>>. Acesso em:21 nov. 2016.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação.** v. 16 n. 47, maio/ago. 2011.

GUARESCHI, P. A. Ética e paradigmas. In: PLONER, KS., et al., org. **Ética e paradigmas na psicologia social** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 313 p. ISBN: 978-85-99662-85-4. Available from SciELO Books < <http://books.scielo.org/id/qfx4x>> Acesso em: 19 out. 2016.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online.** Tradução por Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

ICANN. O que é a ICANN? **ICANN.** 2017. Disponível em:<<https://archive.icann.org/tr/portuguese.html>>. Acesso em 05 jun. 2017.

KNOLL; BRITO. Afinal professor o que é tecnologia. **Gazeta do povo.** 2014. Disponível em:< <http://www.gazetadopovo.com.br/blogs/educacao-e-midia/afinal-professor-o-que-e-tecnologia/>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

LEMO, A. Ciberespaço e Tecnologias Móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: 15º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO. Bauru, 2006. **Anais...** Bauru-SP: UNESP, 2006. p. 1-17.

LACROSE, F. L. NUNES, S. A. Artes marciais e desenvolvimento humano: Uma revisão de literatura. **Revista Digital efdeportes**, Buenos Aires, v. 19, n.202, 2015.



Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd202/artes-marciais-e-desenvolvimento-humano.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

LEMOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MAHEIRIE, K. Constituição do Sujeito, Subjetividade e Identidade. **Interações**. Campo Grande – MS. vol. 7, n.13, p. 31-44, jan./jun. 2002.

MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) **Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial**. Londrina:eduel, 2003. p.11-25.

MATTOS, P. L. C. L. A entrevista não-estruturada como forma de conversação: razões e sugestões para a sua análise. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 39, n. 4, p. 823-847, jul./ago. 2005.

MOIOLI, A. **A Relação das Novas Mídias de Comunicação e o Esporte: rupturas e conflitos para a formação moral a partir da representação social do futebol**. 2013. 308 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2013.

MORÃO, K.G. **Os efeitos do sexting no contexto esportivo universitário**: uma tentativa de traçar o perfil dos envolvidos. 2017. 134f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2017.

OLIVEIRA, J. P.; LEAL, L. A. P. **Capoeira, Identidade e Gênero**: Ensaio sobre a história social da Capoeira no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2009.

O que é uma fanpage? **ALDABRA**. Disponível em: <<https://aldabra.com.br/artigo/o-que-e-uma-fanpage>>. Acesso em: 17 dez. 2017.

RAMPAZZO, L. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 7ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

REY, F.G. Vygotsky's Concept of Perezhivanie in The Psychology of Art and at the Final momento f His Work: Advancing His Legacy. **Mind, Culture, and Activity**. vol. 3, 2016.

REY, F.G.; GOULART, D.M.; BEZERRA, M.S. Ação Profissional e Subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação**. Porto Alegre: PUC-RS, v. 39, n. esp., 554-565, 2016

RIBEIRO, F.P. Capoeira: Esporte e Cultura do Brasil no Mundo. **Exame**. 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/rede-de-blogs/brasil-no-mundo/2016/05/07/capoeira-esporte-e-cultura-do-brasil-no-mundo/>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

RIBEIRO, E. N.; MENDONÇA G. A. de A.; MENDONÇA A. F. de. **A importância dos ambientes virtuais de aprendizagem na busca de novos domínios da EAD**. abr.2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/4162007104526am.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

RIGHETTI, S. Curso on-line não pode servir só para diminuir os custos, diz especialistas. **Folha de São Paulo**. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/07/1796380-curso-on-line-nao-pode-servir-so-para-diminuir-os-custos-diz-especialista.shtml>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

RODRIGUES, S. Wiki é um sucesso. Mas o que é wiki. **Veja**. 2017. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/wiki-e-um-sucesso-mas-o-que-e-wiki/>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

REBUSTINI, F. **A vulnerabilidade no esporte e a exposição às novas mídias: um estudo sobre o Twitter**. 2012. 109 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2012.

SAFERNET. Quem Somos. **Safernet**. 2008. Disponível em: <<http://www.safernet.org.br/site/institucional>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

SARAIVA, T. **Educação a Distância no Brasil: lições da história**. Em Aberto, Brasília, ano 16, n. 70, p.17-27, abr./jun. 1996.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. v. 28, n. 1, p. 101-108, jan./mar 2012.

STERNE, J. Bourdieu, technique and technology. **Cultural Studies**. v. 17, n. 3-4, p. 367-389, 2003.

SKINNER, B.F. **Ciência e Comportamento Humano**. Brasília: Ed. UnB/ FUNBEC, (1953), 1970.

ZANETTI, M. C. **SECOND LIFE®: Corpo ou Avatar? Realidade ou Fantasia?** 2011. 179 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Humano e Tecnologia) – Instituto de Biociências, Universidade Júlio Mesquita Filho. Rio Claro. 2013.

ZORZIM, T.J.I. **Internet, Cultura do Consumo e Subjetividade de Jovens**. 2013. 104f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) – Instituto de Psicologia, Centro Universitário FIEO. Osasco. 2013.

ZYWICA, J.; DANOWSKI, J. The Faces of Facebookers: Investigating Social Enhancement and Social Compensation Hypotheses; Predicting Facebook™ and Offline Popularity from Sociability and Self-Esteem, and Mapping the Meanings of Popularity with Semantic Networks. **Journal of Computer-Mediated Communication**. v.14, p.1-34, 2008.

**APÊNDICE 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.)****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE  
(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/12)**

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa “Capoeiragem e Tecnologias: Possibilidades Culturais”, sob a responsabilidade do pesquisador Arthur Bernardino Domene Sena, portador do RG. 38.768.321-5 SSP-SP, coordenado pelo prof. Dr. Afonso Antonio Machado.

Pretende-se compreender a possível relação entre esporte, tecnologia e subjetividade coletiva. Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista contendo quinze perguntas que será registrada por um gravador de áudio. Caso o Sr (a) não permita a utilização das suas gravações, existe a possibilidade do entrevistador documentar as informações no momento da pesquisa escrevendo em papel. Ainda assim, caso o entrevistado não se sinta à vontade, a pesquisa poderá ser encerrada e as mesmas serão descartadas (deletadas).

As etapas para sua participação no estudo consistirão em:

- 1) O TCLE será entregue pessoalmente ao Sr (a). Solicitamos a leitura do documento e, caso aceite participar da pesquisa, o Sr (a) deverá assinar o termo informando a compreensão e aceite.
- 2) Caso não haja possibilidade da entrega ser feita pessoalmente ao entrevistado, o TCLE será enviado por e-mail ao Sr (a). Solicitamos a leitura do documento e, caso aceite participar da pesquisa, o Sr (a) deverá imprimir o TCLE, assiná-lo, escaneá-lo e enviá-lo para o e-mail do pesquisador.
- 2) Caso não aceite participar da pesquisa poderá nos informar por e-mail da sua decisão; ou se não entrar em contato conosco, consideraremos que não participará da pesquisa.
- 3) Ao aceitar o convite para participar do estudo, agendaremos a entrevista por telefone.
- 4) A entrevista poderá ser realizada tanto pessoalmente, quanto à distância por FaceBook, ou Skype, de acordo com as possibilidades do entrevistado.
- 5) A entrevista é composta por perguntas que buscam compreender a relação dos capoeiristas, o uso de tecnologias e a produção de subjetividade. Você as responderá verbalmente e o entrevistador gravará o áudio simultaneamente. Para

sua informação, seus dados pessoais (identidade) serão mantidos em sigilo. Desse modo, terceiros ou pessoas não autorizadas estarão impossibilitadas de lhe identificar.

Os eventuais riscos físicos que poderão surgir durante sua participação na pesquisa são inexistentes, podendo ocorrer certo constrangimento, insegurança e/ou desconforto em questões que você julgar de foro íntimo. Neste caso, o pesquisador avaliará tecnicamente o grau de desconforto e, se necessário, disponibilizará apoio psicológico ao Sr (a) por meio de um profissional qualificado (psicólogo), nas dependências do LEPESPE (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte) UNESP, Rio Claro-SP, sem custo desse serviço, caso o Sr (a) julgar pertinente.

Quaisquer dúvidas ou possíveis esclarecimentos que surgirem poderão ser perguntados ao pesquisador, caso o Sr (a) julgue necessário, em qualquer momento da pesquisa seja antes, durante ou depois da entrevista.

Se o Sr (a) aceitar participar, estará contribuindo para o desenvolvimento dos estudos na área de psicologia do esporte para compreender as relações entre subjetividade, esporte e tecnologia. Se depois de consentir em sua participação, o Sr (a) quiser interromper sua participação, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes, durante ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo para o Sr (a).

(a) Sr (a) não terá nenhuma despesa, salvo a necessidade de deslocamento para entrevistas. Nesse caso, o LEPESPE não poderá arcar com esses custos e a entrevista ocorre à distância, ou o pesquisador se dirigirá até o participante conforme as possibilidades. Vale ressaltar que o Sr (a) não será remunerado por participar da pesquisa. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo.

Se o Sr (a) se sentir suficientemente esclarecido sobre essa pesquisa, seus objetivos, eventuais riscos e benefícios, convido-o (a) a assinar este Termo, elaborado e enviado por e-mail, sendo que a via original ficará com o Sr (a) e a via escaneada do original com o pesquisador.

**Título do Estudo:** “Capoeiragem e Tecnologias: Possibilidades Culturais”

**Pesquisador Responsável:** Arthur Bernardino Domene Sena

**Cargo/função:** Mestrado em “Desenvolvimento Humano e Tecnologias”

**Instituição:** Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP Rio Claro/SP

**Endereço:** Av. 24A, 1515, Bela Vista

**Dados para Contato:** fone (019) 3526-9640 e-mail: arthur.bernardino@hotmail.com

**Orientador:** Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

**Instituição:** Universidade Paulista Júlio de Mesquita Filho- UNESP Rio Claro/SP

**Endereço:** Av. 24A, 1515, Bela Vista

**Dados para Contato:** fone (019) 3526-4322 ou pelo email: [afonsoa@gmail.com](mailto:afonsoa@gmail.com)

**Contato do CEP (Comitê de Ética em Pesquisa):** (19) 3526-9678 / (19) 3526-9605  
/ (19) 3526-4105

**E-mail do CEP:** cepib@rc.unesp.br

---

Assinatura do participante

---

Assinatura do pesquisador responsável

Data: \_\_/\_\_/\_\_

## **APÊNDICE 2 – Roteiro da Entrevista Semi Estruturada**

### **Socioeconômico**

- 1.Nome
- 2.RG
- 3.País e Estado de Origem
4. Gênero
- 5.Qual grau da sua formação
6. Qual sua profissão?

### **Sobre as práticas da Capoeira**

7. Você utiliza alguma rede social virtual? Se sim, qual(is)?
8. Para quê você utiliza tais redes sociais? Detalhe o máximo que puder.
9. Você conhece capoeiristas que utilizam tais redes sociais virtuais? Se sim, qual(is)? Detalhe o máximo que puder.
10. Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia? Se sim, qual(is)?
11. Seu grupo de capoeira utiliza as redes sociais virtuais e/ou tem algum site? Se sim, qual (is)?
12. Para quê seu grupo de capoeira utiliza as redes sociais virtuais? Detalhe o máximo que puder.
13. Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se sim, o quê? Detalhe o máximo que puder.
14. Onde você procurou material relacionado a capoeira?
15. Você já fez/faz alguma dessas atividades abaixo nas redes sociais virtuais?
  - Aprender a tocar instrumentos
  - Baixar músicas
  - Aprender músicas
  - Ensinar movimentos de capoeira
  - Aprender movimentos de capoeira
  - Divulgar eventos de capoeira
  - Divulgar nome de grupos de capoeira
  - Realizar oficinas de confecção de instrumentos de capoeira
  - Assistir apresentação de grupos de capoeira

16. Qual sua graduação na capoeira? Qual grupo você faz parte? Quanto tempo você pratica capoeira?

### APENDICE 3 - Transcrições das Entrevistas

A seguir, as transcrições das entrevistas com os capoeiristas. A letra “A” sinalizará a fala do entrevistador e “C” a dos capoeiristas. “A” e “C” também conterão números em sua composição, que servirão para indicar em qual trecho as transcrições se encontram, bem como a correspondência dos diálogos (pergunta/resposta). Ex: “A<sub>1</sub>”, “C<sub>1</sub>”; “A<sub>2</sub>”, “C<sub>2</sub>”.

Quando necessário, foi colocada entre parênteses a fala do transcritor para explicar alguma situação, ou fala dos participantes, por exemplo:

A<sub>1</sub>: Quantos anos o senhor tem?

C<sub>1</sub>: A eu tenho ... (ruídos externos atrapalharam a transcrição)

Os nomes das pessoas e/ou grupos de capoeira que foram citados pelas falas dos entrevistados foram todas abreviadas por motivos de sigilo.

Cabe ao momento ressaltar que para uma maior agilidade das entrevistas as questões de cunho socioeconômicos não foram gravadas, apenas registradas em papel pelos entrevistados. Portanto, todas as transcrições começaram a partir da questão número 7, de modo a agilizar o trabalho da pesquisa de campo evitando ao máximo atrapalhar as aulas de capoeira, ou até a evasão dos possíveis entrevistados.

Ao final de cada entrevista foi colocado traçada uma linha indicando o fim da entrevista.

#### ENTREVISTA 1

A<sub>1</sub>: Boa noite o mestre S.

C<sub>1</sub>: Boa noite.

A<sub>2</sub>: Você utiliza alguma rede social virtual? Se sim, quais? Aqui como exemplo eu tenho: Facebook; WhatsApp; Twitter; Instagram; YouTube ou outros.

C<sub>2</sub>: É WhatsApp.

A<sub>3</sub>: WhatsApp.

C<sub>3</sub>: WhatsApp, Face Book e... Acho que só. O resto não me interessa mais não.

A<sub>4</sub>: Principalmente, então Face Book e WhatsApp. Tá ok. É. Para que você utiliza tais redes sociais?



C4: A comunicação... dizem nós vivemos num país... num Estado soci... na sociedade, e nós vivemos é... sempre atendendo às expectativas das pessoas e enfim a gente manter aquele, aquela amizade, aquela comunicação, a... nesses veículos de comunicação, onde se quer... hoje, por exemplo, está a tecnologia... está tão avançada que numa fração de segundos você sabe as notícias de qualquer pessoa que esteja ao nosso... nossa, nossa rede, nossos contatos. E isso é muito importante, até para capoeira mesmo, de saber... a divulgar, de saber notícia, de transmitir alguma coisa, de passar alguma informação, de colher informação, de pesquisa. É enfim, acho que as pessoas... hoje tá muito bom... o Facebook, é o WhatsApp, o resto eu... é eu acho que esses dois aí, eu acho que está bom.

A5: Tá ok. Pergunta número 9: Você conhece capoeiristas que utilizam alguma rede social virtual? Se sim, quais eles utilizam?

C5: Nome deles, ou o veículo que eles utilizam?

A6: É, o veículo que eles utilizam.

C6: É. Eu acho que maioria dos capoeiristas usa esse... é... que eu conheço onde, eu estou que é no Face Book e no WhatsApp. No Instagram eu nunca fui, nunca participei então que eu conheço só esses dois aí, e aí a gente vê muitos capoeiristas divulgando, grande trabalho, divulgando é... seu espaço, comunicando resultado de pesquisa. Isso a gente vê muito isso no Facebook.

A7: Tá ok. Pergunta número 10: Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia? Se sim, quais? Por exemplo: smartphone; tablet; câmeras fotográficas; filmadoras; ou outros.

C7: Geralmente quando a gente vai fazer um evento, a gente corre por esses meios. Primeiro a gente colhe dados, dados com é... com vídeos, dados celular. Né. Várias maneiras... várias forma de celulares, né. E colhe vídeo e colhe informação e a gente envia na rede social.

A8: Tá ótimo. O seu grupo utilizar algum... algum tipo de Tecnologia?

C8: Sim. Tanto meu grupo, quanto é... meu espaço também nós colhemos o site... sites para divulgação do trabalho, divulgação da capoeira, sites para acolhimento de pesquisa. É eu acho que são sites, né. E divulgação em revistas, livros... essas coisas.

A9: Para quê que o outro grupo utiliza essas redes sociais virtuais?

C9: Pra divulgar seu trabalho. Divulgação do seu trabalho...

A10: Divulgação dos eventos?

C<sub>10</sub>: Dos eventos, dos eventos internos, dos eventos externos, eventos do grupo. Por exemplo, meu grupo é um grupo enorme, então geralmente a gente está sempre em contato com esses grupos. A gente tá vendo a pesquisa deles.

A<sub>11</sub>: Tá ok. Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se sim, o quê que você procurou?

C<sub>11</sub>: Olha sem querer me gabar. Eu tenho 36 anos de prática de capoeira. Eu sou mestre de capoeira e geralmente eu não procuro muito, porque eu tenho muita informação, onde eu já treinei muito, já aprendi bastante. E assim, a formação geralmente são as pessoas que já me colheram muita informação comigo e eu contribuí muito para... para a divulgação do seu trabalho, a sua pesquisa e deixa eu ter registrado que eu estou de porta aberta para atender a expectativa de todas as pessoas que precisam de nós... de saber mais da nossa cultura popular brasileira.

A<sub>12</sub>: Tá ótimo. Então, a pergunta 14 é: Onde você procurou material relacionado a capoeira? Então...

C<sub>12</sub>: Antigamente... Pode dizer?!

A<sub>13</sub>: Pode!

C<sub>13</sub>: É. Antigamente quando eu estava mais novo na capoeira, eu queria saber mais sobre capoeira. Então, eu encontrava em vídeos, pesquisas em revistas, pesquisas em livros, é... Eu lembro duma história, quando eu ministrava aula de capoeira num projeto, eu tinha um professor que ele ficou colado na minha área mais ou menos oito meses colhando dados da... atrav... da sua... do seu trabalho de antropologia, aonde que me disse que... coisas que eu disse para ele, foi tão importante para ele, que ele nunca viu literatura. Então, a prática do mestre, a prática da capoeira, na... na assimilação do mestre, é coisa muito importante.

A<sub>14</sub>: A vivência...

C<sub>14</sub>: Vivência, vivência com mestre, né. Porque, geralmente nós temos aí muitos anos... Tem gente que tem 50 anos, 60, 70 anos de prática de capoeira. Quanto essa pessoa é rica em termos de cultura. Tem muita informação, muita coisa pra passar. E até hoje eu... eu música de capoeira quantas tema de Cultura muita coisa para passar é hoje eu quando tem alguma, alguma dúvida eu recorro nos livros, recorro nas informações, nas entrevistas. Grandes mestres estão, por exemplo, mestre que chega assim ensina a capoeira com a sua entrevista. Diga... assim eles dizem, por exemplo, "Ah! Que capoeira nunca foi feita para o outro

capoeirista mas que a capoeira foi feita para o outro capoeirista, mas que... a capoeira foi feita para que é... ser jogada com o outro e nunca contra o outro.”

A<sub>15</sub>: Perfeito. É mestre, por favor, responda se você já fez alguma dessas atividades abaixo ou ainda faz nas redes sociais virtuais: Você já, pelas redes sociais, aprendeu a tocar instrumentos?

C<sub>15</sub>: Não.

A<sub>16</sub>: Não. É, baixou músicas da internet?

C<sub>16</sub>: Já.

A<sub>17</sub>: Aprendeu alguma música por meio da internet?

C<sub>17</sub>: Não.

A<sub>18</sub>: Expôs algum movimento de capoeira, no sentido de fazer videoaulas?

C<sub>18</sub>: Não.

A<sub>19</sub>: Aprendeu alguma movimentação de capoeira?

C<sub>19</sub>: Não.

A<sub>20</sub>: É, divulgou eventos de capoeira pela rede?

C<sub>20</sub>: Já divulguei, já.

A<sub>21</sub>: Divulgou nome de grupos de capoeira, ou algum evento de outros grupos de capoeira?

C<sub>21</sub>: Compartilhei.

A<sub>22</sub>: Compartilhou. Já realizou oficinas de confecção de instrumentos e registro disso que alguma maneira?

C<sub>22</sub>: Ah! Eu acho que registraram... haha... (pequena risada) minha oficina eu particularmente, eu ministrei a oficina, mas não registrei.

A<sub>23</sub>: Entendi, mas registraram...

C<sub>23</sub>: Registraram.

A<sub>24</sub>: Entendi. Assistiu alguma apresentação de grupo pelas redes, por redes sociais? Como YouTube; Facebook alguma...

C<sub>24</sub>: Sim. Facebook a gente vê bastante vídeo, divulgação de trabalhos, é... Enfim, principalmente vídeos que a turma gosta de divulgar seu trabalho, né. E isso aí para mim foi muito bom, muito bom. De vez em quando, eu vejo e, se puder, eu compartilho também se for interessante.

A<sub>25</sub>: Entendi. Mestre, a última pergunta, são três juntas: Qual o grupo que o senhor faz parte? Qual a sua graduação e quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>25</sub>: Comecei a capoeira em 1978 com grande mestre chamado... grande professor de capoeira chamado F. Q., que foi o discípulo do mestre J., onde esse mestre J. foi discípulo de... do homem que desenvolveu a capoeira regional no Brasil chamado Manoel dos Reis Machado. Isso em 79 (abreviação falada de 1979) conheci o mestre T. que eu precisava saber um pouquinho mais sobre a nossa cultura popular. Aí então, eu o convidei para que esse rapaz fosse, fosse é... ministrar aula num projeto que eu desenvolvi na Companhia Paulista de Força e Luz. Onde que eu criei, organizei um grupo chamado C. F. L. e isso foi praticamente 1984, 83... Não, minto... 1981 e onde que esse mestre T. ministrou aula de capoeira com mestre G., com o mestre M. É, depois eu formei... foi formado... esse mestre T. me formou capoeira. Em 1990 cheguei ao título de mestre de capoeira, mestre cordão branco, branco verde. E depois esse mestre parou capoeira e eu fui acolhido pelo mestre dele. Chama-se R. R. S. É que é onde que esse mestre também é discípulo de Manoel dos Reis Machado o homem que criou a capoeira regional no mundo. 1999 recebi a graduação de mestre cordão branco, cordão inteiramente branco, a última a graduação. Aonde eu permaneço e honro essa graduação até hoje ministrando aula de capoeira onde nós estamos.

A<sub>26</sub>: Ok. Muito obrigado. Estamos finalizando a entrevista. Agradeço a participação e colaboração mestre.

C<sub>26</sub>: Olha! Nós estamos aí, para o que der e vier. Vamos...

A<sub>27</sub>: Muito obrigado.

## ENTREVISTA 2

A<sub>1</sub>: Tá gravando. Você utiliza alguma rede social? Se sim, qual, ou quais? Face Book, WhatsApp, Twitter, Instagram, YouTube, ou alguma outra?

C<sub>1</sub>: Huum. Bom Face Book, WhatsApp, YouTube. Essas três eu utilizo.

A<sub>2</sub>: Tá Ok. Deixa eu anotar aqui. Face Book, WhatsApp, YouTube. Para que você utiliza tais redes sociais?

C<sub>2</sub>: Bom... É... O Face Book é questão assim social, de... de informação com os amigos. Né. WhatsApp trabalho, o YouTube mais pra pesquisa.

A<sub>3</sub>: Tá Ok. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma rede social virtual? Se sim, quais redes eles utilizam?

C3: Ah, não conheço. Se assim... Sei que utilizam o YouTube pra questão de pesquisa.

A4: Entendi...

C4: Os poucos que eu... que eu... que eu tenho mais contato. Né.

A5: Entendi. Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia, como: smartphone, tablet, câmera fotográfica, ou filmadora?

C5: Smart sim, Smartphone sim.

A6: Smatphone.

C6: Sim.

A7: O seu grupo utiliza algum tipo dessas tecnologias?

C7: Não.

A8: Não utiliza.

C8: Não. (Nesse momento um dos alunos do mestre de capoeira interveio e disse: “WhatsApp”)

C9: Ah! WhatsApp. É o WhatsApp pra contato.

A10: Vocês têm um grupo de... (o aluno de capoeira interveio completando a fala do entrevistador dizendo WhatsApp) WhatsApp do... da B. M. Tá ok. Você já procurou algum material de capoeira na internet?

C10: Já.

A11: O que que você procurou?

C11: Ah, mais movimentação.

A12: Movimentação.

C12: Movimentação de golpes em treino.

A13: Entendi. Onde você procurou esse material de capoeira? Face Book, WhatsApp...

C13: No YouTube.

A14: No YouTube.

C14: É.

A15: Você já fez, ou faz alguma dessas atividades - Aí eu vou pedir pra você responder com “sim”, ou “não” – por meio das redes sociais virtuais? É aprender a tocar algum instrumento?

C15: Não.

A16: Baixou músicas de capoeira?

C16: Sim.

A<sub>17</sub>: Aprendeu alguma música?

C<sub>17</sub>: Sim.

A<sub>18</sub>: Expôs movimentos de capoeira...

C<sub>18</sub>: HUUuum, não, não.

A<sub>19</sub>: ... na internet?

C<sub>19</sub>: Eu, eu fazendo exposição não.

A<sub>20</sub>: Entendi. Já gravaram você?

C<sub>20</sub>: Pra divulgação... é... Só em movimentos de jogo. Né. De repente tem uma roda...

A<sub>21</sub>: Entendi.

C<sub>21</sub>: ... alguém tá filmando e aquele momento tá você jogando capoeira. Aí sim.

A<sub>22</sub>: Entendi. É... Divulgou já algum evento de capoeira?

C<sub>22</sub>: É... Eu mesmo ainda não.

A<sub>23</sub>: Ok. É... Divulgar nome de grupos?

C<sub>23</sub>: Também não.

A<sub>24</sub>: Também não. Realizou oficina, ou confecção é... de instrumentos de capoeira e gravou na rede?

C<sub>24</sub>: Não.

A<sub>25</sub>: Não. Assistiu apresentação de grupos de capoeira na internet?

C<sub>25</sub>: Sim.

A<sub>26</sub>: Qual sua graduação na capoeira?

C<sub>26</sub>: Contramestre.

A<sub>27</sub>: Contramestre. É... o grupo que você faz parte é só o B. M.?

C<sub>27</sub>: É só o B. M.

A<sub>28</sub>: Quanto tempo você tem de prática de capoeira?

C<sub>28</sub>: Desde 81... 81 a 97 dá? 36 anos. 2017!

A<sub>29</sub>: Acho que é. 36 anos. Está certo professor. Muito obrigado.

### ENTREVISTA 3

A<sub>1</sub>: V. você utiliza alguma rede social virtual como: Face Book; WhatsApp; Twiter; Instagram, ou YouTube?

C<sub>1</sub>: Eu uso Face Book; WhatsApp e YouTube.

A2: Para que você utiliza essas redes sociais?

C2: É mais para interagir com... Com os amigos mesmo. É... contato. Quase na pra... Não fico mexendo muito mais. Pra interação mesmo. YouTube também pra acompanhar alguns canais que eu gosto de série, música, essas coisas.

A3: Entendi. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma rede social virtual? Se sim, quais redes eles utilizam?

C3: Que eu conheço: o Face Book; WhatsApp; YouTube também. E pra... pra mesmo uso que eu, assim mais.

A4: Interação...

C4: É interação... Tem capoeirista que usa pra divulgação do trabalho, YouTube né... Conheço também.

A5: Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: smartphone; tablet; câmera fotográfica; filmadora, ou outros?

C5: No máximo fotos. Divulgação por fotos nas redes sociais.

A6: Tá ok. O seu grupo utiliza alguma dessas tecnologias?

C6: A gente tem um grupo no What'sApp que é onde a gente combina treino, utiliza pra fins... pra esses fins.

A7: Entendi. Então, você já acabou respondendo a pergunta número 12, né. Que o "Para que que funciona... É para que que utiliza... Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se sim, o que?

C7: Já procurei músicas de capoeira, letras, movimentos em vídeos. Acho que só.

A8: Só?!

C8: Que eu me lembre, sim.

A9: músicas, movimentos e vídeos né?!

C9: Isso.

A10: É... você procurou algum material relacionado a capoeira nessas... em alguma dessas redes sociais?

C10: Acho que principalmente YouTube aqui. Toque de berimbau já; músicas também procurei em YouTube; e os movimentos são nele também que eu procuro. É a maioria das coisas é YouTube. É foge um pouquinho do YouTube quando é letra de música. Daí acaba procurando na web mesmo, no Google.

A11: Você, então já aprendeu a tocar instrumento, ou não? É baixou, baixou música...

C<sub>11</sub>: Já. Já aprendi alguns toques pela internet sim. Pelo YouTube.

A<sub>12</sub>: Você já expôs algum movimento seu na internet?

C<sub>12</sub>: Não... Não.

A<sub>13</sub>: Aprendeu movimentos pela internet?

C<sub>13</sub>: Sim.

A<sub>14</sub>: Divulgou eventos de capoeira, já?

C<sub>14</sub>: Já. Já. No Face Book já compartilhei...

A<sub>15</sub>: Então, você já compartilhou nome de grupo também?

C<sub>15</sub>: Divulguei nome de grupo.

A<sub>16</sub>: Realizou oficina de confecção de instrumento de capoeira?

C<sub>16</sub>: Já re... Já participei. Não realizei.

A<sub>17</sub>: Entendi. É apresentou... Fez alguma apres... Assistiu alguma apresentação de capoeira?

C<sub>17</sub>: Sim vários. Várias apresentações.

A<sub>18</sub>: Por favor, qual que é a sua graduação na capoeira?

C<sub>18</sub>: Eu não sou graduado. Eu tenho cordão amarelo e azul. Que é não considerado ainda...

A<sub>19</sub>: É aluno. Né?!

C<sub>18</sub>: É aluno. Ainda não é considerado nem instrutor, nem professor.

A<sub>20</sub>: Aham. Qual grupo você faz parte?

C<sub>20</sub>: Da B.M.

A<sub>21</sub>: É quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>21</sub>: 4 anos.

A<sub>22</sub>: Muito obrigado!

#### ENTREVISTA 4

A<sub>1</sub>: M., você utiliza alguma dessas redes sociais é virtuais? Se sim, qual ou quais? Face Book; What'sApp; Twitter...

C<sub>1</sub>: É eu uso... bastante o Face Book e o What'sApp e o YouTube. O Instagram eu não tenho e o Twitter também não.

A<sub>2</sub>: Tá ok. Para que você utiliza tais redes sociais?

C<sub>2</sub>: Ah, mais pra interagir com... amizades, com outras pessoas, poder divulgar algumas... alguns trabalhos, poder receber algumas informações também



que são sempre interessantes. Eu acho que qualquer rede social você filtra bastante, mas... Entorno de 10 a 20 por cento é... são aproveitáveis né.

A<sub>3</sub>: Entendi. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma dessas redes sociais? Se sim, quais?

C<sub>3</sub>: Assim, é... Eu mesmo participo de uma da... do nosso grupo do What'sApp. Né. É mas existem várias outras... Outros capoeiristas que se utilizam do... Do Face Book. Acho que são as duas principais. Viu?! Sinceramente acho que são as duas principais.

A<sub>4</sub>: Você já realizou algo de capoeira por meio de alguma dessas tecnologias como *smartphone*, é tablet, câmera fotográfica, filmador, ou outros?

C<sub>4</sub>: É aqui, se eu já registrei? Como seria? Se eu já... é...

A<sub>5</sub>: Se você já...

C<sub>5</sub>: Recebi alguma coisa e separei, ou gravei?

A<sub>6</sub>: Isso. Se você gravou, por exemplo, alguma movimentação sua para postar na rede...

C<sub>6</sub>: Ah! Não. Não.

A<sub>7</sub>: Alguma foto...

C<sub>7</sub>: Minha mesmo não, mas eu recebo de vários outros grupos de capoeira e, às vezes, até divulgo na minha rede social, é... aquilo que eu acho interessante.

A<sub>8</sub>: Então, você compartilha. Né?!

C<sub>8</sub>: Sim. Compartilho.

A<sub>9</sub>: Seu grupo utiliza alguma dessas tecnologias?

C<sub>9</sub>: O What'sApp. O grupo no What'sApp.

A<sub>10</sub>: Para que seu grupo utiliza essas tecnologias?

C<sub>10</sub>: Ah! Mais para divulgação; companheirismo; para poder tá atualizado com os movimentos e com as atividades dos outros grupos. Né. Eu acho que, como é... em qualquer outra profissão, qualquer outra atividade. Né. Social. Acho que a utilização é bem parecida. Né?! No caso de um grupo de capoeira é interessante a divulgação do próprio trabalho, né. E... e... da, das próprias é... a Divulgação de... De eventos. Né.principalmente, é isso aí amplia bastante a... a possibilidade de você poder tá participando das atividades dos outros grupos como um todo. Né.

A<sub>11</sub>: Entendi. Você já procurou algum material de capoeira na internet?

C<sub>11</sub>: Sim. Já procurei vários. Né. Principalmente sobre as movimentações dos golpes; das rodas de capoeira; poder observar a agilidade; flexibilidade; é... novos conceitos e tudo mais. É bem interessante. Já procurei sim.

A<sub>12</sub>: Estamos finalizando já. Onde você procurou tais materiais relacionados a capoeira? Face Book, WhatsApp, Twitter, Instagram, YouTube...

C<sub>12</sub>: YouTube e Face Book. Os dois. Acho que é o suficiente. A gente tem tudo lá.

A<sub>13</sub>: Tá ok. Você já fez alguma dessas atividades abaixo nas redes sociais? Aprender a tocar...

C<sub>13</sub>: Tocar instrumentos já.

A<sub>14</sub>: Instrumentos...

C<sub>14</sub>: Pandeiro.

A<sub>15</sub>: É... baixar músicas?

C<sub>15</sub>: Já, também.

A<sub>16</sub>: Aprender músicas?

C<sub>16</sub>: Não.

A<sub>17</sub>: Buscou movimentos de capoeira?

C<sub>17</sub>: Já.

A<sub>18</sub>: Aprender movimentos de capoeira?

C<sub>18</sub>: Também.

A<sub>19</sub>: Divulgar eventos de capoeira?

C<sub>19</sub>: Não.

A<sub>20</sub>: Divulgar nomes de grupos?

C<sub>20</sub>: Também não.

A<sub>21</sub>: Realizar oficinas de confecção de instrumentos?

C<sub>21</sub>: Não.

A<sub>22</sub>: Assistir apresentação de grupos de capoeira?

C<sub>22</sub>: Sim.

A<sub>23</sub>: Qual sua graduação na capoeira?

C<sub>23</sub>: Eu sou cordão amarelo e verde.

A<sub>24</sub>: Isso é aluno?!

C<sub>24</sub>: É aluno.

A<sub>25</sub>: Qual grupo você faz parte?

C<sub>25</sub>: Do grupo Beira Mar.

A<sub>26</sub>: Quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>26</sub>: Cinco anos.

A<sub>27</sub>: Cinco anos. Tá ok. Muito obrigado.

C<sub>27</sub>: Beleza!

---

## ENTREVISTA 5

A<sub>1</sub>: Boa noite, Mestre C.

C<sub>1</sub>: Boa noite.

A<sub>2</sub>: É... Vou fazer algumas questões para o senhor sobre a utilização das redes sociais pelos capoeiristas. Mestre, o senhor utiliza alguma dessas redes sociais abaixo como: Face Book; WhatsApp; Instagram; YouTube, ou alguma outra?

C<sub>2</sub>: Eu uso aqui é Face Book e o WhatsApp mais. Instagram e algumas gravações assim ao vivo, né. A gente passa através do Facebook.

A<sub>3</sub>: Entendi. É... Para que que você utiliza essas redes sociais?

C<sub>3</sub>: Para que as pessoas é... através é... conheça nossa academia, nosso trabalho, que... Enfim, pra conquistar é... Alunos, né. Que hoje tá... Tá difícil por causa de tantas... Tantas modalidades e tudo mais que tem no mercado. Então, para essa parte da capoeira, o lado cultural né... As coisas da cultura vai ficando um pouco para trás. Entrou muita coisa em moda no momento, e aí a gente tem que usar também os meios de comunicação pra poder chegar mais próximo, atingir o objetivo de ter o aluno na academia.

A<sub>4</sub>: Entendi. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma dessas redes sociais que nós citamos? Se sim, quais redes esses capoeiristas utilizam?

C<sub>4</sub>: É a maioria dos capoeiristas usa a... Todas as redes sociais. Né. Instagram e tudo mais. Tudo o que é possível fazer pra estar divulgando o trabalho eles usam.

A<sub>5</sub>: Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: smartphone; tablet; câmera fotográfica; filmadora, ou outro?

C<sub>5</sub>: Não. Ainda não.

A<sub>6</sub>: O seu grupo utiliza dessas tecnologias: filmadoras, telefone?

C<sub>6</sub>: Sim.

A<sub>7</sub>: É... Para que que eles utilizam as redes sociais?

C7: É para o mesmo objetivo. Tá... tá conseguindo através das redes sociais mostrar o trabalho da... Do grupo e da academia e também, às vezes, até para se promover pessoalmente.

A8: É. Você já procurou mestre, algum material de capoeira na internet? Se sim, que tipo de material você procurou?

C8: É hoje a gente procura através da internet livros, né. É documentários de alguns mestres. Alguns documentos que foram escritos no passado. Né. Para que a gente se aproxime mais das raízes da capoeira. Às vezes, a gente utiliza né... alguma, algum documento que as pessoas tenham colocado na internet. Né. Nesse novo tempo agora, né. O tempo da informática e tudo.

A9: Tá ok. Estamos finalizando. Desses locais é... Da internet onde o senhor procurou material relacionado a capoeira. Você encontrou em quais meios de comunicação: Facebook...

C9: Mais no Google.

A10: No Google?!

C10: Uhum.

A11: É, então está ok. No YouTube o senhor chegou a procurar algo?

C11: No YouTube também.

A12: No YouTube também. Você já fez alguma dessas atividades abaixo nas redes sociais? Vou citar pra você e aí o senhor fala se fez, ou não.

C12: Uhum.

A13: O senhor já aprendeu a tocar instrumento por meio das redes sociais?

C13: Não, porque nas... nas redes sociais, às vezes, chega também coisas que não é... Por isso que capoeira a gente procura... A gente pode buscar, por meio das redes sociais, mas também pode chegar muita coisa que não é, que não é correto.

A14: Entendi.

C14: Entendeu?!

A15: É já baixou músicas?

C15: Sim.

A16: Aprendeu alguma música pela... pela internet?

C16: Ah! Eu como... Como eu vivo dentro da capoeira há trinta e cinco anos, então não tem essa necessidade, mas tem muita gente que aprende... Tem alunos que buscam e aprendem pela internet.

A<sub>17</sub>: É. O senhor já expôs algum movimento de capoeira na internet como... ensinando alguma movimentação?

C<sub>17</sub>: Sim. Sim.

A<sub>18</sub>: É. Aprendeu movimentos de capoeira pela internet?

C<sub>18</sub>: Não. Eu mesmo não.

A<sub>19</sub>: É. O senhor já divulgou eventos de capoeira pela internet?

C<sub>19</sub>: Sim.

A<sub>20</sub>: Nome de algum outro grupo? Já divulgou nome de grupos de capoeira pela internet? Algum evento?

C<sub>20</sub>: É cada grupo quando faz as realizações dos eventos, eles divulgam e promovem o evento através da internet hoje em dia. Antigamente, a gente colocava os cartazes nos postes (risos de ambos, mestre e entrevistador). Agora né... Tudo mudou.

A<sub>21</sub>: Entendi. O senhor já realizou oficinas de confecção de instrumento pela... e jogou na rede?

C<sub>21</sub>: Não. Isso não, mas a gente realiza confecções de instrumentos e... eu, eu não fiz isso, mas tem muita gente que faz e tem muita gente que pesquisa também confecções de instrumentos pela internet.

A<sub>22</sub>: Tá ok. Mestre, aqui no grupo C.O. qual é a sua graduação?

C<sub>22</sub>: Eu tô hoje no limite máximo de mestre. Né. Mestre último grau.

A<sub>23</sub>: Quanto o tempo o senhor pratica capoeira?

C<sub>23</sub>: 37 anos.

A<sub>24</sub>: 37 anos. Tá ok, então. Mestre nós estamos finalizando a entrevista. Quero agradecer pela participação.

C<sub>24</sub>: Eu que agradeço.

## ENTREVISTA 6

A<sub>1</sub>: Boa noite. É você utiliza alguma das redes sociais virtuais? Se sim, quais?

C<sub>1</sub>: Sim. É o Facebook, o WhatsApp, o Instagram e o YouTube.

A<sub>2</sub>: Pra que você utiliza essas redes sociais?

C<sub>2</sub>: Face Book e o Instagram pra... é meio social. What'sApp é comercial e pessoal.

A<sub>3</sub>: Tá ok. Você conhece capoeiristas que utilizam de algumas dessas redes sócias? Se sim, quais eles utilizam?

C<sub>3</sub>: Sim. Todas as que foram citadas no item 7.

A<sub>4</sub>: Tá ok. Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: smartphone, tablet, câmera, filmadora?

C<sub>4</sub>: Sim. Pelo smartphone, por câmera fotográfica e filmadora.

A<sub>5</sub>: Tá ok. Seu grupo utiliza alguma dessas tecnologias?

C<sub>5</sub>: Sim. Ah... Todas as do item 7 também.

A<sub>6</sub>: Tá ok. Para quê o seu grupo utiliza essas redes sociais.

C<sub>6</sub>: Para meio de divulgação.

A<sub>7</sub>: Entendi. Você procurou algum material de capoeira na internet. Se sim, o que você costuma procurar.

C<sub>7</sub>: Sim. É movimentos, musicalidade, é... E também conhecer pessoas do meio.

A<sub>8</sub>: Tá ok. Onde você costuma procurar material relacionado a capoeira?

C<sub>8</sub>: No Face Book, no Instagram também e... e no What'sApp.

A<sub>9</sub>: Tá ok. É. Você já fez alguma dessas atividades abaixo nas redes sociais virtuais, por exemplo: aprender a tocar instrumentos; baixar música; aprender músicas; expor movimentos de capoeira; aprender movimentos de capoeira; divulgar eventos; divulgar nomes de grupos; realizar oficinas de confecção de instrumento; ou assistir apresentação?

C<sub>9</sub>: Sim, a todos.

A<sub>10</sub>: Qual sua graduação na capoeira e quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>10</sub>: É eu sou instrutor há 6 anos de capoeira.

A<sub>11</sub>: 6 anos.

C<sub>11</sub>: Isso.

A<sub>12</sub>: Nós finalizamos a entrevista e eu agradeço a participação.

---

## ENTREVISTA 7

A<sub>1</sub>: Boa noite. Você utiliza alguma rede social virtual? Se sim, quais?

C<sub>1</sub>: Sim. O Facebook e o WhatsApp.

A<sub>2</sub>: Para que você costuma utilizar essas redes sociais?

C2: No caso, para se comunicar com amigos mais próximos e da capoeira também que estão distantes.

A3: É. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma rede social virtual? Se sim, quais eles costumam utilizar?

C3: Geralmente se faz mais uso do Facebook, do YouTube e do Instagram.

A4: Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: Smartphone; tablet; câmera fotográfica; ou filmadora.

C4: Sim, já registrei. Smartphone; câmera fotográfica e filmadora.

A5: Seu grupo utiliza alguma dessas tecnologias?

C5: Sim, utilizam.

A6: Qual é a que costuma utilizar?

C6: Usa filmadora, né. Smartphone para tá publicando, para publicidade do grupo e eventos, está convocando pessoal para estar se matriculando no grupo, aumentar a quantidade de participantes no grupo, né.

A7: Você já procurou algum material de capoeira na internet?

C7: Sim. Já procurei tipo música, as sequências, livros né. As histórias da capoeira também, tem muito livro contando a parte oral, as experiências vividas pelos mestres.

A8: Ok. Onde você costuma procurar esse material relacionado a capoeira?

C8: Geralmente eu procuro mais no YouTube e no Google. E no Facebook também tem algumas páginas que são interessantes.

A9: Você já fez alguma dessas atividades abaixo nas redes sociais: Aprender a tocar instrumento; baixar músicas; aprender músicas; expor movimentos de capoeira; aprender movimentos de capoeira; divulgar eventos; divulgar nome de grupos; assistir apresentação de capoeira?

C9: Sim. A grande maioria sim. Aprender tocar instrumentos, né; abaixar músicas; aprender a música. Ok?! Aprender os movimentos capoeira; divulgar os eventos; divulgar nome do grupo. Ok?! Assistir apresentação também para... é bem válido essas... compartilhar essas experiências.

A10: Ok. Qual sua graduação na capoeira?

C10: Graduação atualmente instrutor.

A11 Instrutor?

C11: Sim. Faço parte do grupo C.O. e já prático há 15 anos capoeira

A<sub>12</sub>: Tá ok. Agradeço pela participação. Muito obrigado.

---

## ENTREVISTA 8

A<sub>1</sub>: Boa noite, por favor qual seu nome?

C<sub>1</sub>: É O.

A<sub>2</sub>: O., você utiliza alguma rede social virtual para a capoeira?

C<sub>2</sub>: Sim.

A<sub>3</sub>: Que tipo de rede social que você costuma utilizar?

C<sub>3</sub>: Então, a gente é... Facebook principalmente, porque a divulgação pública de várias coisinhas do próprio grupo e também de outros grupos. WhatsApp. Geralmente para informações internas do grupo, é questão de organização de eventos, concorrência, então algumas coisas de encontros. É... Instagram também para principalmente pessoas que tiram foto, que... as pessoas colocam só se for coisa de capoeira. Que mais? Usamos Wordpress. Eu não sei se pode ser considerado como rede social, mas a gente usa isso como meio de comunicação também. É o que mais... é acho que isso. Pensar o que falei... YouTube é claro para assistir vídeo, mas tá meio tudo encaixado. É de vez em quando Vimeo que faz também coisas igual ao YouTube. Então, tem essas coisas. E é pra capoeira é principalmente só isso. Né.

A<sub>4</sub>: Entendi. Você conhece capoeiristas que utilizam essas redes sociais? Se sim, quais eles costumam utilizar?

C<sub>4</sub>: Então, é claro que conheço. Então, e a maioria usa realmente o Facebook, porque você consegue atender um maior público. Até o próprio público teu também eu cuido da parte de fazer essas campanhas no Facebook então a gente Vista um pouquinho também para fazer essas campanhas no Facebook. Então, a gente investe um pouco de dinheiro pra fazer uma divulgação pouco maior, mais pública. E é... tem pessoas que eu conheço que usam Instagram para divulgação de fotos. Isso, mesmo claro. É isso principalmente. Aí aqui a gente usa Wordpress para nosso próprio site. É até... geralmente... eu conheço mais pessoas que usam o Wordpress para divulgação por parte do grupo dele. Então, nesse sentido. O YouTube de vídeos.

A<sub>5</sub>: Tá ótimo. Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: smartphone; tablet; câmera?



C<sub>5</sub>: Sim. Como eu sou administrador do nosso próprio site, eu faço a divulgação dos materiais e aí eu uso... de vez em quando faço um upload imagem, imagem aqui da academia, ou algum evento, ou eu compartilho material de outras pessoas que enviam para mim. Então, dessas coisas assim.

A<sub>6</sub>: Tá ok. O seu grupo utiliza alguma tecnologia? Se sim, quais?

C<sub>6</sub>: Além do Facebook e as coisas... WhatsApp para coisas internas principalmente, ou piadas. Né?! Que é normal. Também eu acho que... Wordpress. Conheço pessoas do nosso grupo que usam o Instagram, fazem edição de vídeo mesmo. Então, já é de um nível bem mais avançados, vídeos mais sofisticados. Até também temos fotógrafos que fazem também a edição através do Photoshop, ou algo similar. Não sei exatamente quais coisas eles usam, mas pela qualidade das fotos dá para ver que foram tratados em alguma forma certa.

A<sub>7</sub>: Legal. É, para que seu grupo de capoeira utiliza geralmente as redes sociais virtuais? Esse aqui você já comentou de angariar alunos. Né?!

C<sub>7</sub>: É sim, então divulgar nome do grupo, fazer propaganda e principalmente Facebook a gente usa mais para isso. E internamente o WhatsApp é mais usado, pelo menos eu uso isso como divulgação de informações internas. Porque o público do WhatsApp é bastante limitado. Se tem um grupo lá tá limitado as 255 pessoas, então...

A<sub>8</sub>: Tá bom. Material de capoeira você já procurou algum material na internet? Se sim, que tipo de material você costuma procurar?

C<sub>8</sub>: Não... é claro! Pra curiosidade e tudo isso já procurei tudo que eu consegui achar. Então, vídeos; músicas; coisas para aprender movimento; eventos; histórias; material histórico para ver como era. Então, fazer pesquisa sobre a capoeira, ou seja, coisa presente também, ou evolução e também coisa histórica para saber sobre os mestres que conhecia. O próprio mestre também, além das falas e dos contos que ele fala também... Ver o que que é o mundo fora, pensa... ver umas coisa dessa. Né. Desse jeito mesmo, para aprender realmente é sobre a capoeira em tudo.

A<sub>9</sub>: Entendi. Quase finalizando. Onde você procura material relacionado a capoeira?

C<sub>9</sub>: Na internet! (risos do entrevistando e pesquisador) Em geral, principalmente se eu procuro alguma específica eu uso Google. Claro. É então, realmente seguindo uns canais no YouTube, tem uns canais lá que eu sigo. Eu não

uso Twitter, eu não sei se nosso grupo tem alguma coisa relacionada a Twitter, mas o resto também... o Facebook eu sigo também pelas conexões com os amigos, eu consigo me informar desse jeito.

A<sub>10</sub>: Certo. Qual sua graduação na capoeira?

C<sub>10</sub>: É, eu sou instrutor do grupo C.O. Aí, já completando isso, desde 2001. Estão fazendo quase hoje 16 anos de capoeira.

A<sub>11</sub>: Está ótimo. Agradeço pela participação. Muito obrigado.

C<sub>11</sub>: Obrigado. Muito sucesso!

---

## ENTREVISTA 9

A<sub>1</sub>: Por favor, qual seu nome?

C<sub>1</sub>: Meu nome é M. H. e o apelido na capoeira é B. Sou... tenho título de mestre de capoeira pela academia C.O. de Campinas.

A<sub>2</sub>: Ok. M., por favor, você utiliza alguma rede social virtual como: Facebook; WhatsApp; Twitter; Instagram; YouTube ou alguma outra enquanto capoeirista?

C<sub>2</sub>: Sim, normalmente eu utilizo para ver alguns vídeos de alguns colegas meus. E quando eu gravo CD, ou escrevo um livro para fazer um lançamento também faço a divulgação para festas.

A<sub>3</sub>: Dessas redes, quais que você costuma utilizar?

C<sub>3</sub>: Tenho o Face, que aqui nós postamos no Face e o WhatsApp aonde que dá para gravar... gravar um filminho. Né. Fazer um bate-papo com pessoal.

A<sub>4</sub>: Tá ok. Você conhece outros capoeiristas que utilizam alguma dessas redes sociais? Se sim, quais eles costumam utilizar?

C<sub>4</sub>: Sim, eu tenho um capoeirista aqui. Inclusive, estive conversando com ele, que é o M. e ele faz um trabalho pessoal, dele em cima, né. Da... dessa rede de comunicação que é o Face. Inclusive, tem uma página dele falando sobre o trabalho que ele... que ele realiza. Então, ele grava, ele faz a aula através. Né. Ele faz aula e posta no Facebook e pessoas podem estar acompanhando o trabalho dele.

A<sub>5</sub>: Você já registrou algo de capoeira por alguma tecnologia como: smartphone; tablet; câmera; fotográfica; filmadora ou algum outro tipo?

C<sub>5</sub>: Eu sou compositor e também sou escritor e, às vezes, quando tenho uma ideia eu utilizo o meu celular para estar registrando no local. Diferente do passado

onde é que eu levava um caderninho de bolso para notar. Hoje eu já anoto diretamente no celular.

A<sub>6</sub>: Você utiliza, então outras tecnologias... (risadas do pesquisador)

C<sub>6</sub>: Aham! Outras tecnologias. (risadas do entrevistado)

A<sub>7</sub>: Para que seu grupo utiliza essas redes sociais virtuais?

C<sub>7</sub>: Hoje eu vejo que o meu mestre, ele utiliza essas redes para divulgar o trabalho deles. De repente, para apresentar academia, para apresentar para as pessoas as modalidades que rola aqui dentro da academia, o que está acontecendo. Então, é uma excelente fonte para divulgar, né, o trabalho gratuitamente. Inclusive, os alunos, né, aumentaram agora esse mês porque um aluno daqui criou uma página onde que trabalha nessa área de comunicação. E mais, além dele criar uma página também criou um grupo dos alunos formados daqui da... da, do C.O. que a gente se comunica e passa as mensagens, inclusive data de batizado, as festas, encontros as caronas. Inclusive, amanhã eu vou viajar e só consegui carona por causa do...

A<sub>8</sub>: Do meio de comunicação.

C<sub>8</sub>: Do meio de comunicação. “Tem um lugarzinho para mim?, É alguém uma carona pra mim?” Se não eu estava fora.

A<sub>9</sub>: Tá ótimo, muito bom. Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se procurou, que tipo de material que você procura?

C<sub>9</sub>: É nós temos vídeo e quanto tá assistindo o vídeo tem as movimentações. Algumas movimentações que a gente tem condições de tá fazendo. Né. Então, algumas sequências. É algo que pode inspirar a gente para tá fazendo treino. Também fazer pesquisa sobre algum mestre de capoeira que nós não temos acesso diretamente, ou mesmo endereço de academia, de viagens. Às vezes, a gente vai fazer viagem para outro Estado, precisa do endereço da academia. Então, é lá onde é que nós encontramos endereço das pessoas e coloca no mapa, né, e chegamos lá.

A<sub>10</sub>: Tá ótimo. Quando você vai procurar um algum material sobre capoeira, qual rede social geralmente você utiliza como: Facebook WhatsApp; Twitter; Instagram; YouTube?

C<sub>11</sub>: É, se for fazer uma pesquisa acadêmica, né. Aí eu trabalho com o Yahoo, né. Com essas linhas, mas, no caso de distração, eu vou lá no Face mesmo e, às vezes, um colega meu quer uma coisa no WhatsApp também, né, entra como

distração. Mas uma pesquisa mais acadêmica a gente trabalha com os artigos que é um com o outro trabalho.

A<sub>12</sub>: Eu vou citar algumas atividades e eu queria que você dissesse para mim se você faz ou já fez alguma dessas atividades: aprender a tocar instrumento; baixar músicas; aprender músicas; expor movimentos de capoeira na internet; aprender movimentos de capoeira na internet; divulgar eventos de capoeira; divulgar nomes de grupos; e realizar oficinas de confecção de instrumento gravando na internet e assistir apresentação de grupos pela rede.

C<sub>12</sub>: Assistir apresentação, realizar evento de capoeira e pegar movimentação de capoeira. Então, são esses movimentos, são essas coisas que nós utilizamos. Se comunicar com os capoeiristas, né. Que é uma coisa importantíssima. A gente não consegue ver o pessoal que está em outro país, também é o momento da gente se comunicar também se aproximar, também com outros. Fazer um comentário do que eles postaram também. Então, tudo isso daí é importante.

A<sub>13</sub>: A sua graduação aqui no grupo C. O. é mestre...

C<sub>13</sub>: Mestre!

A<sub>14</sub>: Qual nível de mestre?

C<sub>14</sub>: Mestre de primeiro grau.

A<sub>15</sub>: Quanto tempo você já pratica capoeira?

C<sub>15</sub>: 32 anos.

A<sub>16</sub>: 32 anos. Tá ok. Agradeço pela participação e vou encerrar a entrevista por aqui.

## ENTREVISTA 10

A<sub>1</sub>: Boa noite, por favor, qual seu nome?

C<sub>1</sub>: É M. R.

A<sub>2</sub>: M. você utiliza alguma dessas redes sociais abaixo? Se sim, quais?  
Como: Facebook; WhatsApp; Twitter; Instagram; YouTube.

C<sub>2</sub>: De todas essas a única que eu uso é o YouTube.

A<sub>3</sub>: Tá ok. Para que você costuma utilizar essa rede social?

C<sub>3</sub>: Para ver sempre variedades, pesquisar sobre diversos tipos de coisa e principalmente para ver material de capoeira.

A4: Você conhece capoeiristas que utilizam alguma dessas redes sociais citadas anteriormente? Se sim, quais que eles costumam utilizar?

C4: A maioria dos capoeiristas que eu conheço utilizam todas. Todas as redes sociais.

A5: Tá ok. Eles costumam utilizar mais para quê?

C5: Ah, a qual a utilização de todos, né, estar se relacionando com as outras pessoas buscando diversos tipos de conteúdo.

A6: Você já registrou algo de capoeira por alguma tecnologia como: smartphone; câmera fotográfica; tablet; filmadoras?

C6: Já! Câmera; tablet; smartphone. Com certeza.

A7: Seu grupo utilizou alguma dessas tecnologias?

C7: Sim. Meu grupo tá bem presente na internet e nas redes sociais.

A8: Tá ok. Para que seu grupo costuma utilizar essas redes sociais?

C8: Para divulgar a parte institucional do grupo e para estar divulgando os diversos eventos do grupo que acontecem durante o ano, porque o grupo está em mais de 70 países. Então, é a ferramenta mais barata e mais rápida para todo mundo ter acesso a esse calendário.

A9: Você já procurou algum tipo de material na internet relacionado a capoeira? Se, sim o que você costuma a procurar?

C9: Eu costumo procurar jogos de capoeira, né. Mais do meu grupo, né. Para estar sempre vendo... como eu vou dizer... A aparência visual do jogo, a identidade visual do jogo da capoeira do meu grupo que é... é bem diferente da maioria dos outros, né. E estar buscando sempre, estar observando a funcionalidade dessa nossa capoeira frente às outras dos outros grupos e vice-versa.

A10: Onde que você costuma procurar esse material relacionado a capoeira? Facebook; WhatsApp; Twitter; Instagram; YouTube ou algum outro?

C10: Eu recebo muito material no WhatsApp, né. As outras redes sociais eu já não sou tão fã. Né. Eu sou mais resguardado, mas procurar! Sempre no YouTube. Diariamente estou procurando no YouTube esse conteúdo.

A11: Tá ok. Tem como uma série de atividades abaixo. Eu vou falar ao elas e você, por favor, responda se já fez ou não. Você já aprendeu a tocar instrumentos por meio da internet ou baixar músicas?

C11: Sim já baixei músicas e alguns toques específicos da capoeira já procurei na internet com formados do meu grupo ensinando o passo-a-passo, né.

A<sub>12</sub>: Ok. Já aprendeu músicas, ou expôs os movimentos de capoeira?

C<sub>12</sub>: Já aprendi músicas, nunca expus movimentos, mas já aprendi movimentos.

A<sub>13</sub>: Já divulgou eventos de capoeira, ou algum grupo de capoeira pela internet?

C<sub>13</sub>: Não. Não cheguei a divulgar, mas já vi a divulgação de vários eventos do meu grupo, de outros grupos e fui no evento participar.

A<sub>14</sub>: Tá ok. Você já realizou confecção de instrumentos e gravou essa confecção, ou apresentou, assistiu apresentações de grupos de capoeira?

C<sub>14</sub>: Já assisti apresentações de vários grupos, já confeccionei instrumentos, né, nas oficinas que meu mestre ministra, mas não pra... no intuito de eu estar expondo, mas essas oficinas acabaram sendo gravadas e expostas na internet, no YouTube, em redes sociais.

A<sub>15</sub>: Finalizando. Qual a sua graduação, o grupo que você faz parte e quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>15</sub>: Eu sou da C.O. Eu estou na graduação amarela. Eu estou na C.O. há 7 anos, mas eu vim de um outro grupo chamado B.M. que é da mesma linhagem, que era do mestre do mestre do atual agora, o mestre T. E na B.M. eu tenho... fiquei uns 8 anos na B. M. então, devo ter uns 14, 15 anos de capoeira.

A<sub>16</sub>: Está bem. Então, finalizamos por aqui e eu agradeço sua cooperação.

C<sub>16</sub>: eu que agradeço.

---

## ENTREVISTA 11

A<sub>1</sub>: Boa tarde. Professor T., você utiliza alguma rede social virtual como: Facebook; Twitter; Instagram; YouTube, ou alguma outra em relação a capoeira?

C<sub>1</sub>: Utilizo. Eu utilizo Facebook; WhatsApp; Instagram e o YouTube. Menos o Twitter, porque eu, na verdade, não tenho o Twitter.

A<sub>2</sub>: Tá ok. Para que você utiliza tais redes sociais?

C<sub>2</sub>: Vamos assim dizer: o Facebook e o Instagram para o lado comercial da minha empresa, né. Que hoje eu tenho uma escola de capoeira. Então, com a intenção de divulgar e trazer mais alunos e também de divulgar a capoeira, mas principalmente com a intenção de trazer pessoas interessadas em ter aula com a gente. O YouTube é mais a intenção de mostrar como funciona a aula, como

funciona o trabalho. Lógico que pode acontecer de pessoas também assistirem e também virem fazer aula com a gente. Agora o WhatsApp eu utilizo como uma forma de comunicação com os pais, os nossos clientes. Os pais de alunos, como eu trabalho muito com crianças, então por exemplo a gente tem oito turmas, então a gente oito grupos no WhatsApp. E com a intenção de criar esse vínculo com o pai também não pode tá aqui todo dia pra tá com o filho, então deixa o filho aqui e a gente mantém o contato com eles. Tem esse sentido o da rede social.

A<sub>3</sub>: Tá ok. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma dessas redes sociais virtuais que nós citamos? Se sim, quais?

C<sub>3</sub>: Conheço, conheço bastante capoeiristas. É que eu vejo que o pessoal usa muito hoje em dia é o Facebook. Até qual a minha... como é a minha intenção de trazer mais pessoas, trazer mais alunos para o meu trabalho. Eu vejo muitas pessoas fazendo isso também, utilizando do Facebook.

A<sub>4</sub>: Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: smartphones; tablets; câmeras fotográficas; filmadoras ou algum outro tipo de tecnologia?

C<sub>4</sub>: Ah! Sempre, sempre utilizo. Final da aula vou tirar foto com smartphone. Eu utilizo sempre o smartphone, né. Mas assim, faz uma transmissão ao vivo no Facebook, ou grava um vídeo para poder postar no Facebook, ou mesmo mostrar no YouTube e assim por diante.

A<sub>5</sub>: Quando você grava esses vídeos costuma ser com que smartphone mesmo, ou alguma outra maneira de gravação?

C<sub>5</sub>: Não, com smartphone mesmo. Porque hoje é muito prático, é mais fácil. O smartphone está no seu bolso você tira e já começa a gravar.

A<sub>6</sub>: Seu grupo utiliza alguma dessas tecnologias? Se sim, quais?

C<sub>6</sub>: Utiliza o smartphone, é... o tablet também. Acho que são as tecnologias mais fácil você estar. Às vezes, até filmadora é um pouco mais difícil, porque, comparado com smartphone, uma boa filmadora vai ser caro. Né. Então, acho que tablets e smartphone utiliza sim.

A<sub>7</sub>: Ok. Para que o seu grupo de capoeira utiliza tais redes sociais virtuais?

C<sub>7</sub>: Ah! Para manter informado integrantes do grupo do mundo todo como é que tá acontecendo os trabalhos dentro do nosso grupo, também para trazer mais alunos. Até pela questão de você mesmo não conhecendo a pessoa que faz parte do seu grupo, mantém contato com ela.

A<sub>8</sub>: Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se sim, descreva por favor?

C<sub>8</sub>: Já, bastante! Uniforme de capoeira; livros de capoeira; filmes em DVD, documentários de capoeira. Sempre, sempre! Mesmo que eu não vá comprar eu sempre procuro. Ah! Também não só esse lado comercial, mas também artigos de capoeira, matérias, artigo científico também. Então, sempre estou procurando. No lado comercial, às vezes, nem com a intenção de comprar, mas para saber como é que tá também no mercado a capoeira, né.

A<sub>9</sub>: Onde você costuma procurar esse material relacionado a capoeira?

C<sub>9</sub>: Ah! Eu procuro... primeiro quando eu quero assim um material que eu quero comprar, ou mesmo pesquisar artigo científico... Artigos científico já têm as bases próprias pra isso, mas material roupa instrumentos eu já procuro primeiro no Google. Aí depois, se eu achei alguma coisa, às vezes, eu vou ao Facebook para procurar a página daquele trabalho, daquela loja, daquele site. E também acesso sites próprio da loja, se for necessário.

A<sub>10</sub>: Você já fez alguma dessas atividades, que eu vou citar, nas redes sociais virtuais: você já aprendeu a tocar algum instrumento pela internet?

C<sub>10</sub>: Não, pela internet nunca aprendi nenhum instrumento.

A<sub>11</sub>: Você já baixou músicas?

C<sub>11</sub>: Baixar músicas já. Baixei várias músicas de CD, né.

A<sub>12</sub>: Já aprendeu alguma música?

C<sub>12</sub>: Várias, várias!

A<sub>13</sub>: Já expôs movimentos de capoeira?

C<sub>13</sub>: Vários também.

A<sub>14</sub>: Aprendeu movimentos de capoeira?

C<sub>14</sub>: Sim, já.

A<sub>15</sub>: Divulgou eventos de capoeira?

C<sub>15</sub>: Já, bastante.

A<sub>16</sub>: Divulgou nomes de grupos de capoeira?

C<sub>16</sub>: Sim. Sim.

A<sub>17</sub>: Realizou oficinas de confecção de instrumento e gravou e postou na internet?

C<sub>17</sub>: Sempre.



A<sub>18</sub>: Já assistiu apresentação de grupos de capoeira, ou alguma outra atividade?

C<sub>18</sub>: Já, já sim.

A<sub>19</sub>: Qual sua graduação na capoeira, o grupo que você faz parte e quanto tempo você pratica?

C<sub>19</sub>: Eu sou... minha graduação do grupo S., então eu sou do grupo S. de capoeira, minha graduação de professor, a cor da minha corda é marrom e roxo. E eu pratico capoeira há 18 anos.

A<sub>20</sub>: Ok! Muito obrigado. Estamos encerrando a entrevista.

---

## ENTREVISTA 12

A<sub>1</sub>: Boa noite, P. Tudo bom?

C<sub>1</sub>: Tudo bom. E com você?

A<sub>2</sub>: Tudo bom também. P. você utiliza alguma rede social virtual como: Facebook; Twitter; Instagram; YouTube, ou alguma outra em relação a capoeira?

C<sub>2</sub>: Sim, eu uso principalmente o WhatsApp e de forma moderada e quase nunca um Facebook, mas eu hoje também.

A<sub>3</sub>: Para que você costuma utilizar essas redes sociais? Descreva o seu máximo que você puder.

C<sub>3</sub>: Bom, eu utilizo essas redes sociais mais para divulgar mesmo quando tem aula quando, tem qualquer evento para conversar com o meu mestre, que é o meu professor, e os outros participantes são meus colegas que são alunos também. Isso também eu uso para compartilhar com alguém da minha família, com os meus amigos e com os meus pais.

A<sub>4</sub>: Você conhece capoeiristas que utilizam alguma rede social virtual? Se sim, que tipo de rede que eles utilizam?

C<sub>4</sub>: Sim eu conheço. Um, até aqui de Rio Claro, que é o M. ele usa o Facebook, muito Facebook para poder divulgar a capoeira que ele faz, o trabalho que ele faz quando ele reúne mestres e professores numa roda, não me lembro se é semanal, ou mensal... mas ele junta numa roda professores, mestres e é uma roda de capoeira onde a gente pode jogar, cantar e tocar. Além do meu professor que usa muito o WhatsApp para conversar com os próprios alunos e o Facebook para divulgar os eventos.

A<sub>5</sub>: Ótimo. Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia? Se sim, quais tecnologias você utilizou?

C<sub>5</sub>: Eu particularmente não usei, mas se for contar como grupo, assim o professor e outras pessoas... aí sim a gente já filmou, já gravou, já teve áudio, já postamos muitas vezes a gente cantando alguma música, ou então o próprio evento onde já teve fotos, filmagens, gravações mesmo. E se for contar pelos meus pais eles tiram muitas fotos que postam. Eles fazem eles fazem questão de postar para mostrar para todo mundo a capoeira em si.

A<sub>6</sub>: O seu grupo costuma utilizar algum tipo de tecnologia para registrar capoeira? Se sim, qual?

C<sub>6</sub>: Sim, o nosso grupo usa muito redes sociais para poder divulgar. É seria, seria isso... redes sociais para gente poder divulgar e compartilhar coisas interessantes sobre capoeiras, músicas novas de capoeiras, vídeos de mestres novos e a divulgação dos nossos e dos eventos de outras pessoas.

A<sub>7</sub>: Quais redes sociais o seu grupo costuma utilizar?

C<sub>7</sub>: Nós usamos muito WhatsApp e o Facebook em menor escala, mas Facebook também.

A<sub>8</sub>: Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se sim, o que?

C<sub>8</sub>: Sim, eu já procurei... em questão de material eu procurei mais sobre a história mesmo da capoeira, como surgiu o nosso grupo, da onde que ele veio, porque que saiu a capoeira, porquê do nome “capoeira”, porque dos movimentos. Eu já pesquisei isso através da internet que é um meio mais... hoje é um meio mais fácil, mais prático e mais rápido procura.

A<sub>9</sub>: Onde você costuma procurar esse material relacionado a capoeira?

C<sub>9</sub>: A maioria das vezes eu procuro no ambiente particular da minha casa através do computador eu procuro pelo Google, que é o que a gente, mas eu também uso Firefox que é um ótimo navegador também.

A<sub>10</sub>: Vou descrever algumas atividades abaixo e eu quero que você, por favor, diga se já fez, ou não utilizando as redes sociais. Você já aprendeu a tocar algum instrumento?

C<sub>10</sub>: Pelas redes sociais não, nenhum.

A<sub>11</sub>: Você já baixou música?

C<sub>11</sub>: Já, muito.

A<sub>12</sub>: Aprendeu alguma música de capoeira?

C<sub>12</sub>: Sim, também muitas.

A<sub>13</sub>: você já expôs movimentos de capoeira nas redes sociais?

C<sub>13</sub>: Não.

A<sub>14</sub>: Já aprendeu movimentos de capoeira?

C<sub>14</sub>: Sim.

A<sub>15</sub>: Divulgou algum evento de capoeira?

C<sub>15</sub>: Já também.

A<sub>16</sub>: Você já divulgou nome de grupos de capoeira pelas redes sociais?

C<sub>16</sub>: Não.

A<sub>17</sub>: Você já realizou oficinas de confecção de instrumentos de capoeira e gravou nas redes?

C<sub>17</sub>: Já participei, mas não gravei nas redes.

A<sub>18</sub>: Você já assistiu apresentação de grupos nas redes sociais?

C<sub>18</sub>: Já!

A<sub>19</sub>: Qual a sua graduação, o grupo que você faz parte e quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>19</sub>: Eu ainda sou aluno o grupo. Meu grupo é o grupo S. de R.C. Hoje fez 11 anos.

A<sub>20</sub>: Nós vamos encerrar por aqui a entrevista e eu agradeço a sua participação.

---

### ENTREVISTA 13

A<sub>1</sub>: Seu nome, por favor?

C<sub>1</sub>: J.C.

A<sub>2</sub>: J.C. Tudo bom? Vamos começar a nossa entrevista. Você utiliza alguma rede social virtual? Se sim, qual, ou quais redes você utiliza?

C<sub>2</sub>: Ah, utilizo sim! Utilizo o Facebook; o WhatsApp; Twitter de vez em quando; Instagram e o YouTube principalmente para capoeira, para buscar algumas... movimentos novos, músicas também, rodas espalhadas pelo Brasil e o mundo. Para visualizar. Sabe?! É adquirir mais conhecimento, assim aumentar minha base de conhecimento, expandi-la.

A<sub>3</sub>: Entendi. Nessas redes sociais você, então buscar mais a parte de movimentação da capoeira?

C3: Também! Movimentação, musicalidade, é... como posso dizer? É meio como uma experiência, né cara. Porque geralmente ficar muito fechado só aqui no estúdio é coisa, porque aqui é um treino. Aqui é um treino com as pessoas que eu conheço, com as pessoas que eu convivo. Então, é um treino que eu já conheço mais as pessoas, que eu sei o que possivelmente vão fazer. Agora já no... quando eu vou no YouTube, por exemplo, buscar em rodas, eu vejo estilos diferentes de jogo, estilos diferentes de musicalidade, de formação da banda que toca e assim por diante. Mas, no meu caso, é bem mais para movimentação.

A4: Tá ótimo. Você conhece capoeiristas que utilizam alguma rede social virtual? Se sim, quais redes eles costumam usar?

C4: Olha! Eu vejo bastante capoeirista no YouTube no Instagram e no Facebook, que são as maiores. Porque, por exemplo, até mesmo os capoeiristas que eu sigo pelo YouTube, para ver movimento, tanto para o Facebook também postam coisas lá tipo: organizando uma roda tal dia. Daí eles colocam “criando eventos” lá; no Instagram postando fotos do treino, até mesmo vídeos do treino fazendo Live, né, mostrando o treino deles. É isso.

A5: Você já registrou algo de capoeira por meio de alguma tecnologia como: smartphone; tablet; câmera fotográfica; filmadora; ou algum outro tipo de Tecnologia?

C5: Já! Já! Geralmente eu faço bastante isso quando tem os eventos, né. Uso quando o T., um professor aqui, cria eventos: rodas; troca de corda; batizado; essas coisas. Eu sempre estou aí direto pedindo para alguém filmar, tirar uma foto com os mestres que ele traz para cá, postando filmando. Sempre.

A6: Quando você filma e grava, que tipo de tecnologia que você usa?

C6: Ah, eu uso mais meu celular smartphone e, de vez em quando, o pessoal vai tirar fotos aí é filmadora e câmeras.

A7: O seu grupo costuma utilizar algum tipo de tecnologia para registrar capoeira? Se sim, qual?

C7: Sim, sim. Tem até um tipo de experiência que a gente treina que é colocar, de vez em quando, quando estamos sozinhos treinando um movimento isolado: Filmar, gravar fazer o movimento e depois voltar para ver onde você errou no movimento. Então, a gente está direto usando a tecnologia desse jeito. Até mesmo para procurar coisas na internet com o próprio... para gravar a gente mesmo, divulgar para outras pessoas para que venham conhecer também a gente aqui.

A<sub>8</sub>: Para quê seu grupo costuma utilizar as redes sociais virtuais?

C<sub>8</sub>: Mais para divulgação, né. Até mesmo das aulas aqui no estúdio, como dos eventos que a gente faz.

A<sub>9</sub>: Tá ok. Você já procurou algum material de capoeira na internet? Se sim, o que?

C<sub>9</sub>: Já, já procurei. Tanto movimento, como música, como até mesmo algumas histórias de mestres, grandes mestres que estão aí. Bastante coisas desse tipo mesmo que eu procuro. Por exemplo, até mesmo esses tempos atrás, eu estava com uma dúvida sobre uma letra de música. Eu procurei a letra da música e acabei procurando a história do criador dessa música, do cara que escreveu ela. Daí eu já vou embalando nessas coisas, quando sobra um tempinho, já amplio meus conhecimentos sobre capoeira.

A<sub>10</sub>: Ótimo. Onde você procurou material relacionado a capoeira?

C<sub>10</sub>: Cara, procuro bastante no... em alguns sites específicos sobre capoeira e no YouTube. De vez em quando, até no Facebook tem alguma pessoas que colocam sabe... por exemplo, divulgam textos sobre a capoeira, por exemplo, textos; músicas; movimentação, então geralmente Facebook, YouTube e alguns sites que são focados mais em esportes, capoeira, entre outros.

A<sub>11</sub>: Tá ótimo. Eu vou citar algumas atividades e eu quero que você, por favor, me diga se realiza elas, ou não por meio das redes sociais virtuais: Você já aprendeu a tocar algum instrumento pelas redes sociais virtuais?

C<sub>11</sub>: Já! Já aprendi variações de toques, toques novos e... só. (nesse momento o capoeirista fala sobre toques de berimbau)

A<sub>12</sub>: Você já baixou músicas?

C<sub>12</sub>: Já, muitas.

A<sub>13</sub>: Você já aprendeu algum tipo de música?

C<sub>13</sub>: Sim.

A<sub>14</sub>: Você já expôs movimentos de capoeira nas redes sociais?

C<sub>14</sub>: Uma vez, mas sim.

A<sub>15</sub>: Você já aprendeu movimentos de capoeira pelas redes sociais?

C<sub>15</sub>: Várias vezes.

A<sub>16</sub>: Você já divulgou algum evento de capoeira pelas redes sociais?

C<sub>16</sub>: Sim.

A<sub>17</sub>: Você já divulgou nome de grupos de capoeira?

C<sub>17</sub>: Cara, grupo só o nosso. Que a gente aqui, usa utiliza aqui. Então, só.

A<sub>18</sub>: Você já realizou oficina de confecção de instrumentos e compartilhou nas redes sociais virtuais?

C<sub>18</sub>: Já compartilhei um evento que era sobre isso mesmo de confeccionar instrumentos, e uma aula prática com o mestre. Então, sim.

A<sub>20</sub>: Você já assistiu apresentação de grupos de capoeira uma, ou alguma outra atividade?

C<sub>20</sub>: Já!

A<sub>21</sub>: Qual a sua graduação na capoeira, o grupo que você faz parte e quanto tempo você pratica capoeira?

C<sub>21</sub>: Eu estou na graduação na... quarta corda... terceira! Desculpa. Terceira corda de adulto, na fase de adulto. Faço parte do grupo S.

A<sub>22</sub>: E quanto tempo você treina capoeira?

C<sub>22</sub>: Eu estou treinando capoeira há 7 anos.

A<sub>23</sub>: Tá ótimo! Nós estamos encerrando a nossa entrevista e eu agradeço sua participação.

---